



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA
FILHO -UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Campus de Presidente Prudente
Programa de Pós-Graduação em Geografia**

MARÍA FRANCO GARCÍA

**A LUTA PELA TERRA SOB ENFOQUE DE GÊNERO:
Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**

**PRESIDENTE PRUDENTE
Setembro de 2004**

MARÍA FRANCO GARCÍA

**A LUTA PELA TERRA SOB ENFOQUE DE GÊNERO.
Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema.**

Tese apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente da UNESP, para obtenção do título de Doutora.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Thomaz Júnior

PRESIDENTE PRUDENTE

Setembro de 2004

MARÍA FRANCO GARCÍA

**A LUTA PELA TERRA SOB ENFOQUE DE GÊNERO.
Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema.**

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Antonio Thomaz Júnior (UNESP- Presidente Prudente)

1º Examinador: Prof. Dr. Raul Borges Guimarães (UNESP- Presidente Prudente)

2º Examinadora: Profa. Dra. Fátima Moreira Salum (UNESP- Presidente Prudente)

3º Examinadora: Profa. Dra. Marta Inês Moreira Marques (USP- São Paulo)

4º Examinadora: Profa. Dra. Rosemeire Aparecida de Almeida (UFMS - Três Lagoas)

Presidente Prudente, 21 de Setembro de 2004.

*Às trabalhadoras e trabalhadores que lutam
por um Brasil sem latifúndio*

Agradecimiento a los que dejé

Siempre a papá, a mamá, a Jandro, a Kiki, a Marta y a Tor, os agradezco el quererme tanto como para haberme dejado marchar.

Agradecimiento aos que chegaram

Pasan lentos los días
muchas veces estuvimos solos.
Pero luego hay momentos felices
para dejarse en amistad.
Mirad:
somos nosotros.

Un destino condujo diestramente
las horas, y brotó la compañía.
Llegaban las noches. Al amor de ellas
nosotros encendíamos palabras,
las palabras que luego abandonábamos
para subir a más:
empezamos a ser los compañeros
que se conocen
por encima de la voz o de la seña

Ahora sí. Pueden alzarse
las gentiles palabras
-ésas que ya no dicen cosas-,
flotar ligeramente sobre le aire;
porque estamos nosotros enzarzados
en mundo, sarmentosos
de historia acumulada,
y está la compañía que formamos plena,
frondosa de presencias.
Detrás de cada uno
vela su casa, el campo, la distancia.

Pero callad.
Quiero deciros algo.

Sólo quiero deciros que estamos todos juntos.
A veces, al hablar, alguno olvida
su brazo sobre el mío

Y yo aunque esté callado doy las gracias,
porque hay paz en los cuerpos y en nosotros.
Quiero deciros cómo todos trajimos
nuestras vidas aquí, para contarlas.
Largamente, los unos con los otros
que nos sabemos bien, y en el recuerdo
el júbilo es igual a la tristeza.
Para nosotros el dolor es tierno

Ay el tiempo! Ya todo se comprende.

Jaime Gil de Biedma

Agradecimento a quem o fez possível

À minha mãe e ao meu pai por mostrar-me que é possível pensar diferente.
Ao amigo e mestre Antonio Thomaz Júnior por mostrar-me que é possível pensar em grande.
Ao Lima por mostrar-me que o máximo que podemos conseguir, seja o que for, é alegria.
Aos órgãos de fomento CAPES, CNPq e a Pro - Reitoria de Extensão Universitária e ao Programa de Pós - graduação em Geografia da Unesp de Presidente Prudente pela confiança depositada.

Um passo à frente e você já não está mais no mesmo lugar
Chico Science

Resumo

Esta pesquisa tem como problema a diferença existente na produção e reprodução de relações sociais de gênero nos lugares da Luta pela Terra, ou seja, os assentamentos e acampamentos rurais. Esta falta de sintonia espacial e de gênero tem repercussões políticas diretas. Se de um lado verificamos nos assentamentos com origem na luta do MST, a redução da esfera de participação da mulher trabalhadora na vida social e gestão territorial do seu entorno imediato, também observamos nos acampamentos uma tomada de consciência da contradição social em termos de classe e de gênero, através da mobilização social e organizativa.

A observação desses lugares nos leva a constatar a estrutura *generificada* do espaço como produto da organização social. E, nos encaminha a refletir a relação dialética da produção do espaço e construção das relações de gênero na dinâmica territorialização - desterritorialização - reterritorialização da Luta pela Terra. Ainda, analisar esta relação não se restringe apenas aos lugares da luta, os acampamentos e assentamentos rurais, enquanto realidades isoladas ou monolíticas, mas atingir a espacialidade escalar e abordar a dinâmica que os anima.

As redefinições do mundo do trabalho, e do ser que trabalha, na escala global junto com as transformações recentes da agropecuária brasileira são os recortes para apreendermos o desenho societal dos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra. Todavia, a análise do espaço se dirige para *geograficidade* das práticas e relações de poder que se estabelecem entre diferentes sujeitos sociais, homens e mulheres, em acampamentos e assentamentos rurais, entendendo estes lugares como escalas geográficas onde os trabalhadores e trabalhadoras Sem-Terra, anteriormente fragmentados, se unem numa comunidade definida politicamente.

Palavras-chave: Relações de gênero; Classe trabalhadora; Escala geográfica; Lugar; Assentamento; Acampamento; Luta pela Terra.

Resumen

El problema central de nuestra investigación reside en la diferencia existente en la producción y reproducción de las relaciones sociales de género en los lugares de la Lucha por la Tierra, es decir, los campamentos y asentamientos rurales. La falta de armonía espacial y de género tiene repercusiones políticas directas. Si por un lado verificamos en los asentamientos cuyo origen es la lucha del MST, la reducción de la esfera de participación de las mujeres trabajadoras en la vida social y en la gestión territorial de su entorno inmediato, también observamos en los acampamentos la toma de conciencia de la contradicción social en términos de clase y género, por medio de la movilización social y organizativa.

El examen de estos lugares nos lleva a constatar la estructura *generificada* del espacio como producto de la organización social. Asimismo, nos orienta hacia la reflexión de la relación dialéctica de la producción del espacio y la construcción de las relaciones de género en la dinámica territorialización-desterritorialización-reterritorialización de la Lucha por la Tierra. Pero, analizar esta relación no se limita apenas a los lugares de la lucha, los campamentos y asentamientos rurales, como realidades aisladas o monolíticas, sino alcanzar la espacialidad escalar y abordar la dinámica que los anima.

Las redefiniciones del mundo del trabajo y del ser que trabaja a escala global y las transformaciones recientes de la agropecuaria brasileña son los recortes que usamos para comprender el diseño societal de los trabajadores y trabajadoras sin tierra. Además, el análisis espacial se dirige hacia la *geograficidad* de las prácticas y relaciones de poder que se establecen entre diferentes sujetos sociales, mujeres y hombres, en los lugares construidos a lo largo del proceso de la Lucha por la Tierra. Siendo estos lugares escalas geográficas donde estos trabajadores y trabajadoras sin tierra, anteriormente fragmentados, se unen en una comunidad definida políticamente.

Palabras-clave: Relaciones de género; Clase trabajadora; Escala geográfica; Lugar; Campamentos; Asentamientos; Lucha por la Tierra.

Abstract

Our research interest resides in the existent difference in the production and reproduction of the social relationships of gender in the places of the Land Struggle, that is, the encampments and rural settlements.

The lack of space harmony and of gender has direct political repercussions. If on one hand we verify in the settlements whose origin is the struggle of the MST, the reduction of the sphere of the hard-working women's participation in the social life and in the territorial administration of its immediate environment, we also observe in the encampments the taking of conscience of the social contradiction in class terms and gender, by means of the social and organizational mobilization.

The exam of these places takes us to verify the *generificated* structure of the space as product of the social organization. Also, it guides us toward the reflection of the dialectical relationship of the production of the space and the construction of the gender relationships in the dynamic territorialization–desterritorialization–reterritorialization of the Land struggle. But, to analyze this relationship is not hardly limited to the places of the struggle, the encampments and rural settlements, as isolated or monolithic realities, but reaching the scalar spatiality and to approach the dynamics that encourages them.

The redefinitions of the labour world and the being who works to global scale and the recent transformations of the Brazilian agriculture and cattle are the cuttings that we use to understand the class configuration of landless workers. Also, the space analysis goes toward the *geographiality* of the practices and relationships of power that settle down among different social subject, female and male, in the built places along the process of the Land Struggle. These kind of places are geographical scales where these landless workers, previously broken into fragments, they unite politically in a defined community.

Key-Word: Gender relationships; Hard-working class; Geographical Scale; Place; Encampments; Settlements; The Land Struggle.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE TABELAS.....	11
LISTA DE SÍMBOLOS.....	12
APRESENTAÇÃO.....	15
INTRODUÇÃO.....	20
OS CAMINHOS DA PESQUISA	25
1.A procura dos(as) precursoras: aportes teóricos e referenciais.....	26
1.1. A relevância da teoria feminista na pesquisa	33
1.2. Gênero e prática de pesquisa.....	38
2.O estado da arte no Brasil: Uma proposta por dentro da Geografia do Trabalho.....	41
3. Sobre as fontes coletadas	49
3.1. As fases.....	51
3.2. As técnicas.....	54
3.3. Recapitulando.....	57
1. RELAÇÕES DE GÊNERO NOS LUGARES DA LUTA PELA TERRA.....	60
1.2. Acampamentos e assentamentos rurais: a concepção global do lugar.....	65
1.3. O espaço do cotidiano: implicações na definição dos papéis de gênero.....	69
1.4. Divisão sexual e organização do trabalho: a produção social do gênero.....	85
1.5. O pensar, o decidir e o fazer: dimensões da produção cultural do gênero.....	92
2. O GÊNERO NA DISCUSSÃO SOBRE AS LOCALIZAÇÕES.....	100
2.1. O sistema de opressão - dominação de gênero e a produção da diferença.....	108
2.2. A construção de significados de gênero.....	116
2.3. Relações de gênero: relações espaciais de poder.....	122
2.4. O gênero na construção do discurso geográfico.....	127
3. GÊNERO, TRABALHO E LUTA PELA TERRA.....	134
3.1. Uma historia comum: desemprego, exclusão e inserção na Luta pela Terra.....	139
3.2. Algumas clivagens de gênero na participação da Luta.....	147
3.3. A resposta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.....	155
3.4. A discussão de gênero na pauta de lutas do MST.....	164
4. GÊNERO NO JOGO ESCALAR DA LUTA PELA TERRA.....	169
4.1. Trabalhadoras rurais sem terra: acampadas, assentadas, militantes.....	170
4.2. Os lugares da diferença na Luta pela Terra.....	174
4.1. O corpo, o lote e o barraco: escala geográfica como mediadora da pertinência.....	180
4.3. Apontamentos para um jogo escalar no Pontal do Paranapanema.....	185

4.4. Da <i>questão agrária</i> e da <i>questão de gênero</i> : quem são os sujeito da luta?.....	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
BIBLIOGRAFIA	201
ANEXOS	217

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Mapa da Luta pela Terra e a Reforma Agrária no Pontal de Paranapanema, 2000 - 2004.....	64
Figura 2-	Vista parcial da organização espacial do acampamento Jair Ribeiro – MST, município de Presidente Epitácio.....	70
Figura 3-	Vista parcial da organização espacial do Acampamento Herbert de Souza “Betinho”- MST, município de Teodoro Sampaio.....	71
Figura 4-	Vista parcial da organização espacial do Acampamento “Fusquinha”- MST, município de Teodoro Sampaio.....	73
Figura 5-	Trabalhadora sem terra acampada no Jair Ribeiro – MST, município de Presidente Epitácio.....	74
Figura 6-	Família sem terra construindo o barraco no Acampamento – MST, município de Marabá Paulista.....	75
Figura 7-	Acampada recolhendo água na mina comunitária do Acampamento Herbert de Souza “Betinho”- MST, município de Teodoro Sampaio.....	76
Figura 8-	Trabalhadores e trabalhadoras sem terra na comemoração dos “13 Anos de Luta no Pontal do Paranapanema” do MST.....	77
Figura 9-	Ocupação do ITESP em Presidente Prudente.....	78
Figura 10-	Reunião de trabalhadoras por frentes no Encontro de Mulheres do MST-Pontal.....	79
Figura 11-	Vista parcial do Assentamento Madre Cristina, município de Teodoro Samapaio.....	80

Figura 12-	Vista parcial do lote de família assentada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio.....	81
Figura 13-	Trabalhadores e trabalhadoras em mutirão na colheita de algodão no assentamento Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio.....	82
Figura 14-	Trabalhadoras rurais assentadas no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio.....	83
Figura 15-	Trabalhadora rural alimentando sua criação no assentamento Madre Cristina, no município de Teodoro Sampaio.....	88
Figura 16-	Trabalhadora rural desempenhando os ampliados afazeres domésticos do lote, no assentamento Padre Jósimo no município de Teodoro Sampaio.....	91
Figura 17-	Estrutura organizacional do MST.....	162
Figura 18-	Estrutura do MST por Setores.....	162
Figura 19-	Lugares da diferença no Assentamento Madre Cristina.....	176

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Ocupação segundo membros da família nos assentamentos rurais do Estado de São Paulo, 1999.....	89
------------------	--	----

LISTA DE SÍMBOLOS

BM: BANCO MUNDIAL

CAPES: COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CEGeT: CENTRO DE ESTUDOS DE GEOGRAFIA DO TRABALHO

CEMOSI: CENTRO DE ESTUDOS DE MEMORIA SINDICAL

COOCAMP: COPERATIVA DE COMERCIALIZAÇÃO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA DO PONTAL DO PARANAPANEMA

CNMT: COMISSÃO NACIONAL DE MULHERES TRABALHADORAS

CNPq: CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

CUT: CENTRAL ÚNICA DE TRABALHADORES

FAO: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E A ALIMENTAÇÃO

FHC: FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

FMI: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

IBG: INSTITUTO DE GEÓGRAFOS BRITÂNICOS

IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IGU: UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL

INCRA: INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO AGRÍCOLA

IPÊ: INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS

ITESP: INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

MMC-Brasil: MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS - BRASIL

MMTR: MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS

MSLTRA: MOVIMENTOS SOCIAIS DE LUTA PELA TERRA E A REFORMA AGRÁRIA

MST: MOVIMENTO DE TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

NEMGE: NUCLEO DE ESTUDOS DA MULHER E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO

OIT: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

OMAQESP: ORGANIZAÇÃO DE MULHERES ASSENTADAS E QUILOMBOLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

OMC: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMERCIO

ONG's: ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

ONU: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

PNAD: PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICILIOS

PNUD: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO

PROCERA: PROGRAMA ESPECIAL DE CRÉDITO PARA A REFORMA AGRÁRIA

PRONAF: PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

PROPP: PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

SIPRA: SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES E PROJETOS DE REFORMA AGRÁRIA

UAB: UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE BARCELONA

UCM: UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

UNCTAD: CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO

UNESP: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

UNESCO: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA

UNICAMP: UNIVERSIDADE DE CAMPINAS

UNIFEM: FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER

USC: UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USP: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

VC: VIA CAMPESINA

WGSG: WOMEN GEOGRAPHY STUDY GROUP

Apresentação

Eis aqui o resultado de quatro anos de pesquisa junto aos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra do Pontal do Paranapanema, desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Geografia na Unesp de Presidente Prudente.

Em agosto de 2000 cheguei nesta cidade vinda de Santiago de Compostela (Galiza – Espana), onde me formei como geógrafa, para me incorporar ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e desenvolver a minha dissertação de mestrado.

Foi então que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente ao professor Antonio Thomaz Júnior, cujo trabalho conhecera na Galiza, Espanha, e aos membros do Grupo de Pesquisa ‘Centro de Estudos de Geografia do Trabalho’ (CEGeT), do qual hoje faço parte e que foi desde a minha chegada meu *porto seguro*, transpassando os limites do conforto acadêmico. No Prof. Thomaz encontrei o estímulo e a orientação para me iniciar na prática da pesquisa em todas as dimensões que a nova realidade “em português do Brasil” me apresentava. A conversa deu início e afortunadamente continua até hoje, sendo que alguns dos seus resultados se concretizam neste trabalho.

Como aluna de mestrado, e com apoio financeiro da Capes durante um ano, trabalhamos no que hoje representa a fase inicial da pesquisa. O Exame Geral de Qualificação de Mestrado representou seu ponto de inflexão, no final do ano de 2002. Neste momento nossa pesquisa *Territórios de Luta pela Terra no pontal do Paranapanema sob um enfoque de gênero. Uma contribuição para a Geografia do Trabalho* foi indicada pela Banca Examinadora a redimensionar-se como proposta de tese. Isto significou iniciar uma nova etapa na Pós-Graduação a qual nos exigiu aprofundar e fortalecer as vertentes fundamentais do trabalho, a pesquisa

bibliográfica e o trabalho empírico, e cumprir mais um ano com os créditos disciplinares requeridos pelo programa, os quais finalizamos no segundo semestre de 2003.

Percebemos até o momento o *fim* de uma etapa da investigação e o começo de outra. A fase que se fechava foi a da síntese e a sistematização, a do embate, a dos primeiros encontros e desencontros, a da garimpagem de idéias e da procura de referências, ou mais precisamente das perguntas e das respostas. A fase que se iniciou foi a da desconstrução, a do caminho aos precursores, a da quebra do isolamento, a da criação, a da imaginação, a da escuta e das vozes, a dos silêncios e a do olhar.

Na segunda fase a pesquisa foi financiada pela Pro-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP) durante os quatro primeiros meses e após uma inesquecível viagem de estudos a Bolívia em agosto de 2003, iniciamos a fase final financiada desde então até à sua conclusão em agosto de 2004 pelo CNPq.

Podemos contextualizar este caminhar no campo de investigação designado pela expressão “estudos de gênero”, que tem sido ampliado significativamente nos últimos tempos e que trata da construção social operada sobre a base das diferenças sexuais. Especificamente, optamos por um estudo geográfico que se serve de referências relativas a uma Geografia do gênero, com vistas a acrescentar reflexões para a Geografia do trabalho.

Contudo, quando em agosto de 2000 iniciamos este trabalho nos sentíamos, enquanto pesquisadores relativamente “desamparados”. O pensamento feminista dentro da Geografia revelava-nos como grande desconhecido, ou seja, a consideração do gênero como princípio fundamental da vida social. Aliás, a incursão no debate teórico-conceitual da noção de gênero na literatura nacional era quase que inexistente, com exceção das discussões mantidas no âmbito da saúde e da educação. Deste modo, a necessidade de referências e a dificuldade em obter informações

bibliográficas específicas no âmbito da Geografia, fruto da incipiente chegada do debate às salas de aula nas universidades brasileiras, levou-nos a recorrer em grande medida à consulta de obras publicadas no exterior.

Esses fatos estimularam na criação de um arquivo que só agora se revela como a base de referência construída nestes anos de levantamentos, contatos, intercâmbios, encontros, ligações, correspondência, troca de *e-mails*, viagens e estudo.

Agora, *cuando el tiempo todo lo explica*, como fala o poeta, podemos reconstruir os passos de este nosso caminhar, através das suas pegadas: enxergamos uma diferença, precisamos ordená-la e ansiamos por traduzi-la. Por isso falamos de diferença, metodologia e representação.

Esse *todo* do poeta foi para nós confusão e dúvida, também paixão e recompensa. O movimento único e desconcertante das idéias que ordenamos em torno da interlocução *gênero, trabalho e espaço*. Sendo que os detalhes da estruturação metodológica do estudo se expõem na sua introdução, e sua operacionalização descritiva e analítica ao longo dos demais capítulos, em que levantamos uma série de discussões.

No primeiro capítulo partimos dos lugares nos quais se concretiza de forma única o processo da luta, os acampamentos e assentamentos, com o propósito de identificar a diferente construção de relações de gênero que neles se estabelecem. É através da identificação da prática do cotidiano como inerentemente espacial, que localizamos os “lugares da diferença” no território da Luta pela Terra.

No segundo capítulo focamos o debate conceitual sobre gênero e sua relevância para a análise espacial dos fenômenos. Através da “escala geográfica” propomos introduzir a categoria de gênero para enriquecermos as leituras geográficas.

No terceiro capítulo, tratamos de aproximarmos o significado da Luta pela Terra através das mutações da classe trabalhadora rural, implícita na metamorfose contemporânea do mundo do trabalho. Nossa atenção volta-se portanto para os processos contraditórios que regem a lógica do metabolismo societal do capital. Com este exercício queremos revelar a importância de incorporarmos a perspectiva de gênero na análise das formas contemporâneas de articulação e mobilização da classe trabalhadora e a sua redefinição territorial.

Finalmente no quarto capítulo nos propomos interpretar o jogo escalar de uma estratégia de mobilização popular no Pontal do Paranapanema: o Coletivo de Gênero do MST. Esta iniciativa é uma estratégia político-espacial que empodera às trabalhadoras graças à conquista de espaço de visibilidade e atuação social. O “salto escalar” é factível na medida em que através da sua organização as mulheres superam os limites do barraco, do acampamento, do lote e do assentamento questionando a *generização* dos lugares “femininos” e “masculinos”.

Contudo, para chegarmos até aqui o trabalho de pesquisa se desenvolveu de forma permanente em duas dimensões. Primeiramente centramos nosso interesse no levantamento bibliográfico, que nos permitiu organizar, revisar, e também descobrir tanto a literatura que aborda a questão de gênero em sentido amplo (concepções, enfoques, análises), quanto àquela direcionada por um lado à discussão sobre a metamorfose do mundo do trabalho e por outro à mobilização social da Luta pela Terra e a Reforma Agrária.

Este trabalho foi realizado, sobretudo, nas bibliotecas e Centros de Documentação das seguintes instituições: na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente; na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, destacando as publicações da linha de pesquisa “Gênero e Geografia” do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE/USP); na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara e no

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, por meio do acervo do Núcleo de Estudos de Gênero, PAGU/UNICAMP.

No exterior, continuamos o levantamento das teses relacionadas com a nossa linha de pesquisa defendidas na Faculdade de Geografia da Universidade de Santiago de Compostela (USC) e na Universidad Complutense de Madrid. Nesta última, tivemos oportunidade de entrevistarmos em dezembro de 2002 com a geógrafa Juana Rodriguez Moyá, colaboradora de Ana Sabaté. Ambas são professoras titulares da disciplina de Geografia de Gênero nos cursos de Pós-Graduação e membros do Instituto de Investigações Feministas da UCM. Graças a sua colaboração tivemos acesso às teses sob a sua orientação foram publicadas nesta Universidade na linha temática de gênero e espaço.

Também, em dezembro de 2003, viajamos até Londres donde tivemos a oportunidade de entrevistarmos a geógrafa Doreen Massey, professora da Open University de Michel Keynes e Londres, a qual nos orientou sobre a literatura recente em língua inglesa, incluindo sua última publicação *Space, Place and Gender*¹.

Completamos nossa pesquisa documental nos acervos da sede da Coordenação Nacional do MST em São Paulo, e a Secretaria Estadual, em que pudemos consultar as publicações do Setor de Gênero, Cadernos de Formação, na sua totalidade.

O segundo momento, simultâneo ao nosso amadurecimento teórico, foi o trabalho de campo o que relatamos detalhadamente no corpo do trabalho.

¹ Massey, D. *Space, Place and Gender*. Policy Press: London, 1994.

Introdução

Os acampamentos e assentamentos rurais são os lugares concretos, específicos e diferentes da Luta pela Terra dos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil.

Como forma de organização sócio-espacial ou movimento territorial² o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) produz espaço e domina território, nos processos geográficos de espacialização e territorialização

² Optamos pelo termo “movimento territorial” discordando da noção de “movimento sócio-territorial” elaborado por Fernandes (2000). Tal análise de modo algum diverge da apreciação de Fernandes e Stédile que entendem o MST para além de um movimento de massas (1999). Aliás, concordamos plenamente com eles ao afirmar que as referências de Movimento social das que dispomos são insuficientes para pensá-lo. E, todavia, entendemos fundamentais e muito ricos os encontros e desencontros teóricos que no caminho da *geografização* de um conceito, caro a outras formas de discurso, renovam epistemologicamente nossa disciplina. Mas, parece-nos uma contradição em termos utilizar o conceito “movimento sócio-territorial”, já que, acaso o território não é sempre uma entidade social? Se bem que nem todo movimento social é um movimento territorial, como por exemplo, o antigo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), hoje Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil (MCM-Brasil) entre outros, mas todo movimento territorial é social.

Sob a denominação de “movimento territorial” entendemos aquele que na sua estrutura, organização e consecução depende “sobretudo” da apropriação simbólica, ou não, do território. O que significa entender o território como um espaço, ao mesmo tempo, de apropriação e reprodução concreta e simbólica. Entendemos que o novo conceito de “movimento socio-territorial” esvazia o significado político do espaço singularizado no conceito território. Com isto queremos colocar que o binômio “sócio” e “territorial” não é uma mera repetição ou reiteração de termos, senão que é a anulação do significado social que o conceito de território concretiza. A sua vez, isto implica aceitar a idéia de um território homólogo a um espaço cartesiano, neutro e objetivo, que justamente ansiamos superar.

Mediante a *desajetivação* podemos tornar visível amplitude conceitual do território. Tirando dele todos seus adereços, para chegarmos à raiz e força da sua significação, como categoria geográfica plena de significado. Para isso é indispensável uma outra leitura do conceito de território, que supere a tradicional concepção da Geografia Política que levou-nos por muito tempo, e ainda leva, ao uso dos termos espaço e território indistintamente, tirando o caráter especificamente político do último. Uma leitura ampliada do conceito nos coloca, apoiando-nos nas idéias de Souza, M.L.(1995) a este respeito, perante relações sociais projetadas no espaço mais do que espaços concretos. A diferença fundamental entre as duas interpretações é esta concretude espacial. O “território da luta pela terra” não é um espaço concreto em si, com seus atributos naturais e sociais construídos, que é apropriado, ocupado por um grupo social sob identidade coletiva dos Sem Terra. É a complexa soma de relações sociais, logo de poder, que os grupos, as identidades, e as classes implicadas na luta pela terra e a reforma agrária projetam no espaço. Neste sentido, o conceito de território por nós utilizado faz alusão a um determinado domínio espacial sobre o qual os atores sociais afirmam um controle político, o que significa um espaço delimitado e definido por relações de poder. Pensar este território é concebê-lo política e culturalmente, ou seja, socialmente.

A noção de Movimento Sócio Territorial defendida por Fernandes faz referência, implicitamente, a uma concepção determinada de território. O território como “trunfo” confunde-se com a “terra” como trunfo, se bem sabemos que a luta do MST é para além de um pedaço de terra.

respectivos, como nos tem mostrado Fernandes no decurso da sua obra (1996, 1999, 2000, 2001, 2003)³.

A concretização de ambos os processos geográficos se configura no que neste trabalho identificamos como os lugares da Luta pela Terra, os acampamentos e assentamentos rurais. Nossa particularidade é a apreensão da sua construção através de determinadas relações de poder decisivas. O gênero é uma delas, ou seja, as diferenças entre homens e mulheres socialmente construídas, por tanto históricas e geográficas.

O questionamento que nos fazemos é: o que podemos ver quando observamos a ordenação territorial do fenômeno, isto é, o processo da Luta pela Terra? Com base neste pensamento nós vemos que a forma⁴ espaço/tempo do acampamento concentra relações de gênero⁵ diferenciadas da forma espaço/tempo do assentamento.

³ A obra de Bernardo Mançano se orienta, desde a sua dissertação de mestrado intitulada *MST: Formação e Territorialização* até as publicações científicas mais recentes, a refletir o novo campesinato no Brasil. Parte do ressurgimento do processo de expansão do modo de produção industrial e os efeitos negativos da “modernização conservadora” para chegar ao trabalhador rural camponês acampado e/ou assentado pela luta dos “Movimentos Sócio-territoriais” pela Reforma Agrária.

Uma das suas particularidades baseia-se no estudo dos processos de espacialização e territorialização do MST como prerrogativa a teorização dos movimentos sociais enquanto categoria geográfica. O objetivo neste ponto é compreender os movimentos sociais além das suas formas de organização, através dos processos que o MST desenvolve (espacialização e territorialização), pelos espaços que constroem (assentamentos e acampamentos) e pelos territórios que dominam (o território da luta pela terra frente ao território do latifúndio). Ou seja, trata-se de implementar um método de análise diferenciado ao de outros campos disciplinares, baseado no estudo dos processos (territorialização e/ou espacialização) e das práticas (territoriais e/ou sócio-espaciais) geográficos.

⁴ Os acampamentos e assentamentos são formas coletivas de mobilização e manifestação estabelecidas pelo MST. A nossa discussão acerca destes lugares, e, por conseguinte, das suas práticas distintivas, tem como pressuposto o entendimento de ambos não apenas como formas, senão enquanto formas-conteúdo. Isso escapa da análise da forma pela forma, ou seja, do aspecto visível que não retém a diferença contida nelas nem permite compreender a produção e ordenação territorial. Nossa proposta coloca como necessário o relacionamento entre forma e conteúdo, aparência e essência.

Para uma maior apreensão das formas como mediações produzidas nas relações sociais e ao mesmo tempo condição para a sua reprodução, ver ALMEIDA, R.A (2003).

⁵ O uso do termo *relações de gênero* na Geografia está unido ao termo *papéis de gênero*. Realmente, o conceito foi introduzido com o propósito de superar alguns dos problemas do segundo termo. O papel de gênero faz referencia à atribuição de distintas funções e significados para homens e mulheres. As relações de gênero mas do que construir o gênero em termos de papéis socialmente designados, este conceito vê o gênero como um termo

Essa é a nossa hipótese fundamental.

Por isso, é nosso objetivo apreender como a divisão sexual do trabalho participa da construção do espaço, ou seja, compreender a dimensão espacial do processo de divisão sexual nos acampamentos e assentamentos rurais. Fato que requer colocar em pauta as funções de gênero⁶ que se constroem em ambos os espaços. Quem faz o quê? Onde e quando? Questões que determinam a divisão do trabalho, da autoridade/poder e do não-trabalho entre homens e mulheres acampados e assentados. O pré-requisito para podermos identificar as desiguais distribuições de poder, como a base desses diferentes papéis sociais, parte da análise da divisão sexual do trabalho e ao diferente acesso aos recursos. Divisão que, em essência, consiste na atribuição de determinadas atividades remuneradas ou não, aos homens, e outras às mulheres (YOUNG, 2000).

Assim, o primeiro passo da análise é a compreensão dos desdobramentos e as implicações que para a mulher trabalhadora têm os momentos e espaços de reprodução distintos enquanto acampada e assentada. Essa conquista na Luta pela Terra é também um passo a mais para a emancipação da mulher rural trabalhadora? Estamos diante de traços de mudança das relações sociais no campo ou manutenção das estruturas de poder tradicionais? A organização social do espaço nos acampamentos e assentamentos aponta para a superação ou a reprodução da ideologia de gênero dominante? Enfim, é a conquista de espaços uma condição *sine qua non* para a emancipação social?

Será que a Luta pela Terra das trabalhadoras acampadas e assentadas implica transgredir as fronteiras dos lugares “de homens” e exercitar a sua livre

relacional, envolvendo relações de poder entre homens e mulheres. Embora, ainda que captura a noção de diferença biológica entre homens e mulheres, é a dominação masculina e o processo que estão por baixo dela e que constitui seu foco principal (WGSF: 1997)

⁶ Atribuição de distintos papéis sociais para homens e mulheres.

escolha de transitar nos “lugares de mulheres” no caminho de converter ambos em “lugares de pessoas”? Será que a escala geográfica do conflito político, logo do consenso, nestes termos ampliou-se? Se o território da luta contra a opressão continua sendo político e o tipo de lugares se diversifica, poderíamos estar falando de uma articulação escalar, agora, global? E qual é a resposta local na qual se inscrevem muitas mulheres-trabalhadoras-rurais? Quais são os espaços da dissidência? Quais os lugares de identidade emancipatória?

Um segundo passo é desvendar quais são os espaços de transformação e de permanência que definem ambos os lugares da Luta pela Terra. E, para isso, fundamentamos nossa análise na importância de apreender o espaço a partir da sua dimensão pluriescalar. A incorporação do estudo da construção do gênero nos lugares nos permite e incentiva repensar a contradição que substancia as diferenças, fortalecendo a reprodução das desigualdades.

Porém, nossa proposta não se centra exclusivamente na comunicação interpessoal, senão que ansiamos transgredir esses limites do pessoal, através da dimensão/natureza política da questão de gênero, saltar no âmbito da escala geográfica para que possamos articular assim o pessoal com o global, em um instigante propósito.

Outro interesse está vinculado à contribuição de novas metodologias na análise espacial. Entendemos ser necessário e importante construir investigações dentro da Geografia que nos possibilitem a reflexão sobre as relações sociais de gênero, aportando para esta discussão a análise dessa diferença expressa nos lugares. Entendemos que este instrumental tem enorme potencial de transformação da “leitura” unidirecional, que apresenta o homem burguês e branco como o sujeito universal, sob a qual somos quase todas e todos doutrinados.

Muitos de nós concordamos em que é atributo da ciência desvendar, mediante a pesquisa da realidade e com base em outras experiências, essa

outra face do controle social e não repetir discursos homogeneizantes distantes da constatação empírica e da práxis. Diante deste desafio construímos os caminhos que na continuação apresentamos.

Os caminhos da pesquisa

El género es relevante desde la formulación de preguntas hasta la representación de resultados de la investigación.

Mireia Baylina Ferré. Geógrafa catalana.

1. A procura dos(as) precursores (as): aportes teóricos e referenciais.

Compilar o que se tinha escrito sobre gênero e espaço demandou um trabalho de levantamento bibliográfico pormenorizado, que revelasse os caminhos que durante as últimas duas décadas têm consolidado a incorporação do gênero como categoria de análise na pesquisa geográfica. Isso, além de contextualizar a nossa pesquisa, tiraria de nós essa áurea de isolamento que muitas vezes achamos insuperável.

Esse levantamento histórico mais detalhado, junto à pesquisa bibliográfica geral, realizada durante os quatro anos de trabalho, mostrou-nos que a produção internacional de estudos de gênero na Geografia teve início nos anos 1980 e, desde então, transcorreram vinte anos de franca e vigorosa expansão no mundo todo.

Tínhamos a impressão de vivermos um tempo em que os geógrafos e geógrafas não entendiam mais o espaço por fora das relações de gênero dele produtoras e contingentes.

Já nos anos 1990, enquanto estudante de graduação em Geografia na Universidade de Santiago de Compostela, na Galiza, noroeste da Espanha, ouvíamos falar sobre Geografia e Gênero, mas, para nós, estudantes, não passava de conversas de corredores. Não existia no nosso *curriculum*, e ainda não existe, nenhuma disciplina assim intitulada. Como também não existiam encaminhamentos que nos aproximassem dos assuntos que compõem a temática do trabalho, da forma como construímos hoje. Porém, formávamo-nos em Geografia Rural.

Isso vem à nossa memória, pois está, até hoje, presente a reclamação pública que a Catedrática de Geografia Rural, Maria Pilar de Torres

Luna, fez a todos nós de forma expressa durante uma das suas aulas: o abandono dos jovens pesquisadores pelos estudos agrários.

Esse desabafo era produto de uma crise, a da Geografia agrária tradicional. Doña Pilar fazia referência ao panorama espanhol, mas esse esgotamento não se deu somente dentro destas fronteiras. Segundo a geógrafa espanhola Garcia Ramón (2000), na Geografia internacional, os estudos agrários perderam sua centralidade a partir da década de 1950, se bem que na Espanha este processo não foi tão sentido até os anos 1980. O que estava certo era a necessidade de novos estímulos.

Devido à crise da pesquisa em espaços rurais, a irrupção da “nova” Geografia de gênero deu-se nos estudos geográficos urbanos, em vigorosa expansão. Por isso foi na cidade onde se centraram os primeiros trabalhos sobre a mobilidade diferencial por gêneros⁷, como o pioneiro estudo cartográfico da geógrafa canadense De Koninck, R (1982)⁸, sobre a distribuição de emprego feminino e masculino na região do Quebec. Nele, a autora constatou que o confinamento das mulheres aos mais baixos escalões dos setores de emprego onde eram admitidas tinha uma contrapartida espacial.

⁷ LITTLE, J., L. PEAKE and P. RICHARDSON, eds. **Women in Cities: Gender and the Urban Environment**. Macmillan, 1988;
WERKERLE, G. A Woman's Place is in the City. **Antipode**, 6,1984.

⁸ DE KONINCK, R. La division spatiale et sexuelle du travail: une autre dynamique du divorce territorial. In: NADEAU, J. 7 DE KONINCK, R (eds). De l'analyse de la société à celle du territoire. Québec, Univ. Laval, Dep. Géographie, **Notes et documents de recherche**, n.16, p. 187-199, 1982.

Em linhas gerais, os estudos nesta fase inicial abordavam, sobretudo, a divisão sexual e espacial do trabalho e o seu impacto na vida, privada e pública, de mulheres e homens⁹.

O primeiro estudo sob epígrafe de Geografia feminista no espaço rural que temos localizado data de 1986¹⁰ e foi publicado na Inglaterra no *Journal of Rural Studies* fundado em 1985. Uma publicação periódica que, com ênfase no enfoque interdisciplinar, entendeu desde as suas origens o gênero como uma categoria importante de análise.

No entanto, é imprescindível destacar duas instituições que, além de abrir o caminho para esta corrente, foram o suporte para a sua expansão e amadurecimento teórico-metodológico, politizando parte importante deste debate. Trata-se do coletivo de geógrafas **Women and Geography Study Group (WGSG)** do Instituto Britânico de Geografia (IBG) e da revista anglo-americana **Antipode; A Journal of Radical Geography**.

O WGSG consagrou-se rapidamente como o marco de referência da Geografia do gênero em nível mundial, dado o seu papel na formulação de novas concepções, no aprofundamento do debate teórico e no incentivo ao intercâmbio intelectual. Em 2004 completam-se vinte anos da primeira publicação do Grupo, o livro *Geografia e Gênero: uma introdução à Geografia feminista*¹¹, considerado por muitas e muitos pesquisadores como a obra prima da temática em pauta. A sua idéia

⁹ ANDREW, C. and B. M. MILROY. **Life Spaces: Gender, Household, Employment**. Vancouver: University of British Columbia Press, 1988.

MURGATROYD, L. et al. **Localities, Class and Gender**. Pion, 1986

¹⁰ LITTLE, J. Feminist perspectives in rural geography: an introduction. **Journal of Rural Studies**, 2 (1), pp. 1-8, 1986.

¹¹ WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP. **Geography and Gender: an introduction to feminist geography**. London, Hutchinson, 1984.

inicial era a de apoiar o embrionário debate na época e subsidiar propostas de cursos específicos dentro de currículos de Geografia, que já estavam aparecendo nas universidades britânicas e norte-americanas. Segundo García Ramón¹², foi a partir desta obra que as publicações sobre o tema e o interesse na análise multiplicaram-se, enriquecendo o debate conceitual e teórico do conjunto da disciplina.

Também foi no início da década de 1980 que a consagrada revista *Antipode* lançou o número dossiê *Mulher e meio Ambiente*¹³, onde geógrafas, como Susan Mackenzie¹⁴, tornaram público o debate teórico que se começava a travar dentro da Geografia de gênero levantando, especificamente, questões teóricas da Geografia urbana.

Além desses dois veículos, em 1987, durante o Congresso realizado em Sydney, da “International Geographic Union” (IGU), foi criado o “Study Group of Gender”, com o objetivo de desenvolver e coordenar pesquisas, ampliando a discussão sobre a questão de gênero. Esse grupo desenvolve, na atualidade, programas sobre diferentes aspectos da questão de gênero no contexto das mudanças contemporâneas do trabalho produtivo e reprodutivo, tanto em escala local, regional e nacional, como em um contexto global de estudos comparativos. Seu objetivo é, através do intercâmbio internacional, estudar conjuntamente a questão de gênero em diferentes partes do mundo, tanto a partir de trabalhos teóricos quanto empíricos.

¹² GARCIA-RAMÓN, M.D. Género, espacio y entorno: Hacia una renovación conceptual de la Geografía? **Documents d'Análisi Geografica**. Barcelona, n. 14, 1989. (Universidad Autónoma de Barcelona)

¹³ **Antipode**. Leeds, v.6, n.3, 1984.

¹⁴Cf. MACKENZIE, S. 1984

Hoje, podemos observar como as entidades e eventos internacionais e, paulatinamente, com maior presença nos eventos realizados no Brasil, apresentam uma comissão específica para os estudos que se identificam com assuntos de gênero. E isso ocorre dentro dos mais diversos enfoques e correntes teórico-políticas que configuram o corpo conceitual da disciplina¹⁵.

Podemos afirmar, portanto, que depois da consolidação desses referenciais na década de 1980, ao longo dos anos de 1990, as publicações não se restringem mais aos veículos de língua inglesa. Publicações em português¹⁶ e em espanhol¹⁷ se multiplicam.

Nesta última década é importante fazer menção novamente ao trabalho coletivo do WGSG, *Geografias feministas: indagações na diversidade e na diferença*¹⁸. Publicado em 1997, sua intenção foi observar até que ponto a geografia feminista evoluiu desde inícios dos anos de 1990, destacando o que teve de característico a abordagem na década. Como as suas autoras introduzem:

Submersas na produção das pesquisas que têm constituído, modelado e criado a geografia feminista, passados dez anos, e tendo investido

¹⁵ A mostra disto é a importante presença que os estudos de gênero têm na próxima Conferência Internacional de Geografia que realizará em 2005, no México. Mais informações em http://econgeog.misc.hit-u.ac.jp/icgg/intl_mtgs/mexico/index.html

¹⁶ Apesar de não ser específica a **Revista Pegada** tem inserido na sua linha editorial essa discussão. Assim, desde seus números iniciais apresenta artigos, produto das investigações desenvolvidas no âmbito do CEGeT. A este respeito vide a versão eletrônica completa disponível em: www.prudente.unesp.br/ceget/pegada

¹⁷ Tampouco de caráter específico, porém veículos do debate sobre gênero e geografia em língua catalana, castelhana e galega destacamos, respectivamente: **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, Barcelona. **Boletín de Estudios Geográficos**, AGE/Madrid. **Abalar**. Santiago de Compostela.

¹⁸ WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP. **Feminist Geographies. Explorations in diversity and difference**. London, Prentice Hall, 1997.

tempo e recursos consideráveis na confecção e implementação de cursos pedagógicos que refletem esses interesses de pesquisa, muitas das que atuamos no WGSG sentimos que agora é o momento apropriado para produzir um texto pedagógico que faz justiça à amplitude, diversidade, vibração inelectual, debate e diferença presente atualmente na geografia feminista. Esse tem sido nosso objetivo principal ao escrever este livro. (1997, p. 1)¹⁹

Um dos aportes fundamentais que esta obra traz para a nossa pesquisa são as diversas formas que as autoras têm trabalhado conceitos centrais da geografia, especificamente espaço, lugar e paisagem. Apesar de ser ideias que permeiam toda a nossa discussão as desenvolvemos com maior detalhe em diferentes capítulos.

Assim dentro deste debate, como Neil Smith e Cindi Katz (2000) discutem, concordamos que uma das implicações importantes do reconhecimento de que o espaço é uma parte integrante de vida social é que esse espaço está sempre aberto à contestação por diferentes indivíduos ou grupos, muitos dos quais estão tentando questionar e redefinir os significados e limites de espaços particulares. Os sem terra questionam de fato esses limites. Enquanto grupo de trabalhadores e trabalhadoras politicamente definido contestam a lógica da produção do espaço através da sua ferramenta de luta e ação política mais eficaz, a ocupação. E, ao territorializar a luta no espaço, se configura em lugares onde a negociação do seu cotidiano passa por estabelecer questionamentos e redefinições aos limites de outros espaços, de outras escalas geográficas ou de outros lugares, como são os estabelecidos pelas relações de gênero. Discussão que nos propusemos desenvolver no capítulo 4.

Também somamos a um dos mais recentes modos de conceptualizar o lugar, o qual partindo da premissa da crescente globalização se pergunta “como é

¹⁹ Tradução da autora

mais apropriado pensar sobre o lugar nestes tempos globais?.” Sobre esta questão destacamos o trabalho de Doreen Massey, cujos argumentos desenvolveu inicialmente na sua tese sobre a divisão espacial do trabalho (MASSEY:1994) onde o lugar aparece como fluido, historicamente específico e construído por meio do processo social. Desde então, Massey tem avançado na sua concepção em termos de “um senso progressivo de lugar” (MASSEY:1994, 2000). Em síntese, a autora interpreta o lugar como a interseção de jogos de relações sociais que extrapolam espaços particulares.

Isso nos leva a pensar o acampamento e assentamento não como áreas limitadas e fisicamente localizados no Pontal do Paranapanema, senão em termos dos jogos de relações sociais nas que as pessoas que vivem lá estão intrincadas, relações as quais em muitos casos vão além do próprio Pontal, mas que se manifestam conjuntamente no Pontal, constituindo a sua diferencialidade. Esta dimensão que está presente mais detalhadamente nos capítulos 1 e 4.

Por último, a paisagem também é um conceito caro à reformulação metodológica dos estudos de geografia e gênero. Neste ponto, concordamos com o geógrafo Denis Cosgrove para quem, a paisagem, deve ser entendida como “uma forma de olhar” (WGSG, 1997, p.171). Ou seja, não nos deparamos só diante um objeto material, mas também com uma forma de organização visual da percepção do meio, da natureza. Assim, os significados que as paisagens têm, ou assumem, se utilizam dos códigos culturais da sociedade para qual são feitos. Tais códigos estão embutidos em estruturas sociais de poder múltiplas. Em particular, para Cosgrove, a paisagem é um modo de ver o mundo que expressa só os valores da classe dominante.

Aliás, as paisagens se referem a lugares materiais e imaginados. Segundo as pesquisadoras do WSGS (1997) há dois modos possíveis para analisar as

imagens das paisagens como *generificadas*: paisagens que descrevem figuras de homens e mulheres ou símbolos de espaços, supostamente, masculinos ou femininos que freqüentemente sugerem certas idéias sobre gênero.

Na nossa pesquisa incorporamos um tese fundamental defendida por este Grupo, a idéia de que as imagens de paisagens servem para questionar e apoiar significados dominantes sobre mundo, entre eles as representações do que é ser mulher, trabalhadora, mãe, esposa, filha etc.

De tal modo, durante a nossa procura das(os) precursoras(es) pudemos verificar que o esforço de releitura da Geografia “com as relações de gênero dentro dela”²⁰, ou em outras palavras, “que não exclua a metade da humanidade do seu projeto”²¹, foi e é muito mais um processo de retificação metodológica do que uma nova questão empírica colocada.

1.2. A relevância da teoria feminista na pesquisa

Se na década de 1980 foi a área urbana e a dimensão da vida cotidiana, nos noventa o debate teórico sobre as relações espaciais de gênero invade as demais áreas geográficas. Discute-se a Geografia desde o pensamento feminista²²; desvenda-se a aliança patriarcalismo - capitalismo e a sua expressão

²⁰ MACKENZIE, S. Editorial Introduction. **Antipode**, v.6, n.3, p.3-10, 1984

²¹ BONDI, L. Outside “The Project”. **Antipode**, v. 24, n.1, p.56-72, 1992

²² BONDI, L. Progress in Geography and gender: Feminism and Difference. **Progress in Humam Geography**. 14, 1990.

BONDI, L. Gender and Geography: Crossing boundaries. **Progress in Humam Geography**. 17-2, p. 241-246, 1993.

McDOWELL, L. and SHARP, J (eds). **A feminist Glossary of Human Geography**. London, Hodder Headline Group, 1999.

espacial²³; mergulha-se nos significados e sentidos de gênero na construção de lugares e de identidades²⁴; trabalha-se no intuito de construir uma Geografia regional de gênero à escala mundial²⁵; enfatiza-se o universo simbólico e cultural e a fascinação pela diferença²⁶; constroem-se mapeamentos cognitivos e debate-se sobre metodologia de pesquisa na Geografia do gênero²⁷.

Tamanha obra coletiva influenciou em diferentes sentidos o nosso estudo. No obstante, podemos destacar como contribuição básica e inestimável o ponto de partida: a certeza da relevância da teoria feminista na pesquisa sobre Luta pela Terra, dentro da perspectiva da Geografia do Trabalho.

Uma influência fundamental foram os primeiros trabalhos das geógrafas Liz Bondi (1990, 1993) e McDowell e Sharp (1999), que situam a

²³ McDOWELL, L. Beyond Patriarchy: as class-based explanations of women's subordination. **Antipode**, v.18, n.3, p. 311-321, 1986.

²⁴ KEITH, M. and PILE, S (eds). **Place and the Politics of Identity**. London, Routledge, 1993.
KEITH, M. and PILE, S (eds). **Geographies of resistance**. London, Routledge, 1995.
MASSEY, D. **Space, Place and Gender**. Polity Press, Cambridge, 1994.
McDOWELL, L. **Gender, Identity and Place: Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1999. Versão em espanhol: *Género, Identidad y Lugar*. Madrid: Cátedra, 2002. (Colección Feminismos).

²⁵ MONSEN, J. and KINNAIRD, V. (eds). **Different places, Different Voices: Gender and Development in Africa, Asia and Latin America**. London, Routledge, 1993.
GARCIA RAMÓN, M.D. and MONK, J. (eds). **Women of the European Union: the Politics of Work and Daily Life**. 1996.
TOWNSEND, J. **Women's Voices From the Rainforest**. London, Routledge, 1997.

²⁶ Destaca a obra mais recente do WGSG que resgata os avanços na discussão e aportes do debate nas duas últimas décadas do século XX: WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP. **Feminist Geographies: Explorations in Diversity and Difference**. Essex, UK: Longman, 1997.
JOHN, J.P., NAST, H.J. and ROBERTS, S.M. (eds). **Thresholds of feminist Geography: Difference, Methodology, Representation**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1997.

²⁷ A este respeito algumas das publicações periódicas mais significativas são: **Professional Geographer** ; **Canadian Geographer** (Canada); **Antipode** (UK/USA); **Progress in Human Geography** ; **Gender, Place and Culture** (Reino Unido), e as edições do **Women and Geography Study Group** (Reino Unido).

epistemologia feminista como elemento básico para o estudo da sociedade e seu espaço. Esta leva em conta a maneira como o gênero influencia no que se considera conhecimento (nas palavras e os discursos das mulheres, por exemplo) e as formas como os papéis e relações de gênero, socialmente produzidos, influenciam na produção deste conhecimento. Em suma, entende o gênero como central para a produção do conhecimento e reconhece a sua influência em todo o processo da pesquisa.

Significa também que o gênero condiciona a maneira como as pessoas experimentam o mundo, como interagem com os outros e quais oportunidades ou privilégios são oferecidos e negados. Neste sentido, um dos elementos fundamentais das relações de gênero é a maneira como se concretizam as relações de poder numa determinada formação social a través da opressão (exploração, discriminação, marginalização, violência) e do privilégio (o poder sobre os outros). Todo isso caminha em um único sentido: questionarmos a respeito da diferente posição que homens e mulheres têm ocupado nos processos de produção do conhecimento.

Por isso, inserir a categoria de gênero na análise do processo de Luta pela Terra no Pontal do Paranapanema significa querer saber, além de donde se localizam os lugares da luta, assentamentos e acampamentos, e o desenho societal dos Sem Terra, onde se concentram e onde se excluem as trabalhadoras no processo da luta, como vivenciam e gestionam os lugares construídos nesse processo, e qual relação se estabelece entre os “governos da família e a propriedade privada”²⁸ representados pelo lote e a mobilidade e mobilização política das mulheres.

²⁸ Tomamos emprestada a expressão de Geneviève Fraisse, filósofa francesa cujos trabalhos se ocupam da história da controvérsia dos sexos desde o ponto de vista epistemológico e político. Em *Los dos gobiernos: la familia y la ciudad*. Madrid: Cátedra, 2003, a autora recupera o *Contrato Social* de Rousseau, o qual rejeitando a analogia entre família e Estado, colocou a dissociação entre o doméstico e o político, entre a família e a cidade. Essa separação das esferas é, sobretudo, uma separação dos governos: governo doméstico e governo político.

Incorporar estas questões significa implementar uma abordagem feminista²⁹ na nossa pesquisa superando a parcialidade de estudos que ao ignorar tais assuntos, assumem que homens e mulheres têm um comportamento igual, negando o conflito das relações de gênero no processo de territorialização da Luta pela Terra.

Em linhas gerais, a tese central que compartilhamos com as autoras pioneiras da Geografia Feminista e/ou Geografia do Gênero é que homens e mulheres estão situados de modo diferente no mundo e a sua relação com os lugares onde desenvolvem as suas vidas (moram, trabalham e lutam) também é diferente. Tais diferenças são resultados do sistema de gênero contemporâneo, sistema de opressão-dominância que situa, na maior parte das vezes, à mulher em condições de submissão em diferentes espaços e tempos.

Dentre os trabalhos das geógrafas britânicas destacamos a obra da pesquisadora Doreen Massey, da Open University of London, como referência fundamental na elaboração da nossa análise. Especialmente as teses recolhidas na sua

Marca o fim de uma comparação referida ao exercício do poder. O questionamento que levanta a autora é sobre o que acontece com as mulheres uma vez que a sociedade civil e doméstica se separa da política. Mais do que nunca a mulher é um sujeito plural: esposa, mãe, filha, trabalhadora, dona de casa etc, o debate sobre a cidadania é desenvolvido por Fraisse a partir das condições e dos papéis sociais da mulher contemporânea.

²⁹ O debate sobre a existência ou não de um modo de pesquisa feminista ainda ocupa uma parte importante da literatura sobre o gênero. A nossa posição descarta esta possibilidade. De acordo com Bruschini (1992) entendemos que o que distingue uma abordagem feminista é o exame crítico das relações sociais tendo em vista um recorte de gênero, que também define as desigualdades sociais. Essa perspectiva poderá estar presente não só em qualquer método, mas também na análise de qualquer tema, propiciando uma visão mais completa da realidade social. Assim, a pesquisa feminista difere das demais não pela adoção de um determinado método, mas sim pela visão crítica sobre gênero e pôr seu foco sobre este conceito como uma variável e uma categoria analítica.

Neste sentido, esta mesma autora com base nas idéias de Morgan (1981) enfatiza a importância de “levar o gênero a sério”, o que não é uma operação simples. Em suma significaria, em qualquer pesquisa social e recorrendo a qualquer metodologia (quantitativa ou qualitativa), atuar em dois planos: de um lado assumir teoricamente este conceito, adotando-o como categoria analítica, e de outro, na prática da pesquisa, travar um combate contra o sexismo predominante na ciência, em qualquer das suas manifestações: desde a ausência de dados indispensáveis para o conhecimento da condição das mulheres, até a falsa generalização, para ambos os sexos, de um conhecimento que se baseia essencialmente numa visão androcêntrica da humanidade.

obra *Space, Place and Gender* (1994) em torno de três grandes assuntos: o espaço e as relações sociais; o lugar, a identidade e o espaço; e o lugar e o gênero.

No entanto, o seu legado fundamental é por um lado a proposta de pensar “assuntos de gênero dentro do arcabouço global da questão de materialismo histórico” (1994, p.243). Para esta autora fica claro que o materialismo é muito mais amplo que “a ênfase no poder do dinheiro e a circulação do capital”. Este reducionismo atende mais a um economicismo do que ao materialismo e, conseqüentemente nos impede tratar de muitos assuntos, entre eles o gênero.

Por outro lado, Massey concorda como a idéia, defendida ao longo do tempo por varios geógrafos e exposta em Harvey (1992), da necessidade de pensarmos através de que caminhos construir a “unidade da luta emancipatoria” (1992, p.355). Mas isto, aponta Massey “nunca poderá ser alcançado forçando todas as lutas sob “o arcabouço global da política de classe” (1994, p. 243). A “unidade” procurada não pode estar sob a tutela de um grupo por cima de outros, sendo que:

de modo contraditório, defendendo ‘unidade’ e ignorando divisões (teórica, prática e prospectivamente) a própria esquerda têm contribuído a aprofundar as divisões... ‘Unidade’ deve ser construída gradualmente na articulação de diferenças e experiências do indivíduo. (Hadjimichalis and Vaiou apud Massey 1994, p.243)³⁰

Entendemos que para construirmos esses caminhos há primeiramente que se chegar ao entendimento da necessidade de reconhecer conflitos e complexidade, para poder num segundo momento, nos termos de Massey, lidar com eles enquanto articulações de genuínas e, amiúdo, contraditórias diferenças.

³⁰ Tradução da autora

A produção do espaço é a produção da vida, e só por meio do processo do trabalho que isto é construído. No obstante, compreender a lógica desta produção demanda incorporar, além das relações de classe enquanto categoria histórica, as relações de gênero como categoria social, por tanto históricas, também.

Ademais desta pioneira produção em língua inglesa e do alcance mundial das suas autoras, a Geografia espanhola também participa da consolidação destes estudos dentro dos seus departamentos universitários, tornando-se igualmente uma fonte de referências fundamentais na nossa pesquisa.

1.3. Gênero e prática de pesquisa

Na empreitada da Geografia espanhola destaca-se o Departamento de Geografia da Universidad Complutense de Madrid, donde as professoras e pesquisadoras Ana Maria Sabaté e Juana Rodriguez Moya³¹ têm consolidado e divulgado os estudos da Geografia e gênero introduzindo-a no *currículum* de estudos em nível de Pós-graduação. Seu objetivo não tem sido só pesquisar novos temas como também formar estudantes que atuem como questionadores e críticos das bases patriarcais da disciplina.

O Departamento de Geografia da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB) é outra referência quanto aos estudos de Geografia e gênero, destacando a análise dos espaços rurais. Nele atua a Catedrática de Análise Geográfica Regional, Maria Dolors Garcia Ramón, que coordena o Grupo de Estudos de Geografia e Gênero da UAB e que tem desenvolvido e orientado

³¹ Membros do Instituto de Investigaciones Feministas da Universidad Complutense de Madrid. Mais informações em: <http://www.ucm.es/info/instifem/index.htm>

investigações pioneiras no âmbito espanhol³². A professora Mireia Baylina Ferre³³ integra também esta equipe e coordena a linha de pesquisa voltada para o estudo do trabalho informal, exercido pelas mulheres nos países do Norte e Sul da Europa³⁴.

A metodologia de pesquisa desenvolvida por este grupo de geógrafas referencia, também, a nossa proposta.

Todavia, a mais expressiva das suas contribuições foi a necessidade de colocar a atenção sobre distintos lugares e diversas experiências de trabalhadoras, e assim estabelecer a nossa própria relação entre teoria e metodologia. O objetivo importante neste sentido, é o de evitar na pesquisa as generalizações sobre as experiências de mulheres e homens para apreender a sua especificidade em tempos e espaços particulares e sempre desde “um conhecimento situado” (Baylina, 2003).

³² Destacamos da sua produção recente:

GARCIA-RAMÓN, M.D.; BAYLINA, M.F. Estudios rurales y de género en Europa y en España: un estado de la cuestión. In: **El nuevo papel de las mujeres en el desarrollo social**. Barcelona: Oikos - Tau, 2000. (p.24-64)

GARCIA-RAMÓN, M.D. **Mujer y agricultura em España. Género, trabajo y contexto regional**. Barcelona: Oikos - Tau, 1994.

GARCIA-RAMÓN, M.D. et alli. Explotación agraria familiar y trabajo de la mujer: estudio comparativo entre Andalucía, Cataluña y Galicia. In: LUNA, L (ed). **Mujeres y sociedad: nuevos enfoques teóricos y metodológicos**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991.

GARCIA-RAMÓN, M.D. La división sexual del trabajo y el enfoque de género en el estudio de la agricultura en los países desarrollados. **Agricultura y Sociedad**. 55. Madrid, 1999. (p.251-277).

³³ Destacam, entre outras:

BAYLINA, M.F. **Trabajo industrial a domicilio, género y contexto regional em la España rural**. Tesis doctoral, Departamento de Geografía, Universitat Autònoma de Barcelona, 1996.

BAYLINA, M.F, et alli. El trabajo industrial a domicilio en la España. Un análisis desde la perspectiva del género. **Boletín de Estudios Geográficos**. Mendoza: Universidad de Cuyo, 1992. (p.217-244)

³⁴ Foi durante o **IV Congreso Internacional de GeoCrítica** realizado em maio de 2002 em Barcelona, que vários membros do CEGeT tiveram oportunidade de conhecer seu trabalho e trazer a sua discussão para o Grupo de Estudos. Este evento teve como temática central o mundo do trabalho, e nele participaram, representando o CEGeT: Antonio Thomaz Júnior, Marcelino Gonzales de Andrade e Jorge Montenegro Gomes, coordenador e membros do Grupo de Pesquisa respectivamente.

Da nossa participação resultou a publicação de um número especial da revista Pegada, 2002. Vide: www.prudente.unesp/ceget/pegada . Acesso em: 08/06/2004.

O encontro foi organizado pela revista de estudos geográficos *Geocritica*, coordenada pelo professor Horario Capel, junto a Universidade Autònoma de Barcelona (UAB).

Aliás, níveis de análise micro como o local, o lar e o corpo se configuram como as escalas geográficas principais em grande parte desses estudos. Observamos assim uma evolução paralela no desenvolvimento da teorização da diferencia espacial e sua leitura multiescalar³⁵ e a construção e aprimoramento de métodos etnográficos de pesquisa.

Para estas pesquisadoras métodos quantitativos e qualitativos não são antitéticos. Todavia, precisamos ser conscientes da ambigüidade, complexidade, não-universalidade, do papel da subjetividade, da nossa posição relativa no processo de pesquisa, e finalmente, do compromisso para a superação. Isto tem levado a um exercício importante de reavaliação das metodologias que tem desembocado na ampliação e legitimação da pesquisa qualitativa na geografia.

Em termos gerais, o que atende diretamente aos nossos objetivos é que o estudo qualitativo se destaca pela pesquisa intensiva nos lugares, enfatizando o estudo das experiências cotidianas. Ainda, o discurso e o significado são elementos centrais no progresso da investigação. A sua análise, tanto de textos escritos quanto orais, junto com o uso de material iconográfico e fotográfico é essencialmente valorizada.

Porém, o uso destes métodos também gera problemas. A alerta de estas autoras recai sobre a posição que nós ocupamos enquanto pesquisadoras externas, ou seja, as nossas experiências, perspectivas e preconceitos, existem inevitavelmente e produzem determinados efeitos no desenvolvimento e nos resultados da pesquisa. Seu reconhecimento tem que possibilitarmos atenuar os efeitos das relações de poder que se estabelecem entre pesquisadora e pesquisados. Embora nossa posição relativa como pesquisadores (gênero, classe, idade,

³⁵ Nos referimos ao debate centrado no campo de análise da escala geográfica estabelecido, entre outros autores, por Smith (1988,1992, 2000), Marston (2000, 2001), Brenner (2001), Harvey (2003), Guimarães (2003), Gonçalves (2004).

nacionalidade etc.) não é só em termos de poder, senão também em como nos dirigimos ao entrevistado e de que maneira interpretamos os resultados.

Concordando com estas autoras, o essencial da nossa prática não pode ser outra que à honestidade com a nossa análise e os resultados do processo de pesquisa.

2. O estado da arte no Brasil: uma proposta por dentro da Geografia do Trabalho

Os estudos de gênero no Brasil, segundo Nizza da Silva, M.B. (1987), representam uma área de conhecimento imprecisamente demarcada e de caráter interdisciplinar, ainda que se venham impondo e ganhando autonomia na estrutura “conservadora da Universidade”. Mostra disto é a proliferação de núcleos de estudo e pesquisa, mesmo que nem sempre com existência duradoura, nas Universidades do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo, segundo os nossos registros (BLAY: 1990)

Assim, se uma década atrás Calio (1991) denunciava o caráter androcêntrico da geografia brasileira “distante do debate teórico que se instalou (...) nas Ciências Sociais a respeito da articulação entre classe e gênero” (p. 47), na atualidade essa distância tem sido superada no esforço que determinados Grupos de Pesquisa, no âmbito da Geografia, estão realizando no caminho da sistematização da discussão de Geografia e gênero no Brasil.

Os trabalhos pioneiros nesta linha referem-se à produção científica da professora Rosa Ester Rossini, da USP, coordenadora do Grupo de Trabalho em nível de Pós-Graduação “A Mulher como Força de Trabalho”, junto com a produção e atuação da professora Marlene Maria da Silva, na Universidade Federal

de Pernambuco, orientanda da anterior e coordenadora do Grupo de Estudo “Mulher e Trabalho”.

Também, destaca a tese da própria Sonia Calio intitulada “Relações de Gênero na cidade. Uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana”, defendida na USP sob orientação da professora Maria Adélia Aparecida de Souza. Seu trabalho representa um estudo das desigualdades sócio-espaciais advindas não só das diferenças sociais mais também das relações de poder entre os gêneros. Seu objetivo primeiro foi o de tornar clara a “relação específica” das mulheres com o espaço.

Nas Universidades Federais de Sergipe e Goiana, nos núcleos de Estudo do Semi-Árido e no Instituto de Ciências Sócio- Ambientais, respectivamente, as professoras Maria Augusta Mundin Vargas e Maria Geralda de Almeida desenvolvem conjuntamente o estudo da construção da identidade da mulher trabalhadora rural sergipana. Cultura, natureza e gênero constituem os conceitos chave da sua discussão.

Na Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente Terezinha Brumatti Carvalhal e Renata Cristiane Valenciano coordenadas por Antonio Thomaz Júnior vêm desenvolvendo a pesquisa e o debate sobre gênero dentro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT). Ambas colocam a proposta nos seguintes termos; incorporar a análise das transformações no mundo do trabalho, no contexto sindical e na Luta pela Terra respectivamente, à categoria de gênero, visando superar a descrição dos papéis sociais que trabalhadores e trabalhadoras desempenham, para examinar as relações de gênero fundamentadas no binômio patriarcalismo - capitalismo.

Esta mudança na ênfase implica um trabalho teórico mais complexo sobre a diferença na construção social e espacial do gênero, e as formas de

articulação com outras categorias como classe, raça, nacionalidade, etnia, sexualidade, idade etc.

Os três núcleos destacados são mostra de que a Geografia de gênero no Brasil se inicia sob diferentes correntes de pensamento, contudo, ainda está por desvendar, grafar, analisar e superar.

Voltando-nos agora sobre a discussão travada no CEGeT, esta parte da leitura da expansão das relações de produção capitalistas no Brasil durante o século passado foi geograficamente desigual e deu-se sob processos diferenciados, e disto resultaram as hoje bem conhecidas diferenças econômicas entre as regiões, por outro lado a divisão espacial do trabalho implicou em regiões com papéis diferenciados, onde as suas estruturas econômicas e de emprego também se desenvolveram ao longo de caminhos diferentes.

Mas a expansão das relações de produção capitalista também foi acompanhada de outras mudanças. Em particular das relações existentes entre homens e mulheres. Em cada território o capitalismo e o patriarcalismo³⁶ articulam-se acomodando-se um no outro, de modos diferentes. É exatamente esse processo que demanda a nossa atenção. É necessário colocar em questão que as contrastadas formas de desenvolvimento econômico nas diferentes partes do país apresentam distintas condições para a manutenção das “iniquidades de gênero”. Em outras palavras e sem eufemismos encobridores, da opressão de mulheres e homens.

³⁶ O patriarcalismo deriva-se do conceito de patriarcado, o qual supõe uma das contribuições mais importantes do feminismo marxista às ciências sociais. Para a vertente mais radical desta corrente de pensamento o patriarcado é um sistema econômico social no qual os homens se apropriam do trabalho das mulheres em benefício próprio; as relações de patriarcado entre homens e mulheres implicam que estas são exploradas economicamente pelos homens, os quais se apropriam do seu trabalho (produtivo e reprodutivo), sendo assim o patriarcado a causa da subordinação feminina. O feminismo socialista, no obstante, situa a opressão da mulher dentro da análise de classe e das relações de produção. Esta orientação pretende estabelecer a conexão entre as relações de gênero, o patriarcado e o modo de produção capitalista (SABATE,1995; WGSG, 1997).

Atender a essa preocupação demanda aproximarmos da síntese de tais aspectos da sociedade nos diferentes lugares. E, nestes termos, aproximarmos da compreensão dos sentidos e significados das relações sociais de gênero que compõem a singularidade do lugar. Sendo que este, na questão que nos ocupa, é *locus* potencializador/repressor da mobilização política feminina.

Com isso queremos lembrar que o controle espacial e o controle social partem do mesmo radical, a lógica capitalista. Como assevera Harvey (2003) “a hegemonia ideológica e política de toda a sociedade depende da capacidade de controlar o contexto material da experiência pessoal e social” (p.17). Trata-se de se produzir uma subjetividade coletiva, aliás a *subjetividade capitalística* nos termos definidos por Guattari e Rolnik (1986). Segundo estes autores, o que caracteriza os modos de produção *capitalísticos* é que eles não funcionam unicamente no registro dos valores de troca, valores que são da ordem do capital, das semióticas monetárias ou dos modelos de financiamento. Eles funcionam também através de um modo de controle da subjetivação que chamam de “cultura da equivalência” ou de “sistemas de equivalência na esfera da cultura”. Assim, desse ponto de vista, o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência; o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva. Segundo estes autores esta seria “a própria essência do lucro capitalista que não reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também na tomada de poder da subjetividade.”

Aludindo á obra referência destes autores, como se de pequenas *cartografias do desejo*³⁷ falássemos, o que nos interessa é tentar conhecer a forma do que entendemos como uma problemática global, a dominação-opressão de gênero, é apreendida, semiotizada e geografada nos diferentes lugares.

³⁷ Nos referimos a *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Vozes: Rio de Janeiro, 1986.

Nos acampamentos e assentamentos rurais do MST, objeto da nossa pesquisa, os trabalhadores e trabalhadoras que ocupam e se assentam nestes espaços constroem com o seu trabalho lugares com uma identidade particular, “Sem-Terra”, produzem espaços e também reproduzem relações de produção capitalistas, uma vez que se convertem em agricultores com terra. Mas, não são apenas reproduzidas relações de classe, senão também relações hierárquicas de cultura, de língua, de raça e marcadamente de gênero.

Com isto queremos destacar a importância de identificar, na construção de uma Geografia agrária que nos possibilite entender a dinâmica do campo hoje, as configurações históricas particulares em cada espaço, que apresentam outras formas de diferenciação associadas a modos de dominação e resistência específicos. O reconhecimento dessa diversidade é o que permite, de acordo com o professor Bonaventura de Souza Santos³⁸, a emergência de novos espaços de resistência e luta e de novas práticas políticas.

No Brasil, as pequenas propriedades agrícolas de exploração familiar, onde trabalham e vivem as “colonas e colonos italianos” do Rio Grande do Sul em regime de sociabilidade com marcada diferença de gênero, que em ocasiões nos lembram o medievo europeu; as fazendas agropecuárias do interior de São Paulo, onde “as mulheres dos” empreiteiros são encarregadas pela reprodução da mão-de-obra, atendendo à família e aos peões; o grande latifúndio agrícola de exportação no Mato Grosso do Sul, onde centenas de mulheres cortadoras de cana duplicam as suas jornadas de trabalho por diárias inferiores às dos trabalhadores; e/ou os acampamentos do MST no Pontal do Paranapanema, onde os e as militantes participam das tarefas de produção e trabalham politicamente na construção de novas relações na esfera da reprodução. São *tipos* de lugares em que,

além das diferenças na produção em si, dominam também diferentes formas de reprodução social.

São também as singularidades da, incipiente em termos da sistematização, geografia regional de gênero brasileira.

Doutro lado, no Brasil, segundo Blay (1994), os movimentos de mulheres têm uma longa e pouco estudada presença na sua história. Os anos dourados da emergência da questão da mulher na sociedade brasileira se situam nos finais da década de 1970 e princípios dos anos 80. Foram idéias contraditórias vindas de matrizes discursivas heterogêneas. Por um lado estava a proposta da igreja progressista e por outro as ligadas às correntes de pensamento feministas. Souza Lobo (1989), nos finais da década de 1980, apontava para indicadores de mudanças sociais, em particular a presença de mulheres nos movimentos populares. E ainda que as explicações tenham se iniciado sempre recorrendo à dimensão material das reivindicações populares, voltadas em especial para a reprodução social, posteriormente o desenvolvimento cultural e político permitiu que novas questões entrassem na pauta tanto dos críticos e estudiosos dos movimentos quando na agenda de reivindicações das mulheres que lutavam por melhores condições de vida. O “novo” foi então a opressão e submissão da mulher, em diferentes escalas de atuação.

No Rio Grande do Sul, surgiram durante a década de 1980, movimentos sociais no campo marcados por um discurso de esquerda fortemente igualitário, que necessariamente introduziu o tema sobre a discriminação da mulher e colocou em prática ações encaminhadas como paliativos de tal situação, destacadamente o MST.

³⁸ Cf. SANTOS, 2003.

A partir deste momento, os estudos dos movimentos sociais tenderam, e ainda tendem, a ignorar a composição interna dos mesmos: os atores sociais são assexuados. Mas foi através dos movimentos que a emergência das mulheres se fez *presença*³⁹ enquanto espaços específicos onde ocorre a articulação entre as dimensões da vida pública e privada.

Mostra disto, foi a participação gradualmente maior das mulheres em atos públicos, a celebração de encontros e congressos comemorativos, a realização de debates sobre os direitos das mulheres a serem inscritos na Constituição de 1988 e a participação nas campanhas eleitorais concretizando o debate já iniciado sobre a necessidade da autonomia das mulheres, formando o seu próprio movimento. Assim, em 1988 se formou uma comissão provisória e em 1989 foi legitimado formalmente o MMTR, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, durante o I Encontro Estadual do MMTR, quando 500 delegadas, representando 86 municípios do Rio Grande do Sul, aprovaram a criação do primeiro movimento de mulheres agricultoras e camponesas de todo o país. Hoje o MMTR passou a denominar-se Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil, MMC-Brasil, que faz parte da Via Campesina⁴⁰.

Outra questão importante a ser colocada é a profundidade das modificações do tecido social brasileiro nestes últimos anos, as quais remetem a muitas dimensões, inclusive estruturais, com a entrada das mulheres na força de

³⁹Referimo-nos ao sentido que Lefebvre (1980) atribui à presença e ausência no seu estudo sobre as representações sociais, enquanto potências sem poder. A presença como comunhão e comunicação.

⁴⁰A Via Campesina é um movimento internacional que coordena organizações camponesas de medianos e pequenos agricultores, de trabalhadores agrícolas, mulheres e comunidades indígenas de Ásia, África, América e Europa. Define-se como um movimento autônomo, pluralista, independente de denominações políticas, econômicas ou de outra índole. Também está integrada por organizações nacionais e regionais, cuja autonomia é respeitada.

trabalho, mas, muito mais do que isso, é considerar o trabalho enquanto economia submersa e a importância estrutural das mulheres neste tipo de economia.

Nos espaços urbanos, especificamente na periferia, o desvendamento do controle social inerente à articulação capitalismo-patriarcalismo requer que questionemos qual é o sentido e o significado das relações de gênero inscritas nestes lugares. Em outras palavras, o que significa ser mulher-trabalhadora-segregada-excluída⁴¹? Na periferia *semiurbana*, *rururbana*, *quase-urbana* de Presidente Prudente, as mulheres trabalhadoras mais jovens são a única segurança econômica nos subumanos orçamentos de muitas das famílias espacialmente segregadas e inclusas na precariedade da exclusão social. Nove, seis, oito membros e tão só um salário mínimo fixo, o de doméstica em uma das ilhas de fantasia de uma cidade de muros, o condomínio fechado *Damba*, onde moram as damas e trabalham as mulheres⁴². E este quadro se repete em todo o estado.

Como fala o professor Ruy Moreira, “a geografia é um tipo de relação com o mundo”. O gênero enquanto relação social não deixa de ser uma relação espacial. E isto é importante levar em conta no estudo e compreensão dos lugares. A dicotomia campo –cidade se dilui felizmente nestes termos e podemos analisar processos globais e respostas locais, o fenômeno e a sua manifestação concreta.

Assim entendemos, no CEGeT, o caráter relacional de gênero e a sua leitura no espaço, como exercício de implementação de uma práxis geográfica

⁴¹ Entendemos que estas mulheres estão em situação de exclusão social no sentido de não ter a possibilidade de optar, mas são inclusas no sistema de forma precarizada.

⁴² Estas afirmativas partem dos depoimentos de moradores de áreas periféricas da cidade de Presidente Prudente, obtidos em entrevista durante o trabalho de campo da pesquisadora Silvia Regina Pereira, com quem tivemos oportunidade de colaborar.

que possibilite o entendimento e a superação do campo, e se é possível da cidade, também.

1.3. Sobre as fontes coletadas

Em relação aos procedimentos metodológicos adotados e construídos durante a pesquisa, em primeiro lugar assumimos como instrumento válido e fundamental a análise qualitativa, no desafio de apreender os significados do território da luta dos trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra por meio da perspectiva de gênero.

Neste sentido, incorporamos a tendência reinaugurada pelas geografias feministas no ressurgir da análise qualitativa nos estudos recentes da Geografia humana. Segundo García Ramón (1998) e Colombara (2002), foi a Geografia do gênero a pioneira na atual reincorporação destas técnicas, utilizando, entre outras, a entrevista em profundidade, as histórias de vida, a observação participante e as discussões entre grupos focais.

A escolha de esta metodologia como base dos dados manejados, é resultado de uma eleição consciente e atende a interesses determinados. De um lado, queremos mostrar como a apreensão através de técnicas qualitativas das relações sociais de gênero presentes nos assentamentos e acampamentos rurais, podem contribuir com novos aportes, uma vez que permitem avanços teóricos sobre a temática, visando ao aprofundamento mais do que a generalização. Assim sendo, nossa análise enfatiza a voz das trabalhadoras e trabalhadores rurais Sem-Terra, na tentativa de aproximarmos de seu significado histórico e cultural enquanto classe e

grupo específico, gerando novas idéias e novas hipóteses, por tanto, avançando na interpretação teórica da realidade.

Por outro lado, acreditamos não só na eficiência deste tipo de análise, quanto na conveniência da aplicação a objetos de pesquisa como o nosso, onde nem as estatísticas disponíveis, nem os dados possíveis elaborados por nós, poderiam oferecer informações suficientemente significativas para um estudo em profundidade. Neste particular “o gênero também influi na eleição do método de análise”⁴³ como afirma Baylina (2003, p.7), e de tal maneira a metodologia desta pesquisa foi selecionada de acordo com o problema proposto pela investigação: a diferença existente na produção e reprodução das relações sociais de gênero nos lugares da Luta pela Terra.

Ainda, optamos pela História oral por permitirmos privilegiar significados mais que descrições e as interpretações mais do que coleta de informações, ou seja, por ser plena de intencionalidade, no sentido de expressar sujeitos políticos pelo reconhecimento das suas experiências sociais. Como coloca Oliveira (2001):

os relatos orais de vida e de experiências tem na linguagem mais que uma forma de comunicação, a linguagem e uma forma de intercambio e transformação de significados pelo que denota e conota, pelo que revela e oculta (p.28).

Abordar a construção cotidiana da vida das trabalhadoras e trabalhadores Sem-Terra supôs, sem dúvida, tomar contato com seus sentimentos, expectativas e sonhos, frustrações, realizações, valores, crenças e ideologias. Criamos

⁴³ Tradução da autora

através desta técnica, a porta de acesso a subjetividade, como expressão de consciência.

O convívio com os protagonistas da luta e as suas situações, aliado a preocupação de apreensão da construção da geograficidade das relações sociais de gênero no seu contexto, ratificou a opção pelo trabalho com fontes orais. Voltando novamente a Oliveira (2001), procuramos: “buscar no reconhecimento do outro como sujeito, o reconhecimento da nossa história, de nosso tempo, atentando para o que o cotidiano apresenta de uno e de múltiplo” (p.29).

Sob esta perspectiva utilizamos a *entrevista em profundidade* de cunho biográfico destacando a trajetória trabalhista e de luta política dos nossos interlocutores e a *entrevista semi-estruturada* enfatizando a autopercepção do seu cotidiano.

As fases

A implementação dessas técnicas de investigação se fez possível através da convivência realizada pela equipe de trabalho de campo com trabalhadoras e trabalhadores rurais sem terra em múltiplas ocasiões, o que em termos acadêmicos se conhece como *observação participante*.

As saídas a campo foram realizadas junto com Fabio Campos, Edvaldo Carlos de Lima, Sonia Maria Ribeiro e Renata Valenciano, todos eles membros do Grupo de Pesquisa CEGeT, sendo que Valenciano foi uma destacada participante e colaboradora de todas as fases e passos deste trabalho, desde a organização dos roteiros até as noites debaixo do barraco.

As entrevistas foram realizadas junto às militantes do MST, e lideranças do Setor de Gênero, na região do Pontal do Paranapanema.

Paralelamente, nós entrevistamos com as dirigentes da OMAQUESP, nos assentamentos e com as representantes regionais.

Outros atores sociais com quem mantivemos interlocução contínua foram os técnicos do ITESP (Instituto de Terras de São Paulo) em Teodoro Sampaio e Presidente Prudente, funcionários da prefeitura de Teodoro Sampaio e ONGs, vinculadas ao desenvolvimento de projetos em parceria com o MST e a OMAQUESP, como o IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas).

No total foram realizadas 32 entrevistas *em profundidade* na região do Pontal do Paranapanema, ao longo de quatro etapas; a primeira em outubro de 2001 durante o IV Encontro Estadual de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo, realizado em Araraquara 26 ao 28 de outubro onde se reuniram mais de 500 mulheres lideranças nacionais, estaduais e regionais dos acampamentos e assentamentos rurais de todo o Estado, representantes de movimentos sociais, organizações de trabalhadores, entidades de classe e partidos políticos.

A segunda etapa realizou-se em fevereiro de 2002, com a visita aos acampamentos e assentamentos rurais do município de Teodoro Sampaio, sede regional do MST e da OMAQUESP.

Durante esta etapa selecionamos um acampamento e um assentamento onde pudemos vivenciar junto às trabalhadoras e trabalhadores rurais o seu cotidiano. Os critérios para esta seleção foram, em primeiro lugar, a origem de ambas organizações territoriais no MST. No caso do acampamento, o condicionante foi a presença de representantes do Coletivo de Gênero do MST. No assentamento privilegiamos a existência de militantes tanto do Setor de Gênero quanto da OMAQUESP.

Na cidade de Teodoro Sampaio, entrevistamos os técnicos do ITESP (Instituto de Terras de São Paulo) que acompanham o trabalho nos assentamentos, o Secretário de Desenvolvimento Local e Meio Ambiente, a Assistente Social da Prefeitura, o diretor da Organização Não Governamental IPÊ, a Vice-Presidenta Estadual e Representante Regional da OMAQUESP, a Coordenadora Estadual do Sector de Gênero e várias lideranças regionais do MST.

Na terceira etapa do trabalho de campo realizou-se em junho de 2002, durante o Primeiro Acampamento de Mulheres do MST do Estado de São Paulo, coordenado pelo Setor de Gênero da região do Pontal do Paranapanema, realizado de 7 a 15, nas proximidades do Fórum de Teodoro Sampaio, em protesto contra a prisão de militantes e o processo de criminalização que o Movimento está sofrendo na região. Durante esta mobilização tivemos a oportunidade de entrar em contato com mais de 200 mulheres acampadas na região do Pontal e participar das atividades implementadas pelo Setor de Gênero na formação das mulheres na Luta pela Terra.

A última fase que completa o trabalho de campo, teve lugar em novembro de 2003 e fevereiro de 2004, quando junto a Lima e Valenciano demos seqüência às entrevistas junto às trabalhadoras e lideranças com as que dois anos atrás iniciávamos esta nossa conversa, e também com outros trabalhadores e trabalhadoras Sem-Terra que no decorrer deste trabalho foram se incorporando às fileiras da Luta do MST no Pontal do Paranapanema. Visitamos também os acampamentos que surdiram no Pontal após a posse do “Governo Lula”, e retornamos aos assentamentos e pré-assentamentos base da nossa pesquisa até o momento. Durante este período, o trabalho de investigação também nos levou a participar de um conjunto ampliado de formas coletivas de mobilização e

manifestação estabelecidas pelo MST durante este período. Destacando entre outras; as romarias e passeatas, como a Romaria da Terra e as passeatas em protesto pela criminalização dos militantes do Movimento em Teodoro Sampaio e Presidente Prudente; ocupações de órgãos públicos, como as ocorridas no ITESP de Presidente Prudente, em sucessivas ocasiões, reivindicando a negociação de áreas, ou no Fórum de Teodoro Sampaio; os acampamentos e assembléias em locais públicos, como os realizados no átrio da Catedral de Presidente Prudente; as festas comemorativas, como a celebração dos 13 anos de luta do MST no Pontal; e os diferentes eventos que conseguimos compartilhar, como os Encontros de Mulheres Acampadas e Assentadas, ou as Jornadas para jovens do campo e da cidade, realizados em distintas localidades do Pontal do Paranapanema.

As técnicas

Na elaboração dos roteiros, baseados em questões abertas (anexos A, B, C e D), optamos por dividir, com fins analíticos, as mulheres entrevistadas em acampadas, assentadas e militantes do movimento social e/ou representantes da organização de mulheres. Todavia, o caráter descontraído e aberto dos depoimentos das trabalhadoras, especialmente das acampadas e assentadas não engajadas em nenhuma entidade, acabou contribuindo sobremaneira para a percepção da subjetividade, de seus valores e seu universo simbólico. Na análise das entrevistas levamos em conta dois conceitos fundamentais, a questão do trabalho e da luta política como categorias cruciais que movimentam a memória tanto feminina, como masculina na maior parte dos depoimentos obtidos em acampamentos e assentamentos dos Sem Terra.

Junto com Valenciano participarmos das reuniões que realiza regularmente o Coletivo de Gênero do MST do Pontal, na sede da Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentamentos de Reforma Agrária do Pontal (COCAMP), em Teodoro Sampaio. A prática comum destas reuniões é abri-las com a denominação “análise da coyuntura”. Trata-se de uma reflexão sobre os desafios colocados para a Reforma Agrária. A sua finalidade é a de informar sobre as questões da atualidade do MST, e da Luta pela Terra em sentido amplo, às representantesdo para que estas ampliem a discussão divulgando-a nos seus acampamentos e assentamentos respetivos.

Essas reuniões se converterão também em ótimas oportunidades onde desenvolver *discussões em grupo focais*, reunindo por seção entorno de 10 a 15 militantes acampadas e assentadas.

A escolha da técnica conhecida como grupo focal respondeu ao seu alcance enquanto método qualitativo de pesquisa. As vantagens desta prática são destacadas por Placco (2004) quando afirma:

Os grupos focais se prestam, pois, muito bem, para a finalidade de se chegar mais próximo às compreensões que os participantes possuem do tópico de interesse do pesquisador. Pode-se compreender, além disso, não apenas, “o que” mas também “por que” os participantes pensam da maneira como pensam. Esta técnica permite obter dados qualitativos relativos à opinião do grupo participante, suas representações, atitudes, sentimentos e expressões verbais, além das diferenças existentes entre as representações expressas (p. 7).

Assim sendo, procedimos identificando o assunto em foco de cada discussão a partir da pauta da reunião do dia, como por exemplo: a organização do Encontro das mulheres do MST, proposta, mobilização e equipes; a participação da Romaria da Terra e divisão de tarefas por acampamentos; o estado dos presos do MST⁴⁴ e situação dos direitos humanos no Pontal; o agendamento de audiências públicas com diferentes instituições, ITESP, Caixa Federal, poder Judiciário; o planejamento da agenda de luta e previdência da mulher trabalhadora rural, entre outros.

A partir de aí levantamos algumas questões desencadeadoras ligadas ao nosso roteiro de discussão (Anexos A,B,C,D) e operamos como moderadoras incentivando a conversação e troca de experiências. Através dessa prática privilegamos o registro das diferentes opiniões, atitudes, preferências, necessidades e representações das mulheres engajadas na militância e assentadas e/ou acampadas no Pontal.

Todas estas atividades nos permitiram, além da multiplicação das fontes, a recopilação de um volume importante de imagens. Cenas cotidianas dos protagonistas da luta, as suas geografias e paisagens foram fotografadas. Isto nos possibilitou reter a disposição espacial dos barracos nos acampamentos e a estrutura diferenciada dos loteamentos nos assentamentos e a elaboração de croquis explicativos, donde localizar e discutir “lugares da diferença”.

De tal modo, o que entendemos num início como um recurso complementar ao nosso estudo, revelou-se uma parte integral da pesquisa,

⁴⁴ Durante os quatro anos nos que acompanhamos ao MST no Pontal houve varios momentos nos que militantes do MST da região foram presos. Em 2003 o movimento sofreu um agudo processo de criminalização que desencadeou a prisão de varias das suas lideranças. Nas reuniões do Coletivo nas que então participamos a situação de Diolinda Alves, Zê Rainha e “Mineirinho”, sempre esteve na pauta.

importante e necessária, por isso incorporamos as imagens das paisagens da Luta pela Terra, focadas sob o prisma do gênero.

Com este exercício procuramos, por uma parte, apropriar-nos de um outro “texto” na apresentação de resultados de pesquisa geográfica. E por outra, reconstruir metodologicamente os passos de uma investigação que parte da paisagem, enquanto possibilidade de representação, para chegar à análise do território, como recorte de domínio do espaço.

Além, nos somamos à idéia de que o uso de imagens na Geografia acrescenta novas dimensões, as quais segundo Fiedmam - Bianco, e Leite (2001) permitem “aprofundar a compreensão do universo simbólico que se exprime em sistemas de atitude” (p.200).

Para estes autores “a imagem e os meios visuais, quando utilizados como instrumentos etnográficos, ampliam as condições para o estabelecimento de um diálogo fecundo com outros universos culturais” (p.200). O que entendemos se reproduz quando utilizamos também estes recursos como instrumentos geográficos.

Recapitulando

Em consonância com os apontamentos de Whitaker (2000), nossa preocupação constante foi atender a questão da totalidade histórica e o processo de exclusão no que estão inseridos nossos interlocutores.

Chegado até aqui faz-se necessário colocar que, por metodologia, entendemos o caminho e o instrumental próprio para a abordagem do nosso recorte da realidade, sendo esta “a formalização didática da atividade do pesquisador” (LUNA, 2000: 12). O que implica incluir tanto as conceituações teóricas abordadas no início do

capítulo, com as que tratamos de contextualizar no conjunto de questões relativas às configurações de gênero a serem analisadas nos assentamentos e acampamentos, quanto o conjunto de técnicas que possibilitaram a nossa apreensão.

Contudo, não queremos esquecer que técnicas e instrumentos derivam de conceituações teórico-políticas, o que implica a sua não neutralidade. O presente estudo se constrói com base na pesquisa qualitativa e sob o enfoque de gênero como referencial importante, entendendo o conceito como uma categoria teórica e analítica das relações sócio-espaciais.

Partimos do entendimento deste conceito amparado em Scott (1995) o qual estipula dois níveis de definição. Um primeiro nível percebe o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos e, em um segundo nível, toma o gênero como forma primária de representar relações de poder. É esta segunda percepção a que tomamos como basilar para o desenvolvimento do nosso estudo. Isto responde a potencialidade que este paradigma introduz na pesquisa, articulando quatro dimensões da vida donde se produzem e dinamizam tais relações: a simbólica, a normativa a institucional e/ou organizativa e a subjetiva.

De acordo com Brandão (2002), utilizamos a categoria de gênero encontrada em Scott, como um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Para isto, partimos de um pressuposto. De que as causas das desigualdades de gênero não podem ser compreendidas como radicadas apenas nas estruturas e dinâmicas interpessoais, mas que também são produzidas e reproduzidas através das instituições sociais (Estado, família, mercado, sociedade, religião, cultura, ...), configurando-as territorialmente.

Assim, a análise de gênero como processo teórico-prático na pesquisa geográfica, permite-nos analisar diferencialmente entre homens e mulheres os papéis, responsabilidades, conhecimentos, acesso, uso e controle sobre os recursos, problemas e necessidades, prioridades e oportunidades, concretizadas única e diferencialmente nos lugares. Sendo o propósito contribuir para analisar processos estruturais e locais que criam e reproduzem a ideologia hegemônica de gênero, assim como as práticas de resistência presentes no território da Luta pela Terra, no caminho da transformação e superação da realidade social.

Capítulo I

Relações de gênero nos lugares da Luta pela Terra do MST

O espaço não é um “reflexo da sociedade” ele é a sociedade (...) Portanto, as formas espaciais, pelo menos em nosso planeta, não de ser produzidas, como o são todos os outros objetos, pela ação humana. Não de expressar e executar os interesses da classe dominante, de acordo com um dado modo de produção e com um modo específico de desenvolvimento. Não de expressar e implementar as relações com o Estado numa sociedade historicamente definida. Serão realizadas e moldadas pelo processo de dominação sexual e pela vida familiar imposta pelo Estado. Ao mesmo tempo, as formas espaciais serão marcadas pela resistência das classes exploradas, dos sujeitos oprimidos e das mulheres dominadas. E a ação desse processo histórico tão contraditório sobre o espaço será exercida numa forma espacial já herdada, produto da história anterior e sustentáculo de novos interesses, projetos, protestos e sonhos. Finalmente, de quando em quando, surgirão movimentos sociais para questionar o sentido da estrutura espacial e, por conseguinte, tentar novas funções e novas formas.

Manuel Castells

*Por um Brasil sem latifúndio
MST*

Uma questão de vital importância para iniciarmos a “leitura” geográfica do processo da Luta pela Terra contemporâneo, que aqui propomos, é a de estarmos cientes de uma realidade que, por árdua, habituamos a não definir com palavras e sim com números: 3,5% dos imóveis rurais concentram 56% da área dos imóveis; mais de 3 milhões de famílias rurais encontram-se em situação de pobreza extrema (até R\$ 3,00 *per capita*/dia); extensas áreas de florestas são destruídas anualmente; e mais de 970 trabalhadores e trabalhadoras foram assassinadas nestes últimos treze anos em decorrência de conflitos de terra que atingiram 8.980 casos ⁴⁵.

Em síntese, o meio rural brasileiro tem a desigualdade e a pobreza como uma das suas características principais.

Por isso, voltando aos dados estatísticos, podemos observar quanto é absurda disparidades da distribuição⁴⁶ de renda *per cápita*, sendo pois uma das mais desiguais do mundo, que fazem do Brasil, antes de tudo, um país dos “sem”; sem terra, sem teto, sem lugar. Porém, é também através dessa ausência, do ser “sem terra”, que um grande número de trabalhadores se definem neste país, construindo o que para alguns são subjetividades coletivas, e para outros suas identidades, enfim, o que para nós, como geógrafos, são seus lugares de luta e resistência.

⁴⁵ Dados da proposta do II Plano Nacional de Reforma Agrária apresentado em outubro de 2003 ao Ministério de Desenvolvimento Agrário pela equipe coordenada por Plínio de Arruda Sampaio.

⁴⁶ Sabemos que qualquer distribuição, não importa quais sejam os meios de consumo, é consequência da distribuição das próprias condições de produção. Mas esta última distribuição, porém é um aspecto do modo de produção em si (MARX, 1966). Ao afirmar que Brasil é um país dos “sem”, correndo o risco simplista da generalização, propomos chamar a atenção sobre uma estrutura de relações sociais que outorga e tira oportunidades, além da privação de bens materiais e a sua injusta distribuição.

O trabalho desta tese se situa perante uma realidade rural marcadamente desigual e contraditória, determinada por dois fatores que se entrelaçam: estrutura agrária e o modelo agrícola.

Tanto histórica como atualmente, a estrutura agrária brasileira engendra mecanismos econômicos, sociais e políticos causadores da miséria, sendo seu suporte a concentração da propriedade da terra. O modelo agrícola do país baseado na modernização hegemônica pelo agronegócio, gera desemprego rural ao não absorver a força de trabalho disponível, além de intensificar a própria expropriação dos pequenos produtores de suas terras. A combinação desses dois fatores responde pela superexploração e precarização dos trabalhadores no campo pelo capital e pela dominação política da população rural pelas oligarquias tradicionais.

Todavia constata-se, de outro lado, a existência de terra apta para o cultivo em estado de total ociosidade e uma demanda em aumento que já atinge milhões⁴⁷, além do contra-ponto da preeminência do agronegócio: a classe trabalhadora rural organizada.

Os acampamentos e assentamentos rurais dos sem terra são um tipo desses lugares a que nos referimos, os quais desafiam o poder das cercas explicitando para a sociedade o conflito de classes.

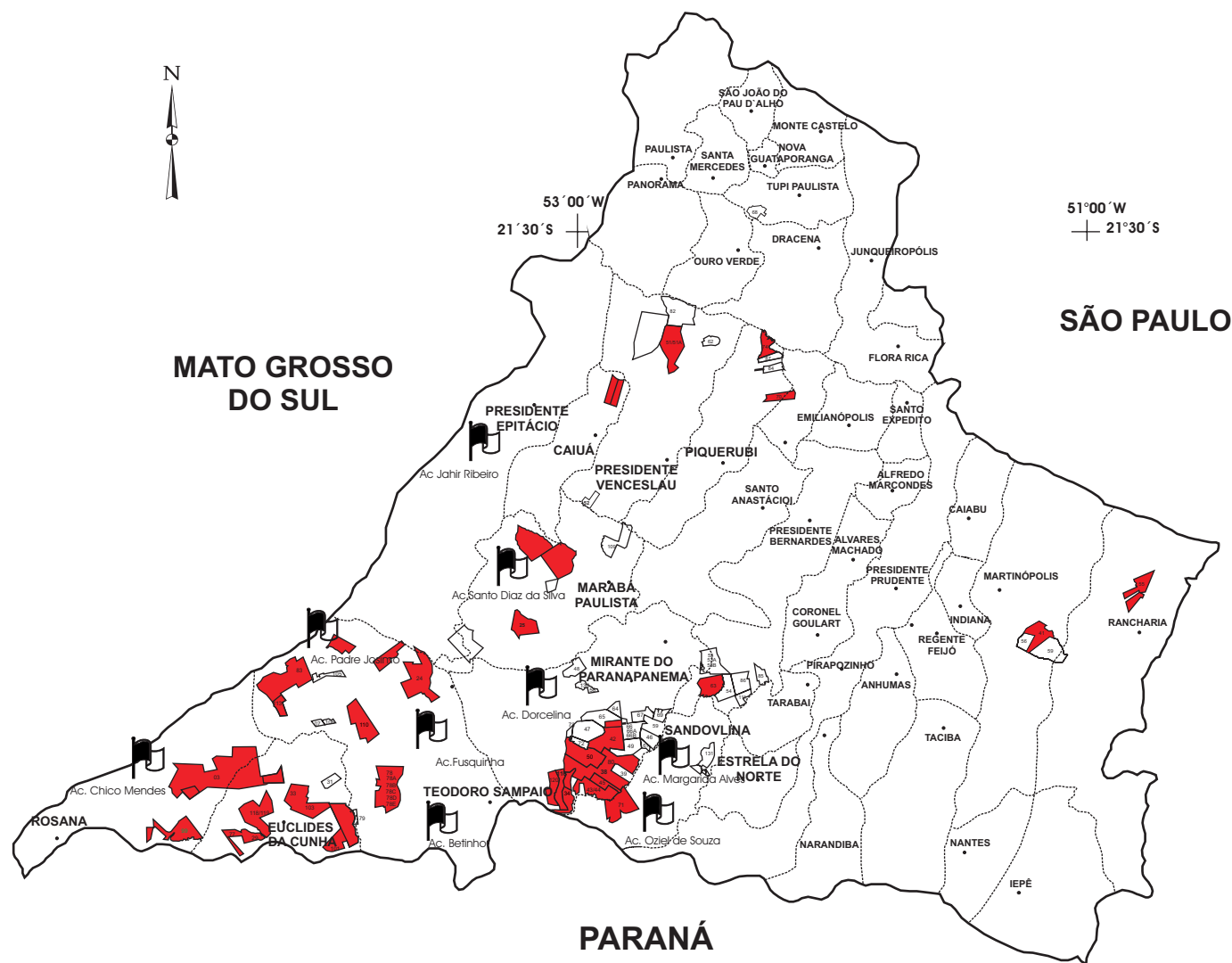
É importante lembrarmos, como forma de situar ao leitor, que a tese caminha em mão dupla: 1) no eixo do conflito da Luta pela Terra e 2) no conflito

⁴⁷ Segundo o referido II Plano de Reforma Agrária, haveria em outubro de 2003 um público alvo de reforma agrária ultrapassando os 10 milhões de famílias, o que significa 40 milhões de brasileiros e brasileiras esperando terra. Deste total 6 milhões de famílias são compostas de trabalhadores sem-terra ou cujos estabelecimentos agropecuários não contam com área suficiente para sua manutenção; 839.715 são cadastros no Programa de Acesso Direto à Terra; 171.288 são famílias acampadas; e 3,28 milhões de são famílias de trabalhadores rurais com terra insuficiente em situação de pobreza extrema. As fontes utilizadas foram: Cadastro de Imóveis Rurais/INCRA (Agosto/2003), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)/IBGE (1997 e 2001, Censo agropecuário de 1995/96), Censo Demográfico /IBGE (2000) e Sistema Nacional de Informações de Projetos de Reforma Agrária (SIPRA/INCRA)(Agosto/2003).

nos lugares da luta, acampamentos e assentamentos, a partir da “leitura” das relações de gênero. Mediam também dois momentos, o da cotidianidade da luta entre os próprios sujeitos e da processualidade social em que estão inseridos.

Daí, não se trata de analisar apenas os lugares, mas atingir a espacialidade trazendo toda a dinâmica que os anima.

FIGURA 1 - MAPA DE LUTA PELA TERRA E REFORMA AGRÁRIA NO PONTAL DO PARANAPANEMA - 2000 - 2004



ASSENTAMENTOS		
CÓD.	PROJETO DEFINITIVO	MUNICÍPIO
29	Sta. Rita do Pontal	E. Cunha/Rosana
34	Che Guevara (Sta. Clara)	Mir. Paranapanema
38	São Bento	Mir. Paranapanema
39	Estrela d'Alva	Mir. Paranapanema
42	Arco-Iris	Mir. Paranapanema
43	Canaã	Mir. Paranapanema
44	King Meat	Mir. Paranapanema
46	Flór Roxa	Mir. Paranapanema
47	Sta. Apolônia	Mir. Paranapanema
48	Sta. Carmem	Mir. Paranapanema
50	Haroldina	Mir. Paranapanema
51	Primavera I	Pres. Venceslau
51A	Primavera II	Pres. Venceslau
53	Água Limpa I	Pres. Bernardes
53A	Água Limpa II	Pres. Bernardes
53B	Sta. Eudóxia	Pres. Bernardes
54	Pauli	Pres. Bernardes
61	Washington Luiz	Mir. Paranapanema
62	Radar	Pres. Venceslau
63	Rodeio	Pres. Bernardes
64	Novo Horizonte	Mir. Paranapanema
65	Vale dos Sonhos	Mir. Paranapanema
66	Lua Nova	Mir. Paranapanema
66A	Sta. Rosa I	Mir. Paranapanema
66B	Sto. Antonio I	Mir. Paranapanema
67	Sta. Cristina	Mir. Paranapanema
68	Sta. Rita	Tupi Paulista
69	Sta. Lúcia	Mir. Paranapanema
70	Yapinari	Piquerubi/Rib. Índios
71	Bom Pasbr	Sandovalina
72	Alvorada	Mir. Paranapanema
73	Marco II	Mir. Paranapanema
74	Sto. Antonio da Lagoa	Piquerubi
77	Porto Leticia	Euclides da Cunha
78	Sta. Rita da Serra	Teodoro Sampaio
78A	Sto. Antonio dos Coqueiros	Teodoro Sampaio
78B	Vale Verde	Teodoro Sampaio
78C	Haidéia	Teodoro Sampaio
78D	Cachoeiro do Estreito	Teodoro Sampaio
78E	Sta. Vitória	Teodoro Sampaio
79	Córrego Azul	Teodoro Sampaio
80	N. Sra. Aparecida	Mir. Paranapanema
81	Maturá	Caiuá
82	Tupacretã	Pres. Venceslau
83	Laudenor de Souza	Teodoro Sampaio
84	Sta. Rita	Piquerubi
85	Sto. Antonio II	Pres. Bernardes
86	Florestan Fernandes	Pres. Bernardes
87	São José da Lagoa	Piquerubi
99	Nova do Pontal	Rosana
100	Bonanza	Rosana
101	Rancho Alto	Euclides da Cunha
103	Rancho Grande	Euclides da Cunha
104	Sta. Rita	Caiuá
105	V6 Tonico	Teodoro Sampaio
106	Alcídia da Gata	Teodoro Sampaio
107	Sta. Terezinha da Alcídia	Teodoro Sampaio
108	Água Branca I	Teodoro Sampaio
109	Sto. Antônio	Marabá Paulista
110	Sta. Zélia	Teodoro Sampaio
111	Quatro Irmãs	Pres. Bernardes
112	Sta. T. da Água Sumida	Teodoro Sampaio
113	Sta. Cruz da Alcídia	Teodoro Sampaio
130	Sto. Antônio	Mir. Paranapanema
131	Guarani	Sandovalina
45	Santana	Mir. Paranapanema
49	Sta. Cruz	Mir. Paranapanema
52	Sta. Maria	Pres. Venceslau
58	Ponta (Sta. Rosa 2)	Mir. Paranapanema
59	Sta. Isabel I	Mir. Paranapanema
03	Gleba XV de Novembro	Rosana/Euclides da Cunha
31	Tucano	Euclides da Cunha
33	Sta. Rosa	Euclides da Cunha
24	Água Sumida	Teodoro Sampaio
25	Areia Branca	Marabá Paulista
41	Chico Castro Alves	Martínópolis/Rancharia
55	Nova Conquista	Martínópolis/Rancharia
56	Nova Vida (Rodeio)	Martínópolis
116	Antonio Conselheiro II	Mir. Paranapanema
117	São Pedro	Rancharia
118	Nova Esperança II	Euclides da Cunha
119	Nova Esperança III	Euclides da Cunha
120	Paulo Freire	Mir. Paranapanema

ESCALA GRÁFICA APROXIMADA

LOCALIZAÇÃO NO ESTADO

LEGENDA

- Limite de Município
- Assentamento de Reforma Agrária
- Assentamento de Reforma Agrária pesquisado
- Acampamentos

Base Cartográfica: Itesp - 2004

Fonte: Itesp; Lima (2004); Trabalho de Campo

Organização: Lima e Franco (2004)

1.1. Acampamentos e assentamentos rurais: a concepção global do lugar

Todos os lugares são virtualmente mundiais

Marcelo López de Souza

Nas ocupações das terras devolutas e latifúndios improdutivos, levadas a cabo no Pontal do Paranapanema, homens, mulheres e crianças participam como uma força política única e coesa, a da classe trabalhadora. A ocupação é, portanto, um processo socioespacial e político complexo, uma ferramenta de luta e resistência contemporânea da classe trabalhadora. Em última instância são os trabalhadores desafiando o Estado, o qual continua sem apresentar vontade política para a formulação de uma Reforma Agrária massiva no país e sim políticas desconexas que têm como finalidade atenuar os processos de expropriação e exploração da classe trabalhadora.

Através da ocupação de latifúndios e terras devolutas, a estrutura organizada do espaço se transforma. Entram em cena novas formas de gestão do território: os acampamentos e assentamentos rurais.

Como sabemos, a produção e reprodução do espaço estruturam-se através de determinadas relações de poder decisivas, sendo o gênero uma delas. Podemos afirmar que o lugar acampamento concentra relações de gênero, relações de poder socialmente construídas, diferenciadas do lugar do assentamento. Essa relação diferenciada possui dimensão espacial. A localização dos lugares “masculinos” e “femininos” dentro destas organizações espaciais expressa os espaços de sociabilização apropriados e produzidos por cada gênero. Constatamos assim que a divisão funcional do espaço, nestes lugares, toma conotações de um gênero.

A questão radical que se nos impõe ao abordarmos a situação diferenciada em respeito ao gênero expressa nos lugares, responde à polêmica sobre a origem da universalização da subordinação da mulher, desdobrando-se da questão de classe. Referimo-nos ao “jogo” de poder que subordina um gênero sob outro. Existem numerosos estudos, dentro das Ciências Sociais, que tratam de explicar esta situação, inclusive questionando a tal universalidade.

Porém, nosso especial interesse remete-se a resgatar a construção social desta categoria em função de interesses históricos, com objetivo de vislumbrar a manipulação político-ideológica de tal construção, atendendo especificamente à sua implicação na dinâmica territorial: a produção e reprodução capitalista do espaço através da tendência dialética homogeneização x diferenciação.

A produção do espaço por todo este complexo de processos, apesar de possuir determinações, muitas vezes globais, encontra o caminho da singularidade. No território da Luta pela Terra materializam-se estas relações sociais, e são os acampamentos e assentamentos os lugares da sua concretização singular. A sua especificidade radica em sua construção, através de uma constelação particular de relações sociais, que neles se encontram e se entrelaçam.

Entendemos, portanto, os acampamentos e assentamentos rurais no seu sentido global, na perspectiva que Massey (2000) coloca quando nos desafia a pensar nos lugares:

não como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção destas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente (p.184)

O que define o lugar são as práticas sócio-espaciais, as relações sociais de poder e de exclusão, por isso que os espaços se superpõem e se entrecruzam e os seus limites são variados e móveis (SMITH: 2000, MASSEY: 2000, MCDOWELL: 1995).

Os lugares surgem de, e neles são geradas, relações de poder. As relações de poder estabelecem as normas que definem os limites tanto sociais quanto espaciais, dado que determinam quem pertence ou não ao lugar, e quem fica excluído, assim como a localização de uma determinada experiência. Os acampamentos e assentamentos do MST são as localizações da experiência Sem-Terra. A produção destes espaços implica a produção da sua determinada escala geográfica, na medida em que cada espaço é distinto a outro (SMITH, 1992). Em conseqüência, tanto a escala do acampamento quanto a escala do assentamento definem os limites e delimitam as identidades, em função das quais se exerce e recusa-se o controle.

Atentos a esta dimensão, um importante número de pesquisadores, especialmente antropólogos, sociólogos e geógrafos, reconhecem que as mudanças agrupadas sob o termo mundialização não têm unido o mundo, nem têm reduzido as diferenças locais, sendo que, como argumenta McDowell (1995) resgatando a Marcus⁴⁸:

a diferença e a diversidade já não são geradas na comunidade local, íntegra e autêntica, enraizada na tradição, que pode resistir-se ou adaptar-se ao novo sistema mundial com formas renovadas, senão, paradoxalmente, nas próprias condições da mudança globalizadora (p. 14).

⁴⁸ MARCUS, G (ed). *Perilous Statés: Conversations on Culture, Politics and Nation*. Chicago, 1994, University of Chicago Press.

Assim sendo, do mesmo modo que o capital é um processo, os lugares, se podemos conceituá-los em termos das interações sociais que agrupam, também são processos e não só “identidades” únicas ou singulares. Isso nos leva a identificar na escala do acampamento e do assentamento o conflito regional, nacional, global que os gera. Mas, neles também existem outros lugares, outras escalas geográficas, como o corpo, o barraco, o lote, todas elas em justaposição e apreensíveis na prática cotidiana.

O cotidiano nestes lugares é o mundo pessoal dos trabalhadores e trabalhadoras que os habitam, o entorno imediato que constitui o contexto das suas atividades, valores e aspirações. O seu estudo nos exige uma mudança de escala desde o global, o regional, até o local. Por isso que o *lugar* acampamento e o *lugar* assentamento são focos centrais da nossa reflexão, pois entendemos que neles constroem-se a rede de atividades e relações dos sujeitos implicados. Eles são a expressão local e específica do conflito capital x trabalho e a concretização da resistência à exclusão social e espacial. E, neste cotidiano, materializa-se e reproduz-se a ideologia hegemônica de gênero, mas também se modifica.

O desdobramento direto é que o espaço cotidiano das assentadas e assentados e das acampadas e acampados é diferente, o que configura um espaço subjetivo diferenciado. O que nos interessa é identificar a interconexão entre ambas construções, lugar e gênero, para originar as experiências e valores de homens e mulheres em relação ao seu entorno, para formar parte das suas identidades pessoais.

De acordo com McDowell “as distâncias sociais nem sempre necessitam distanciamento geográfico, e ocupantes dos mesmos espaços “cartesianos” podem viver em lugares distintos” (1995, p.20). A diferente posição *generificada*⁴⁹

⁴⁹ Utilizamos este neologismo como tradução do vocábulo inglês *gendered*.

que trabalhadoras e trabalhadores ocupam nestes espaços implica também uma diferente experiência do mundo que lhes rodeia.

1.2. O espaço do cotidiano: implicações na definição dos papéis de gênero

O passo a ser dado agora se dirige à *invenção* social dos papéis de gênero expressa nos acampamentos e assentamentos com origem na luta do MST localizados na região do Pontal do Paranapanema, como mostra a Figura 1 (p.55).

O processo de formação desses assentamentos rurais intensificou-se na região a partir da década de 1990, quando o MST realiza as suas primeiras ocupações⁵⁰. No município de Teodoro Sampaio, onde se localizam o assentamento Madre Cristina e o acampamento Padre Josimo lugares destacados na nossa análise, o MST iniciou seu trabalho de base reunindo 500 trabalhadores rurais nos final do ano de 1994 e princípios de 1995. Hoje, a cidade Teodoro Sampaio é considerada por diversos autores como a “capital da Reforma Agrária” (VALENCIANO, 2001), em atenção ao seu lugar destacado na história das conquistas e lutas dos trabalhadores sem terra em todo o Pontal. Os acampamentos e assentamentos com origem na luta do MST são a concretização desta historia sendo seu cotidiano diferenciado.

Nos acampamentos tem lugar o processo de formação política que busca colocar homens e mulheres em movimento. A constante interação dos habitantes nestes lugares é facilitada pela sua organização espacial, sendo que as famílias residem em barracos próximos uns dos outros. Há, como podemos observar na **Figura 2**, uma lógica na sua organização espacial que responde á estratégia e

⁵⁰ O MST realizou a sua primeira ocupação na região no dia 14 de julho de 1990, quando setecentas famílias ocuparam a Fazenda Nova Pontal num antigo distrito de Teodoro Sampaio, hoje município, de Rosana. A territorialização da conquista da terra do MST no Pontal é recolhida por Fernandes em vários trabalhos (1996, 2000).

conseqüente organização da luta, configurando-se, neste caso, em forma linear a ambos os lados da rodovia:



Figura 2: Vista parcial da organização espacial do acampamento Jair Ribeiro – MST no município de Presidente Epitácio.

Neste acampamento se reuniram mais de 4000 famílias no período de 3 meses. A grande parte delas provinha da periferia da cidade de Presidente Epitácio, concentrando um alto número de trabalhadores e trabalhadoras desempregados e informais. Sua localização nas proximidades da malha urbana é fundamental para o deslocamento diário à cidade que muitos acampados e acampadas realizam para subsistir. Os barracos se dispõem a ambos lados da rodovia, num trecho de mais de 1km. O apelido deste acampamento na região é o “Mega-acampamento” e, entre os militantes do MST “A Nova Canudos” pelo seu alto número de famílias reunidas.

Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2003.

As atividades de socialização política realizam-se no acampamento sem diferenciação de gênero nem idade. São espaços de confraternização, onde se compartilham as experiências de vida por meio das quais se trabalha na

conscientização da condição de expropriados e explorados, fortalecendo a construção da sua identidade Sem – Terra.

Fernandes (2000) define a ação de acampar como ocupar, coletiva e organizadamente, um espaço visando conquistar a terra. O acampamento é esse *lugar* entre a ocupação e a posse do lote. É também um território de barracos de lona e de despejos, de organização e gestão coletiva, de assembléias, de trabalho comunitário, de militância ativa e de resistência. A sua dinâmica implica o desenvolvimento por parte de cada um dos seus membros de uma função. Isto faz com que as acampadas e acampados participem de diferentes atividades desenvolvidas no espaço do cotidiano, organizado em ocasiões para facilitar as atividades comunitárias, como mostra a **Figura 3**:



Figura 3: Vista parcial da organização espacial do acampamento Herbert de Souza “Betinho”- MST em Teodoro Sampaio. Os barracos no Betinho foram dispostos em

três vias centrais paralelas para facilitar a comunicação e o controle de pessoas que entravam no acampamento. O caráter de segurança desta medida foi devido aos processos de perseguição política de várias das lideranças locais.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro, 2004.

Não obstante, a divisão de funções de gênero encontra-se fortemente condicionada pelo caráter temporal destes espaços, já que para a maioria dos acampados e acampadas a materialização da luta é representada pelo acesso ao lote, que inicia a concretização do seu projeto de vida.

Durante a fase de acampamento as famílias residem em barracos. A precariedade das suas condições limita o desenvolvimento da vida familiar no seu interior. Esta limitação repercute ampliando o tempo e espaço de convívio coletivo, propiciando as relações comunitárias por cima das familiares. Mas a precariedade do barraco também estabelece uma divisão de funções no seu interior diferenciada a respeito da tradicional divisão de gêneros “naturalizada” na esfera familiar. Queremos dizer com isto que o barraco não é percebido como um “feudo feminino”, algo presente, por exemplo, na noção de esfera doméstica nos lotes dos assentamentos.

Na **Figura 4** (p.64) podemos observar em primeiro plano o lugar da moradia de uma família sem-terra, o barraco junto da construção de um chuveiro externo. Neste caso, nos encontramos diante de um exemplo de acampamento circular, onde o acesso ao seu centro é mais rápido e fácil.

Na seqüência, a **Figura 5** (p.65) recolhe uma paisagem comum nas geografias da luta, a participação das trabalhadoras sem-terra na construção dos lugares da luta.

Podemos afirmar que na produção e reprodução comunitária destes

espaços, a associação mulher-esfera privada/doméstica/reprodutiva não se identifica na mesma medida para a mulher assentada, onde toda atividade realizada dentro do lote enquadra-se dentro da “percepção do doméstico”, noção significativamente ampliada para a mulher rural. Além do mais, as extremas condições de subsistência e vulnerabilidade que o grupo vivencia facilita a auto-percepção dos acampados e acampadas como sujeitos iguais de resistência.



Figura 4: Vista parcial da organização espacial do acampamento “Fusquinha”- MST, no município de Teodoro Sampaio.

As famílias aqui acampadas organizaram seu espaço em grupos sendo que cada núcleo tinha um coordenador. Esta prática é comum nos acampamentos do MST. As famílias se reúnem por afinidade e laços de amizade forjados na luta. Geralmente são trabalhadores e trabalhadoras que já estiveram juntos em outras ocupações e acampamentos. Vivenciando conjuntamente diferentes despejos.

No Fusquinha, onde se reunião entorno às 500 famílias, a lagoa era o lugar de recreio e o ponto de encontro para todas as gerações. Além de fornecer água para lavar a roupa, louça e para a manutenção e limpeza dos barracos e do espaço comunitário, constituía o divertimento dos sem-terrinhas nas quentes tardes de verão embaixo da lona preta.

Fonte: Trabalho de campo, novembro 2001.



Figura 5 : Trabalhadora sem terra acampada no Jair Ribeiro – MST, município de Presidente Epitácio

As mulheres acampadas participam das múltiplas ações que implica formar parte da luta, como o aprimoramento e a construção do barraco. Depois da ocupação é momento de adequar o espaço que será habitado nos próximos dias, por isso é preciso preparar a terra para preparar o piso do barraco. Além, do aproveitamento da terra para este fim, esta acampada, trabalha com o intuito de encontrar água para abastecimento das famílias acampadas.

Acampamento Jair Ribeiro – MST no município de Presidente Epitácio.

Fonte: Trabalho de campo, outubro de 2003.

O Padre Josimo é um dos acampamentos que o MST coordena no município de Teodoro Sampaio. A maior parte das mulheres acampadas com quem tivemos oportunidade de conversar ficaram a espera de um pedaço de terra quase cinco anos. Durante este período trabalharam como diaristas no assentamento

vizinho, Laudenor de Souza, como cortadoras de cana da Fazenda próxima ao acampamento, e também aquelas que contavam com a família para ficar tomando conta do barraco buscaram emprego na cidade de Teodoro Sampaio, trabalhando como domésticas durante a semana e voltando a acampar nas suas folgas. A necessidade de sobreviver no acampamento faz com que a maior parte das famílias esteja dividida durante esta fase da luta, como recolhe a **Figura 6**:



Figura 6: Família sem terra construindo o barraco no Acampamento – MST, município de Marabá Paulista. A ocupação e a constituição do acampamento são, como os restantes momentos da luta, ações que as famílias realizam comunitariamente. Acampamento, no município de Marabá Paulista.

Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2003.

Nos acampamentos visitados observamos como os casais se

responsabilizam indistintamente do barraco, alternando-se no tempo em função de quem conte com atividade externa.

Podemos resumir que o cotidiano das relações no acampamento caracteriza-se pela precariedade no modo de vida e pela criação de identidades coletivas e laços de solidariedade horizontal. Sendo que o papel da mulher como sujeito de resistência e “companheira de luta” é valorizado, especialmente, pela sua capacidade de trabalho como retrata a **Figura 7** e se observa na fala de um dos coordenadores de acampamentos do MST na região:



Figura 7: Acampada recolhendo água na mina comunitária do Acampamento Herbert de Souza “Betinho”- MST, município de Teodoro Sampaio

A tarefa de recolher água da mina ou puxar do poço, ou bem, as largas caminhadas nos assentamentos, são atividades realizadas geralmente por mulheres e crianças. Nos acampamentos esta tarefa, associada à divisão de funções por gênero, também se mantém.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro de 2004.

Muitas mulheres aqui neste acampamento dão de mil num homem. Trabalham muito, tem mulher que mora sozinha num barraco. Ela vai para o lote prepara o lugar para de fazer o barraco, tudo sozinha (...) a mulherada aqui dentro não tem tempo ruim. Elas são muito para frente. Para elas não muda nada quando peguem o lote, se vão trabalhar mais o menos. Não muda nada porque são muito trabalhadeiras

(Trabalhador rural acampado e liderança do MST no Padre Josimo, no município de Teodoro Sampaio)

Isto é uma característica distintiva a respeito do cotidiano dos assentados e assentadas cuja participação nas várias formas coletivas de mobilização e manifestação estabelecidas pelo MST, recolhidas nas **Figuras 8-9-10** (p. 68, 69,70), têm um marcado corte de gênero, sendo a participação, presença e atuação das assentadas muito mais reduzida.



Figura 8 : Trabalhadores e trabalhadoras sem terra na comemoração dos “13 Anos de Luta no Pontal do Paranapanema” do MST.

Nas comemorações do MST no Pontal participam trabalhadores e trabalhadoras de toda a região. Os deslocamentos desses assentados se realiza por meio de ônibus facilitados pelo Movimento. A alimentação durante os dias que dure o encontro corre por

conta de cada assentamento participante. Cada um se responsabiliza pelo abastecimento de parte dos produtos a serem utilizados nas refeições, arroz, feijão, leite etc.

Fonte: Trabalho de campo, 2003.



Figura 9: Ocupação do ITESP em Presidente Prudente.

Esta ocupação foi coordenada pelo Coletivo de Gênero do MST-Pontal. Nela participaram fundamentalmente as trabalhadoras acampadas da região. Nas jornadas de luta organizadas pelo Coletivo, a presença das crianças é massiva. Por isso a necessidade de planificar estas atividades, e assim permitir a participação satisfatória e o cuidado e das crianças. Algo fundamental nestas mobilizações é a organização de uma “ciranda infantil” donde as crianças são criadas e educadas na fazenda a Luta pela Terra.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro de 2004.

Contudo, na agenda de luta do MST no Pontal as trabalhadoras sem terra acampadas se destacam como a base das múltiplas ações lideradas pelo Coletivo de Gênero, um dos segmentos do próprio movimento. Como tem destacado Valenciano ao longo dos seus trabalhos (2001, 2002, 2004), este apresenta

um número minoritário de militantes que atuam como representantes nos assentamentos, mas a sua força, como observamos, está na participação da mulher acampada.



Figura 10: Reunião por frentes no Encontro de Mulheres do MST-Pontal, em Teodoro Sampaio. Estes encontros são momentos importantes de troca de experiências entre as assentadas e acampadas do MST. Trata-se de espaços de discussão e aprendizado, por isso sempre depois das palestras se organizam oficinas donde trabalhar e organizar a agenda de luta das diferentes frentes.

Fonte: Trabalho de campo, 2003

Também pudemos constatar que no Padre Josimo a divisão entre trabalho produtivo e reprodutivo⁵¹ junto com as atividades requeridas pela militância na luta, realizam-se em um ambiente de continuidade que amplia o espaço

⁵¹ No seio de toda formação social coexistem uma produção social de bens e uma produção social de seres humanos, que são sempre distintas e relacionadas entre si. As exigências da análise leva-nos a atribuir à primeira o nome de produção e à segunda o nome de reprodução

de interlocução entre os gêneros, possibilitando a inserção da mulher na construção e dinamização ativa destes espaços, participando, em ocasiões, de tomada de decisões.

O assentamento rural é um passo à frente no processo de luta, a posse da terra. O acesso à propriedade tem implicações de gênero decisivas para as trabalhadoras, em relação à divisão sexual do trabalho, na organização em unidades familiares de produção, como mostram as **Figuras 11 e 12**:



Figura 11: Vista parcial do assentamento Madre Cristina, no município de Teodoro Sampaio. As cercas da propriedade privada, o gado, e as vivendas que se perdem no horizonte são elementos da paisagem que marcam a diferencialidade respeito ao acampamento.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro de 2004

A separação entre trabalho produtivo e reprodutivo por gêneros se traduz na divisão espacial do assentamento, onde o espaço público, da roça, do

futebol, do boteco, da militância, é masculino e o privado feminino, a casa e o lote. A roça é um lugar de cooperação entre gêneros, contudo, é presente a concepção do trabalho da mulher como subalterno. A igreja, quando existe, destaca-se como lugar de convívio social para a maioria das assentadas.



Figura 12: Lote de família assentada no Padre Josimo, no município de Teodoro Sampaio. O lote é a possibilidade de produzir e alimentar a família, criar pequenos animais, construir um pomar, abrir um poço, construir um viveiro, um galpão, um galinheiro, enfim, construir seu lugar no mundo.

As famílias assentadas no Padre Josimo permaneceram acampadas na área durante mais de cinco anos. A diferença deste assentamento a respeito da grande maioria encontrada no Pontal é o seu planejamento e organização territorial, os quais partiram do próprio MST. Trata-se de um assentamento “nucleado” onde os lotes são organizados a partir de cinco áreas comunitárias, intercomunicadas por uma via principal que recorre o assentamento. Esta proposta quer superar os problemas de mobilidade e isolamento com os que se enfrentam as famílias uma vez que têm acesso aos lotes nos modelos tradicionais de assentamento. Por outra parte, é também uma superação do modelo “agrovila” que separa a vivenda da área de trabalho, quebrando a lógica espacial das famílias trabalhadoras rurais.

Fonte: Trabalho de campo, novembro 2003.

Além do mais, no assentamento Madre Cristina, a configuração espacial dos assentamentos divididos em lotes significa para muitas assentadas o seu isolamento social. Confinadas à produção e reprodução dos meios de subsistência na esfera privada, os espaços de sociabilidade são muito reduzidos e, em ocasiões, inexistentes, destacando entre eles a roça como mostra a **Figura 13**:



Figura 13: Trabalhadores e trabalhadoras em mutirão na colheita de algodão no assentamento Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio. A colheita é uma atividade onde homens e mulheres da família participam conjuntamente, além de contar com a cooperação e/ou a parceria dos assentados em lotes vizinhos.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro de 2004.

Através das falas dos trabalhadores e trabalhadoras assentados no Madre Cristina, pudemos constatar que uma vez conquistada a terra os objetivos pessoais e a projeção do futuro familiar mudam. Isso repercute diretamente no

declínio da participação, sem distinção de gênero, na militância política da luta organizada e na mobilização dos assentados. Mas no cotidiano relatado, as mulheres, especialmente as casadas com responsabilidades familiares, têm maiores dificuldades de participar devido ao peso da sua rotina de trabalho doméstico e extradoméstico, que se acentua no assentamento onde se faz patente a dupla jornada de trabalho. A **Figura 14** recolhe um momento das tarefas cotidianas das trabalhadoras rurais:



Figura 14: Trabalhadoras rurais assentadas no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio. A jornada de trabalho na época de colheita para estas mulheres se duplica., pois além do seu trabalho na roça é as atividades “da casa” seguem no seu cargo.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro 2004.

Além do mais, na percepção das assentadas, fica claro que a participação feminina é limitada por constrangimentos fundados nos papéis de gênero, que as impedem de se ausentar livremente do assentamento.

Segundo depoimentos das lideranças no assentamento, o envolvimento na Luta pela Terra contribui para a formação de comportamentos mais participativos ou, no mínimo, mais conseqüentes entre as mulheres assentadas, o que permite discriminar aquelas que passaram pela experiência do acampamento, daquelas que não. Não obstante, quando nos referimos às trabalhadoras com um passado na luta, muitas assentadas insistem em que o resto das mulheres não participam porque não querem. Não reconhecem as limitações de gênero e apresentam tudo como uma escolha pessoal.

Agora as mulheres com apoio do ITESP estão organizando-se, por que a maioria delas prefere ficar no barraco cuidando as mansões delas, mas eu falei de largar aquela mansão de lá e lutar por uma melhor que aquela está brava. Então, o que acontece no assentamento com as mulheres é falta de consciência, acho que humana e política, falta gritar, estar muito conscientes de que se a mulher estiver lá muda todo o sentido de luta. Então muitas delas se acomodaram assim, a esperar que venha uma solução por parte dos homens e não se agregar à luta com os homens.

(Trabalhadora rural assentada no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Todavia, outras assentadas colocam as assimetrias de poder entre homens e mulheres como o impedimento fundamental para a participação eqüitativa na vida do assentamento e na mobilização política. A submissão da mulher dentro do casamento é denunciada sistematicamente:

Há mulheres interessadas em criar atividades no assentamento, ou participar do Movimento e o marido não deixa mesmo. Têm umas que insistem e falam: eu vou sim. Mas tem umas que o marido não deixa mesmo, dizem que o lugar da mulher é lá, já que quis o lote, tem que ficar lá, tem o serviço, não pode deixar sozinho, depois vêm os filhos e assim (...)

(Membro do Coletivo de Gênero do MST no assentamento Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

1.3.- Divisão sexual e organização do trabalho: a produção social do gênero

Para o pleno exercício da cidadania das mulheres trabalhadoras rurais existem, além dos obstáculos econômicos, sólidas barreiras culturais e sociais, como constatamos. As limitações que as trabalhadoras enfrentam no seu cotidiano expressam-se na esfera da atividade produtiva, afetando a questões como o cadastramento de beneficiários das terras, acesso ao crédito e serviços de assistência técnica e capacitação (PEREIRA, 1996).

Nos assentamentos e acampamentos base do nosso estudo, pudemos verificar que a manifestação desta limitação opera em várias dimensões. Em primeiro lugar, o trabalho produtivo das mulheres assentadas no lote não é reconhecido como componente integrante da produção e sim como componente subliminar. Uma ajuda ao trabalhador principal, o homem.

Uma segunda questão é que o trabalho reprodutivo, ou seja, todas aquelas atividades desempenhadas para a manutenção e cuidado da unidade familiar como cozinhar, lavar, passar, limpar a casa, cuidar dos filhos etc, não é considerado trabalho. Os serviços prestados pelas mulheres aos membros das suas famílias, o trabalho reprodutivo, não podem ser ignorados já que são estas as atividades que se encontram no centro da construção de novos papéis femininos e masculinos no mundo atual. Não obstante, partimos da premissa de que na sociedade ocidental o trabalho doméstico é considerado responsabilidade da mulher.

O fato de que este trabalho seja improdutivo do ponto de vista da remuneração econômica, relega ao plano da invisibilidade o tempo e energia que as assentadas e acampadas empregam para o cuidado e atenção das tarefas consideradas

como domésticas.

Estas que não são expressas em valores monetários, são facilmente esquecidas e desvalorizadas pela sociedade.

Embora seja mais elevado o número de homens que resumem as atividades femininas às atividades do lar, o volume de mulheres que incorporam esta concepção é também muito grande. O que significa que as tarefas são “naturalmente” realizadas pelas mulheres, como define a literatura sobre gênero e testemunham as entrevistas realizadas:

Pegar a enxada? Lógico. Se você vai ficar esperando por ele nunca vai para frente, só ele que vai ficar pensando que você fica lá esperando sem fazer nada, acaba seu serviço da casa, e vai lá pegar a sua enxadinha, um pouquinho já ajuda.

(Trabalhadora rural acampada responsável pela Ciranda infantil no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Eu sempre trabalhei aqui na região junto com meu marido de diaristas. Eu organizava a vida no barraco e cuidava dos filhos, mais sempre tirava um tempo para voltar para a roça. Tinha que ser assim.

(Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Embora a maior parte do trabalho realizado pelas mulheres dentro do assentamento seja não remunerado, aquelas assentadas que realizam serviços para fora, como costura ou domésticas “em casas de família”, consideram-se afortunadas. A ajuda para o debilitado orçamento familiar e o acesso a um recurso tão escasso na vida do assentamento é reconhecidamente valorado pelas assentadas:

Eu acho muito bom [...] a mulher tem que ter o seu dinheirinho, se você quer comprar algo, se você precisar de batom não ter que estar pedindo um real para o companheiro.

Trabalhadora rural assentada no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.

Em terceiro lugar, a atribuição de valor para as atividades produtivas é diferenciada em função do sexo de quem as desempenha. No assentamento Madre Cristina, de base agropecuária, a invisibilidade do trabalho da assentada na extração do leite é fruto do escasso valor que se confere ao seu trabalho.

Segundo a pesquisa de Relações de Gênero nos Assentamentos rurais, realizada pela UNESCO em 2000, no Estado de São Paulo, observamos que a distribuição das ocupações de homens e mulheres são similares ao estereótipo clássico, no que se relaciona a divisão de tarefas entre “as do lar” e as da produção; pais e filhos nas atividades agropecuárias e mães e filhas nas atividades domésticas, como observamos na **Figura 15** (p. 88) e o **Quadro 1** (p. 89).

Os dados mostram que a principal atividade dos assentamentos é a agropecuária, onde as ocupações das mulheres são mais diversificadas que as dos homens, que se concentram nas atividades agrícolas.

O assentamento Madre Cristina não é exceção ao padrão da divisão de funções descrita para o universo dos assentamentos do Estado de São Paulo. A lavoura e a pecuária são fundamentalmente masculinas, ainda que a participação feminina seja constante não passa a ser reconhecida como complementar. Em contrapartida, a criação de pequenos animais e aves e os cuidados do pomar e da horta (fruticultura e horticultura) são funções da ampliada “esfera doméstica” ligadas ao lote. A participação do homem nestas atividades se realiza de forma residual.



Figura 15: Trabalhadora rural alimentando sua criação no assentamento Madre Cristina, no município de Teodoro Sampaio.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro 2003

No Quadro 1 podemos observar como nos assentamentos do Estado de São Paulo, a diferenciação sexual do trabalho na agropecuária tem um claro impacto na geração de valor. A lavoura e pecuária são responsáveis pela maior parte do valor total da produção agropecuária, enquanto que as aves e os pequenos animais juntamente à horticultura/fruticultura representam porcentagens mínimas do valor da mesma produção.

QUADRO 1- Ocupação Segundo Membros da Família nos Assentamentos Rurais do Estado de São Paulo, 1999.

OCUPAÇÃO	Pais	Mães	Filhos	Filhas
Agricultura/Pecuária	86,0	45,0	71,0	28,5
Atividades domésticas	0,5	49,0	0,5	40,0
Magistério	...	0,5
Estudante	14,5	25,0
Ocupações em contato com o público e/ou lideranças (1)	...	0,5	1,0	...
Atividades manuais, qualificadas ou semiqualficadas (2)	2,5	...	2,0	1,0
Serviços públicos e serviços gerais (3)	...	1,5	3,0	3,0
Sem ocupação (4)	0,5	0,5	1,5	1,5
TOTAL	100,0 (355)	100,0 (345)	100,0 (206)	100,0 (120)

(1) comerciantes, mensageiros/as, cabeleireiros/as, técnicos/as agrícolas, dirigentes e militares.

(2) carpinteiros/as, pedreiros/as, mecânicos/as, operadores/as, tratoristas, motoristas, frentistas, zeladores/as, artesãos/ãs, leiteiros/as, pescadores/as, balseiros/as

(3) funcionários/as públicos/as, administradores, agentes administrativos, auxiliares de enfermagem, agentes de saúde, atêndentes de farmácia, serventes, crecheiros/as, merendeiros/as, serviços gerais .

(4) Desempregados/as, inválidos/as, aposentados/as.

Adaptado da Pesquisa de Relações de Gênero em Assentamentos Rurais , UNESCO 2000.

FONTE: RUA, M.G. e ABRAMOVAY, M. (2000)

Além da existência de uma diferenciação de papéis em função da atividade desempenhada, a jornada de trabalho também é um elemento que reforça a divisão sexual do trabalho. Verificamos que os discursos das entrevistas desnudam a realidade do trabalho que as mulheres realizam nestas comunidades. No assentamento, as mulheres são responsáveis por muitas tarefas com grande peso nas atividades produtivas, como capinar, cortar, plantar, colher, tombar a terra, tirar o leite etc. Mesmo diante do fato de que as mulheres participam de todas as atividades do campo, o discurso de ambos sexos permanece caracterizando o trabalho feminino

como uma ajuda, porque a responsabilidade pelas atividades econômicas, como vimos, é sempre masculina, na decisão do que plantar ou na comercialização do produto:

Vamos pegar o nosso lote, ir atrás de crédito, de técnico e tudo isso, vai ser com ele mesmo. O meu é mais cuidar da casa. Eu falei para ele, da casa eu cuido, agora do resto é você. Nós decidimos assim. Se precisar a gente ajuda.

Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.

Quase a totalidade das trabalhadoras entrevistadas declararam serem os seus companheiros os principais responsáveis pelo dinheiro na casa. Salvo as mulheres solteiras e viúvas, são os homens que possuem todo o controle sobre o dinheiro e o custeio.

Por meio das falas das assentadas e acampadas verificamos que, no seu cotidiano, o padrão de subordinação e invisibilidade do seu trabalho faz da sua participação na lavoura uma atividade percebida como subalterna. Ademais, apesar de responder por uma parcela significativa da produção para o autoconsumo - criação, hortaliças e frutas - esta é pouco valorizada devido a escassa participação na geração de renda. A dupla jornada de trabalho é cumprida pelas trabalhadoras que se responsabilizam e são responsabilizadas pela maioria das tarefas do trabalho reprodutivo, a **Figura 16** recolhe um desses momentos:



Figura 16: Trabalhadora rural desempenhando os ampliados afazeres domésticos do lote, no assentamento Padre Josimo no município de Teodoro Sampaio. As condições de vida nos assentamentos são precárias. Isso faz com que o trabalho de homens e, destacadamente, o das mulheres no seu cotidiano seja ampliado.

Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2003

Algumas autoras falam de tripla jornada (VALENCIANO, 2001; CARVALHAL, 2002) que as mulheres engajadas na luta e militantes de movimentos sociais estão desenvolvendo nestes espaços. Isso nos remete à percepção dos direitos, consequência da divisão sexual do trabalho. O confinamento na esfera doméstica que afeta as mulheres assentadas junto ao fato de só os homens terem acesso ao mundo público, faz com que no exercício dos direitos fundamentais, as discriminações sejam aceitas como naturais, até em relação à mulher sair da casa:

Eu acho que mulheres igual a mim não têm muitas no assentamento, que saiam da casa, vão à luta,...,os maridos não deixam, a maioria não

deixa. Para reunir às mulheres mesmo, você tem que chegar e implorar. Tem maridos que brigam mesmo, e não tem conversa.

(Trabalhadora rural assentada representante do Coletivo de Gênero do MST no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Bem, no assentamento não é bem visto pelos companheiros o fato de que as companheiras deixem a casa e vão para São Paulo, Brasília (mobilizações, marchas e passeatas convocadas pelo MST). A primeira coisa que colocam são os filhos, o lugar da mulher é tomar conta dos filhos e não andar de baixo para cima atrás do Zé Rainha (liderança regional do MST). Não queriam terra? Pois a terra está aí. Assim mesmo falam.

(Trabalhadora rural liderança do MST assentada no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Eu não participo das reuniões das mulheres porque eu tenho medo. Tenho medo de ouvir o que eu não quero de ouvir por parte deles (assentados).

(Trabalhadora rural assentada no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

A relevância que a mobilização e politização destas mulheres através de organizações de classe e gênero é inquestionável à luz dos depoimentos das trabalhadoras.

1.4. O pensar, o decidir e o fazer: dimensões da produção cultural do gênero.

Como vimos reforçando, entendemos que o gênero é uma entre várias relações sociais, o que significa que contém classe, raça e etnicidade. Os territórios da luta pela terra, como apontamos, são espaços de luta da classe trabalhadora pelo direito à vida e à dignidade roubada (THOMAZ, JR., 2001).

Da mesma maneira que na sociedade ocidental como um todo, a

ideologia hegemônica de gênero se faz presente nos acampamentos e assentamentos. Em ambos espaços cobram-se papéis e valores sociais diferenciados segundo o gênero das companheiras e companheiros. A partir da análise da divisão sexual do trabalho, podemos constatar que não se trata apenas de uma divisão fortuita e aleatória, senão que estabelece a hierarquização de funções entre homens e mulheres. Contudo, o gênero é também construído ideologicamente através de uma série de valores que se reproduzem no tempo e no espaço.

No acampamento Padre Josimo a exclusão social e o projeto político de ocupação e resistência unem na mesma luta acampados e acampadas. A organização do acampamento em barracos próximos uns dos outros, como mostramos, facilita a cooperação e a socialização da vida entre todos os seus membros. Não obstante, a coletivização das funções não implica a mudança dos valores sociais que reproduzem a assimetria de gênero, fazendo que as mulheres fiquem presas a convencionalismos e moralismos dos quais os homens não são cobrados:

As meninas não formam parte dos cursos de formação de base do movimento, porque, qual pai e qual mãe vão permitir que sua filha passe três meses em um barraco cheio de homem? O medo da sexualidade feminina está presente também no ambiente da luta pela terra.

Trabalhador rural assentado liderança do MST no São Bento, município de Teodoro Sampaio, SP.

Você vai participar do encontro (IV Encontro de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo, Araraquara-SP)? Para que, essas coisas não são de Deus, não é lugar para ir.

(Trabalhadora rural assentada e membro da OMAQUESP no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Muitas observações presentes na literatura especializada de gênero e também na feminista encontram respaldo nos depoimentos levantados pela pesquisa que estamos desenvolvendo. O *pensar* e o *falar* das entrevistadas estão carregados de contradições e ambigüidades entre o dito e o feito no seu cotidiano. Assim, o discurso da equidade entre homens e mulheres é apropriado por acampadas e assentadas, mas continua-se acreditando que certas tarefas cabem “*naturalmente*” às mulheres porque elas levam “*mais jeito*”. Da mesma forma que determinadas atitudes correspondem a um determinado gênero:

Alguns acham que é o homem que tem que ir atrás dos negócios. Está certo que a esposa também pode ir atrás, mas às vezes não tem tempo por causa dos afazeres do lar, pela criança, então ela não vai. Se eu tenho que ir a cidade vou mais despreocupado, porque sei que ela está cuidando da criança e de algum plantio próximo. Eu não deixo ela entrar numa roça, isso é muito pesado, é serviço de homem. Outras coisas mais leves, um quiabo, cuidar uma horta, ela pode fazer.

(Trabalhador rural acampado no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Hoje tudo se divide, eu sou franco e acho bonito um homem ajudar a lavar uma louça, fazer uma comida, só que eu não levo jeito. Ajudo em último caso se ela estiver enferma.

(Trabalhador rural assentado no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Nas entrevistas transparece o modo como as mulheres assumem estas responsabilidades tornado-as naturais. E as representações estereotipadas sobre os gêneros contribuem para afirmações de que os homens são incapazes de ocuparem-se das crianças, diante de outras tarefas de *maior importância*:

As crianças se dão melhor com a mãe, ela é mais paciente. Eu tenho que trabalhar, aqui no lote temos muito serviço, e eu sou sozinho.

(Trabalhador rural assentado no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

O trabalho da casa não é pesado não, é tranqüilo, eu levo jeito. A mulher é a que sempre cozinha porque o homem não leva jeito para isso. Agora com as crianças eu acho que é igual, não é?

(Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

O enfoque do *empoderamento* das mulheres destaca o fato de que elas experimentam a opressão de maneira diferente de acordo com a sua raça, classe, história, inserção/ocupação laboral, e posição atual na ordem econômica internacional (MOSER, 1991). O que nos sugere este tipo de abordagem é atentar para as estruturas e situações que simultaneamente a mulher trabalhadora rural tem que enfrentar no processo de territorialização da Luta pela Terra.

A desigualdade no acesso ao poder e tomada de decisões nos assentamentos e acampamentos rurais entre trabalhadores e trabalhadoras coloca o *empoderamento* como uma necessidade básica para as mulheres. Isso abrange a formação de alternativas provenientes delas próprias, seja por estar organizadas algumas em grupos, seja pela consciência da sua situação.

O Coletivo de Gênero do MST e a Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo (OMAUESP) são as duas organizações que, no momento em que realizamos a nossa pesquisa, articulavam esforços para lutar pela melhora da vida nos assentamentos e acampamentos do Pontal.

A OMAUESP nasce sob a coordenação do Instituto de Terras de São Paulo (ITESP). Esta organização não interage nos acampamentos porém organiza mulheres assentadas. no desempenho de projetos de desenvolvimento

vinculados ao incremento da renda familiar. O motivo econômico somado à limitada mobilidade espacial para além do assentamento que vivenciam estas trabalhadoras, contribui para a ampla aceitação das suas propostas.

O Coletivo de gênero do MST se inscreve em um projeto mais amplo. Não se trata só de lutar para produzir nos assentamentos, nem tampouco de só resistir nos acampamentos. O ideário do movimento é também construir um novo sujeito político e histórico: os trabalhadores e trabalhadoras sem terra na luta constante contra o poder da cerca e à sua lógica.

Esta construção passa por reconstruir as relações de gênero que se estabelecem entre estes sujeitos. Por isso, o Coletivo de gênero trabalha nos assentamentos ainda que fundamentalmente nos acampamentos, *locus* de criação política de este novo sujeito.

A OMAQUESP e o Coletivo atuam de diferente maneira, conscientizando as trabalhadoras para desafiar uma dimensão da sua subordinação, a invisibilidade política:

Agora..., sempre existem algumas que estão contra, falam ...vocês são bobas, ...vocês estão perdendo o tempo, isso não vira, sabe? O que passa é que a gente não se deixa levar por isso daí. A gente não se deixa levar pela cabeça delas, porque se elas e os seus maridos são contra, eu e o meu marido sabemos que temos que ir à luta, porque senão não conseguimos nada. A gente lutando já mora neste sacrifício, imagina se não lutar.

(Trabalhadora rural membro da OMAQUESP assentada no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Uma outra consideração é que as trabalhadoras rurais que fazem parte de organizações ou movimentos sociais assumem e reconhecem seu triplo papel: produtivo, reprodutivo e militante.

A construção de novas relações entre homens e mulheres remete ao

esforço de mudança da ordem social como um todo. Com este fim, as iniciativas baseadas na construção de identidades coletivas, novos códigos de valores e normas de interação social beneficiam-se das práticas associativas tal qual empreendidas pelos movimentos sociais rurais como o MST (ABRAMOVAY, 2000).

O imperialismo cultural do pensamento racional iluminista ocidental coloca uma concepção da imagem feminina que agrega atributos de inferioridade, subordinação e constrangimento, cabendo ao gênero masculino as características de superioridade, força, coragem e liberdade em todas as suas acepções. E esses modelos e imagens são transmitidos às novas gerações mediante padrões de sociabilização. Mas nos assentamentos e acampamentos rurais nada disto permanece inquestionável.

Esses são os sinais de mudança nas relações de gênero que apontávamos na nossa reflexão. As organizações das mulheres trabalhadoras nos assentamentos e acampamentos concretizam o desejo de mudar a realidade, desde a luta de classe e a perspectiva de gênero. Diante disso, a criação de organizações de mulheres nos assentamentos e acampamentos requer uma análise cuidadosa, especialmente no tocante à reflexão sobre a produção do espaço.

O significado e a importância da inserção da mulher nos movimentos sociais no campo e, especificamente, nas articulações de gênero e organizações de mulheres respondem à vivência compartilhada das necessidades básicas de sobrevivência que têm despertado para um questionamento da sua própria condição. Como explica Grzybowski (1990):

a presença da mulher nos movimentos sociais rurais no Brasil não é fato recente. Novo, sim, é um movimento em torno da questão como mulheres, “mulheres trabalhadoras rurais” ou “mulheres agricultoras” (p.47).

Assim, as falas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais apresentam a territorialização do processo da luta concretizado na produção de espaços de resistência à exclusão, construídos por relações sociais que implicam relações de gênero diferenciadas. É assim que entendemos a dimensão relacional do conceito de gênero.

Constatamos ainda que as forças sociais que atuam e se articulam nos assentamentos e acampamentos refletem uma ideologia de gênero herdada e hegemônica na sociedade ocidental. Recuperando as palavras de uma ex-militante:

O assentamento não é, ainda que às vezes pareça, uma ilha isolada da sociedade, nem o MST pode sê-lo, porque são produtos da mesma, com todos os seus sonhos e todas as suas contaminações.

(Trabalhadora rural assentada no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Os levantamentos de campo nos mostram como a existência e reprodução de fortes obstáculos culturais e sociais, além de econômicos, inibem o pleno exercício da cidadania das mulheres nos lugares da Luta pela Terra.

A relativa equidade entre os companheiros e companheiras de luta, observada nos acampamentos, perde significado nos assentamentos, quando a participação feminina se torna surpreendentemente restrita. O fato da baixa participação das mulheres no ambiente dos assentamentos não representa um comportamento “naturalmente” feminino. Nada existe na natureza das mulheres que as torne menos participativas. Se isso ocorre deve-se às barreiras à participação erguidas a partir das relações sociais de gênero e do código de valores que as sustenta e as mantêm.

A divisão sexual do trabalho alimenta a invisibilidade do trabalho da mulher e dificulta o acesso à tomada de decisões de ordem comunitária. Ante isso

as organizações de trabalhadoras e trabalhadores que privilegiam a discussão de gênero na sua estrutura, no seu cotidiano e nos espaços que vivenciam, podem representar caminhos por onde trilhar as mudanças práticas e estratégicas contra a opressão e as suas faces.

Mas isso não cabe só as trabalhadoras inseridas em organizações determinadas, cabe a todos e cada um de nós, desde as nossas posições relativas. Por isso, questionamentos radicais em torno de quem, porquê, como e onde da relação de poder desigual dos gêneros fundamentam o nosso problema de pesquisa.

De tal modo, recuperamos o debate travado na atualidade sobre os múltiplos significados e a evolução do gênero como uma categoria analítica cada vez mais cara ao discurso das ciências sociais.

Capítulo II

O Gênero na discussão sobre as localizações

Porém, o real não é geográfico nem sociológico. A realidade é uma totalidade, quem a fragmentou foram os cientistas adeptos da abordagem científica clássica. Qualquer elemento contém dentro de si a totalidade e esta inclui tanto a matéria como a consciência que existe a respeito dela. Nesta perspectiva não existe objeto de estudo, por exemplo, especificamente geográfico que se defina por seu próprio conteúdo. O objeto da Geografia seria tudo o que se quer analisar pelo viés da geografia. Qual é esse viés? Não o definimos pelo objeto, mas o viés geográfico implica na discussão de localizações.

Diamantino Alves Correia Pereira.

*Las cosas vistas desde determinadas posiciones
son más ciertas que las que se ven “desde ningún
sitio”.*

Donna Haraway

A identificação das diferentes funções de gênero, fundamentadas na divisão sexual-territorial do trabalho produtivo e reprodutivo em acampamentos e assentamentos foi como apresentamos, nosso recorte analítico primeiro e fundamental. Ou em outras palavras, foi a metodologia de trabalho que nos permitiu apreender as relações sociais de gênero, a partir da sua materialidade concreta na estrutura do espaço.

Cabe agora iniciarmos um outro debate. Porém, como e de onde partir para uma discussão que contextualize a necessidade de incorporar a categoria social de gênero à análise das paisagens da Geografia do trabalho⁵³? E, ainda mais, quais são os conceitos e categorias que a nossa disciplina tem desenvolvido que nos conduzem a levantar hoje esta discussão?

Na procura de responder tais interrogativas partimos de uma premissa fundamental, a apreensão das relações gênero como relações sociais, logo relações de poder (SCOTT, 1995), que junto e simultaneamente às relações espaciais definem as relações de produção gerais (SOJA, 1993).

Além desta suposição primeira as “grandes questões” que norteiam nossa reflexão aparecem nos seguintes termos.

Em primeiro lugar, na tríade gênero – trabalho – espaço priorizamos o enfoque de gênero como uma perspectiva analítica fundamental na apreensão dos

⁵³ No artigo “Por uma Geografia do Trabalho!”, Antonio Thomaz Júnior (2002) apresenta uma reflexão sobre esta questão, priorizando a compreensão histórica do trabalho a partir das formas e faces do espaço que o regula, é dizer, do seu metabolismo societário. Para uma compreensão ampliada da paisagem como categoria teórico-metodológica chave na Geografia do Trabalho, ver MOREIRA, R: 2002.

códigos, formas de controle e gestão do trabalho, e dos arranjos territoriais promovidos pela lógica da produção e reprodução do espaço capitalista. Na procura da formulação teórica e metodológica de um discurso coerente com a abordagem apresentada, privilegiamos a escala geográfica enquanto resolução espacial dos processos sociais de competição e cooperação (SMITH, 1992).

Uma outra questão aponta para concretização das relações de gênero de forma única e específica nos lugares (MASSEY, 2000). E finalmente, a paisagem surge como possibilidade de representação (GOMES, 2001). Com isso queremos apontar que as paisagens da Geografia do trabalho evocam significados a partir dos signos e valores atribuídos, sendo que esses signos assumem amplo espectro de propriedades e escalas numa malha semântica própria.

Voltando a Soja (1993, p.103), o espaço é “um componente dialeticamente definido da relação capital x trabalho”, da estrutura de classes na sociedade capitalista.

Entendermos o espaço como um componente das relações de produção gerais implica a sua percepção não separada do contexto social mais amplo, no sentido de possuir regras autônomas de construção e transformação. O que significa uma diferenciação primária entre o espaço *per se*, como dado contextual, a forma objetiva da matéria e a espacialidade de base social, o espaço criado da organização e da produção sociais. Quer dizer, a "segunda natureza" que Lefèbvre (1997) diferencia do contexto ingenuamente dado da Natureza. Em outras palavras, o espaço relativo produzido, resultado da transformação continuada do espaço absoluto herdado, o espaço natural, através do desenvolvimento capitalista (SMITH, 1988).

Quando definimos o espaço como socialmente produzido queremos ponderar que tem como ponto de partida uma prática social deliberada, a qual qualifica-o como um produto político e ideológico. (LEFÈBVRE, 1997). Não obstante, isto não o converte em uma simples expressão da estrutura de classes da sociedade capitalista, senão que, como Soja (1993, p.103) coloca, recuperando a originalidade das idéias de Lefèbvre, "o espaço e a organização política do espaço expressam as relações sociais, mas também reagem contra elas". Essa afirmação nos permite entender as relações espaciais e sociais como dialeticamente interdependentes, sendo que as relações sociais de produção são formadoras do espaço e contingentes ao espaço.

Os conjuntos das relações sociais e espaciais são tanto homólogos quanto inseparáveis, e de acordo com Smith (1988, p.159), "é o modo de produção social que une o espaço e a natureza numa única paisagem". As paisagens da Geografia do trabalho às que nos referimos não são outras que as do desenvolvimento desigual. É dizer, a desigualdade social estampada na paisagem geográfica e a simultânea exploração da desigualdade geográfica para certos fins sociais determinados.

Deste modo, as provocações com as que iniciamos o capítulo nos possibilitam tratar a paisagem através do conceito de escala geográfica de Smith (2000, p.144), segundo o qual esta é "produzida como parte das paisagens sociais e culturais, econômicas e políticas do capitalismo e do patriarcalismo contemporâneos" Assim, a paisagem, na sua apreensão como plano de percepção sensível da relação capital x trabalho (MOREIRA:2002) e das relações de gênero, é uma das categorias teórico-metodológicas básicas e chave da nossa leitura.

Por outra parte, não pretendemos, neste capítulo, contextualizar o como, onde e por que da implosão dos estudos de gênero ocorrida durante as

últimas décadas nas Ciências Sociais e em particular na Geografia, do falado “giro” ao tema mais “terrivelmente popular dos estudos culturais” como cita Terry Eagleton⁵⁴ na última obra, *After Theory* (Depois da Teoria): a hierarquização dos corpos e a política da identidade. Nem é pretensão analisar o atual protagonismo do espaço na teoria social crítica.

Não obstante, isto não significa que não sejamos cientes da importância política e metodológica de tal projeto para a análise das transformações vigentes na nossa disciplina, reflexo porém de mudanças, no caso de conquistas, no contexto social como um todo. Fruto dessas mudanças e abertura para distintas possibilidades de interpretação, nos propomos pensar, teórico e metodologicamente, o tripé gênero-trabalho-espaço, categorias basilares da nossa pesquisa.

Sem dúvida, nosso esforço é, em parte, tributário do avanço na trajetória inaugurada pelos estudos *de e para* mulheres que, sob a teoria feminista, incorporaram à análise geográfica “a essa metade da humanidade que durante muito tempo tinha ficado de fora” (HANSON, apud SABATE, 1995, p.20).

Caros, portanto, aos esforços de sistematização das(os) primeiros pesquisadores, no tripé conceitual proposto, entendemos por enfoque de gênero a alternativa metodológica que privilegia as variáveis de sexo e gênero e as suas manifestações em um contexto geográfico e histórico determinado. O seu valor analítico reside no seu caráter relacional, ou seja, na ampliação substancial da visão unidirecional, que tanto os pioneiros estudos de mulheres quanto as interpretações “*a-generadas*” que tomam o homem como universal, apresentam para análise dos lugares.

⁵⁴ Cf. FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Mais, domingo, 2 de novembro de 2003, pp.4-7.

Escapa também da nossa proposta aprofundarmos no que se tem chamado dentro da Geografia Social Crítica, Geografia do gênero a qual coloca como necessidade a “releitura” geográfica da planificação territorial, partindo do gênero como categoria de análise (GARCIA RAMON, 1990).

Não obstante, inserimos o nosso problema de pesquisa no bojo desta perspectiva geográfica, especialmente no seu interesse que não só atende às variações espaciais do gênero como também às relações causais que estão por trás delas (MOMSEN e TOWNSEND apud SABATE 1995, p.21). Em outras palavras, nossa perspectiva versa sobre a forma em que o gênero é produzido e a forma em que este se relaciona com a produção do espaço (MacKENZIE, 1989).

Atentos aos apontamentos colocados por Sabate (1995) sobre as vantagens analíticas desta abordagem, as coordenadas-chave da “leitura” espacial dos acampamentos e assentamentos rurais da Luta pela Terra que nos preocupa partem da descrição dos papéis sociais de gênero dos trabalhadores e trabalhadoras para a explicação das relações de gênero que nestes lugares se constroem, baseando-nos no contexto da precarização das relações de trabalho e o conflito pela terra enquanto especificidade histórico-geográfica do trabalho e do metabolismo societal da sociedade do capital.

Os motivos que nos levam a optar por esta abordagem são, em primeiro lugar, o deslocamento de foco da “questão feminina” de uma classe, para a análise das relações sociais de gênero e classe como um todo, com o propósito de focar os mecanismos de subordinação das mulheres pelo modo de organização espacial das relações sociais.

Neste sentido, à afirmação feita por Souza-Lobo (1986) “a classe trabalhadora tem dois sexos”, nós incorporamos “e diferentes gêneros”. Com isto, apontamos para a apreensão do gênero como processo, relação, movimento, o que

implica a interconexão com outras variáveis sociais como raça, religião, idade e/ou nacionalidade. E, em uma sociedade dividida em classes, é evidente que nenhuma relação está desvinculada do contexto da sua luta.

Contudo, as práticas sociais e a sua reprodução, para serem executadas, desenvolvem-se em lugares específicos. Ante isto, e de acordo com Thomaz Jr (2002), entendemos que a discussão sobre os lugares, não se limita ao imediato, ao visível. Assim, como assevera Pereira (2001, p.8) : “saber responder a pergunta: Aonde? É o mesmo que incluí-lo numa classe social, num grupo, numa nação, por meio do bairro, do local de trabalho e das práticas espaciais mais banais”. Portanto, é importante entender que as práticas sociais, isto é, os gestos, os atos, as trocas de nossa vida social, e por conseguinte o gênero, para serem executados, desenvolvem-se em lugares específicos e não se limitam ao que é imediatamente visível. A discussão sobre as localizações o viés geográfico da construção do gênero.

Também, entendendo-nos tributários das reflexões geradas no contexto da Geografia do Trabalho, a análise do território da Luta pela Terra dos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil que nos propomos apresentar parte da expressão geográfica do trabalho tanto em nível da relação humanidade-meio, quanto na dimensão da regulação sociedade-espço.

Ambos processos são, segundo Moreira (2002), formas de metabolismo. Os metabolismos natural e social, respectivamente, por meio dos quais a humanidade faz-se a si mesma, ao tempo que faz a sociedade e a história, humanizando-se pelo trabalho. Para esse autor, na relação humanidade-meio, o trabalho é o ato transformador do homem (e da mulher) interessados em extrair do meio circundante as condições de vida necessárias para a constituição do seu modo de existência. Em outras palavras, é seu processo de “metabolismo ambiental”. Na relação sociedade-espço, o trabalho é entendido como o ato instituinte da

organização das sociedades como totalidades territorialmente estruturadas na história, ou seja, o processo de “metabolismo espacial”.

Por metabolismo ambiental entendemos o processo pelo qual o homem/mulher faz-se a um só tempo sujeito natural e social. O metabolismo espacial, não obstante, representa o processo regulatório que normatiza os intercâmbios humanos desde dentro da cooperação “intranatura”.

Um metabolismo ocorre dentro do outro: “o metabolismo ambiental sendo o lugar primário do trabalho e o metabolismo espacial o lugar secundário e de regulação formal do primeiro” (MOREIRA, 2002, p.22). O que significa dois momentos distintos de um mesmo movimento: “o processo histórico da humanização do homem/mulher pelo próprio homem/mulher através do processo de trabalho” (Ibid).

A singularidade deste estudo se coloca em apreender como a divisão sexual do trabalho participa da construção do espaço. É dizer, compreender a dimensão espacial do processo da divisão social por gêneros do trabalho. De acordo com Pereira (2001):

qualquer divisão social ou técnica do trabalho é, necessariamente, uma divisão territorial, uma vez que somente pode existir na medida em que assim se configure. Por tanto, o território é uma dimensão de análise daquilo que se denomina tradicionalmente de *processo* e não apenas a localização em um plano cartesiano. (p. 19)

A idéia sobre a qual construímos a nossa discussão é o reconhecimento da forma na qual as relações de gênero, simultâneas às de classe, constituem-se em elementos centrais para entendermos a sociedade contemporânea e as distribuições espaciais da atividade criativa humana: o seu trabalho.

Partimos de constatações empíricas em acampamentos e assentamentos rurais do MST no Pontal do Paranapanema, mas, neste caminhar, optamos também por uma certa “irresponsabilidade” para a formulação de provocações. Assim, a indagação que propomos desenvolver é como as relações de gênero, junto às de classe, constroem as paisagens geográficas no contexto da Luta pela Terra.

É através da paisagem, enquanto categoria de análise, que estabelecemos esta mediação. Sabemos que cada forma de sociedade se revela no modo do entrelaçamento da paisagem com o território e o espaço contextualmente correspondentes a cada qual no tempo (MOREIRA, 2002). O desafio é o de incitarmos a pensar na hipótese da existência de uma homologia espaço-gênero. A aventura interpretativa está garantida e o seu valor poderemos mensurar mais pelas suas provocações que pelas suas afirmativas.

Para tal fim, mergulharemos na construção de significados da linguagem do gênero, para depois colocá-lo à luz do espaço.

2.1. O sistema de opressão - dominação de gênero e a produção da diferença

Revisando a literatura que se dedica à temática de gênero observamos que é ponto comum nos trabalhos iniciar a discussão pela explicação da abordagem ou as causas dela, localizando o objeto de estudo e justificando a sua escolha. Continuamos tendo que demonstrar e continuamos a ter de justificarmos, ainda que dentro da academia “algumas” coisas pareçam já conquistadas.

Paradoxalmente nos estudos que se toma o homem como o global, o humano, até a humanidade, as argumentações que revelam a importância da unicidade de gênero deste tipo se fazem desnecessárias. Mas, como defendermos

lógica e racionalmente a equação homem = humanidade? A eliminação da diferença intrínseca ao “sujeito universal”, insinua uma cidadania global difícil, quando não impossível, de constatação empírica.

Somos cientes de que nos encontramos ante um dilema epistemológico, como questiona Smith (2000):

de que modo um sujeito político ou uma coalizão de sujeitos políticos pode ser reconstruída, sem, de um lado, repetir a pressuposição de um sujeito branco, masculino, de classe dominante e, de outro, sem voltar para um individualismo radical.(p.156).

A noção de justiça social neste ponto se faz necessária. Acreditamos que apreender a injustiça em termos de dominação – opressão, enquanto conceito estrutural e sistêmico, mais do que a centralidade da distribuição, é um ponto chave (YOUNG, 2000). Com isto queremos apontar que o alcance da noção de justiça não se limita à distribuição, se não que inclui todos os processos sociais que sustentam a opressão.

A dominação e o controle social são comandados na nossa sociedade pela lógica do capital, o qual se apropria da práxis social para a sua reprodução. Neste sentido, e como parte da essência do próprio capital, Lessa (1988, p. 140) coloca, recuperando a Mészáros, que: “a constituição ontológica do capital faz com que tenhamos uma incontável tendência expansionista que submete, de forma cada vez mais intensa e extensa, toda a existência social a sua lógica”. As condições sociais da opressão inerente a esta lógica incluem a privação das condições mínimas de existência, de bens materiais e da sua injusta distribuição, mas significam também questões que vão além da distribuição.

Segundo Young (2000, p.84), o conceito de opressão abarca a exploração de classe, a marginalização, a carência de poder, o imperialismo cultural e a violência, e “nenhuma destas formas pode ser reduzida à distribuição, se não que todas implicam estruturas sociais e relações que perpassam a distribuição”.

Em última instância, a opressão refere-se a fenômenos estruturais que imobilizam ou diminuem uma classe ou grupo social. Neste sentido o sexismo⁵⁵, junto ao racismo, enquanto doutrinas que sustentam a superioridade de um grupo sobre outro, constituem os meios adequados para dividir a classe trabalhadora e legitimar a superexploração e marginalização de parte dos seus membros.

Assim sendo, a opressão de gênero é uma das principais expressões das formas de opressão estruturais da nossa sociedade, cuja superação perpassa a mera distribuição de “privilégios para a inserção de uma minoria”⁵⁶.

Para Haraway (2000) a noção de oportunidade refere-se mais à capacidade do que à posse, portanto, essa percepção de justiça social que temos apresentado, na apreensão da construção da opressão de gênero à avaliação de que se as mulheres têm ou não oportunidades, não pode implicar o resultado distributivo senão a estrutura social que outorga e tira delas oportunidades. Em outras palavras, está-se diante da processualidade social que define e (re)define estas relações (THOMAZ, Jr., 2000), guiadas pelo capital enquanto relação social central (MÉSZÁROS, 1996)⁵⁷.

⁵⁵ Utilizamos este termo enquanto concretização do sistema dominação-opressão de gênero.

⁵⁶ Referimo-nos aqui às mulheres enquanto *minorias culturais*. Este conceito define qualquer grupo social sujeito ao imperialismo cultural; mulheres, negros, homossexuais, portadores de deficiência, pessoas de idade, classe trabalhadora, grupos étnicos e nacionais.

⁵⁷ István Mészáros, fundamentado na leitura de Marx, propõe uma abordagem para além tanto das concepções dicotômicas, que entendem capital e Estado como duas esferas quase independentes, quanto daquelas que tendem a reduzir ao Estado ao braço executivo da classe dominante. Para este autor nem o Estado é independente do capital, nem representa exclusivamente os interesses da classe dominante. O Estado expressa para Mészáros

Todavia, no campo da discussão filosófica, Young (2000) destaca a tendência a apreensão da injustiça de gênero restrita, na sua maior parte, às questões de igualdade de oportunidades, especificamente em torno dos programas de ação afirmativa⁵⁸ que dão preferência às mulheres. Isso faz com que o paradigma distributivo da justiça social funcione, no caso, ideologicamente no sentido de reforçar a despolitização. Dado que pressupõe e aceita acriticamente as relações de produção que definem o regime neoliberal de acumulação capitalista. O pacto parece limitar o conflito à distribuição e não questiona as estruturas de produção, nem a tomada de decisões, ou seja, define homens e mulheres fundamentalmente como clientes, consumidores.

Continuando com as reflexões levantadas por Young, um dos artifícios que ocultam a radicalidade dos questionamentos acerca do sistema de dominação – opressão de gênero corresponde-se com o ideal da imparcialidade que nega a diferença e estrutura a razão ocidental: “a imparcialidade persegue propósitos ideológicos, já que mascara a forma nas quais as perspectivas individuais dos grupos dominantes proclamam a universalidade e ajuda a justificar as estruturas hierárquicas da tomada de decisão” (2000, p.171). As funções ideológicas a serviço desse ideal são

as necessidades globais da reprodução do metabolismo social regido pelo capital. E nesta relação o caráter do capital, a essência do mesmo é muito mais que uma mera relação de *poder* entre a burguesia e os trabalhadores: é uma forma de controle do metabolismo social caracterizada pela submissão do trabalho vivo ao trabalho morto, pela alienação do trabalho que se manifesta, também, pela presença de um “comando sobre o trabalho” que se afirma enquanto um “poder separado” tanto do trabalhador como do próprio processo de trabalho, em fim, pela necessária produção histórica de “personificações do capital” e “do trabalho”, ou seja, de pessoas que, enquanto individualidades e enquanto classe, assumem como finalidade de suas vidas, como sentido de suas existências, os valores e fins que expressam as necessidades do processo de reprodução ampliada do capital, tanto do ponto de vista do capital quanto do trabalho abstrato.

⁵⁸ As ações afirmativas são políticas que têm como objetivo corrigir as práticas discriminatórias herdadas do passado ou mesmo que possam ocorrer no futuro. Atuam como uma proteção àqueles que são discriminados pelo gênero, raça, etnia ou classe social. Tiveram o seu início nos Estados Unidos em 1964, e inicialmente voltadas para os negros se inserir no mercado do trabalho, com a implementação de programas de inserção das “minorias” ao mundo do trabalho, as mulheres também foram sendo beneficiadas. Para uma leitura atualizada sobre as estratégias de ação afirmativa ver GUTERRES (2001), DELGADO, CAPELLIN e SOARES (2000).

expressões do imperialismo cultural e da legitimação da hierarquia autoritária do metabolismo social do capital.

Quando designamos o imperialismo cultural como uma das faces da opressão, referimo-nos, de acordo com a autora, “a universalização da experiência de um grupo dominante e a sua imposição como norma” (2000, p.100). É exatamente aquele homem, branco e burguês, sobre o qual questionava Smith como “sujeito universal”, a forma que adquire o imperialismo cultural no ocidente moderno. Tudo o que este fora e o já popular “Outro/a”, o desviado em relação à norma dominante.

As implicações do imperialismo cultural sobre o gênero fazem com que a experiência do grupo privilegiado, no caso o masculino em relação ao feminino, apresente-se como universal e que instituições e burocratas possam exercer o poder com a tomada de decisões de forma “imparcial”. O controle moral sobre o gênero, especificamente feminino, é um claro desdobramento deste imperialismo. O “ideal de respeitabilidade” dominou, segundo MacKinnon (1995), a moral burguesa durante o século XIX. E as suas continuidades são ainda perceptíveis na sociedade industrial capitalista contemporânea, especialmente no plano da conduta, imagens e atitudes:

a respeitabilidade consiste em adequar-se às normas que reprimem a sexualidade, às funções corporais e às expressões emocionais. Dita respeitabilidade está ligada a uma idéia de ordem: tudo esta baixo controle, tudo no seu lugar, sem traspasar os limites. A sociedade burguesa moderna criou uma oposição complementar de gênero muito mais forte que a existente com anterioridade: as mulheres identificavam-se com o corpo e a sensualidade, especialmente como emoção, sendo que os homens localizavam-se no lado da razão desencarnada (p. 230)

No século XIX a ideologia burguesa de gênero conferiu a cada um sua própria esfera física e social. A esfera da política e o comércio para os homens e a esfera da família e o lar para as mulheres. Estes códigos de respeitabilidade burguesa fizeram com que a masculinidade e feminilidade fossem mutuamente excludentes e, não obstante, opostos complementares. Contudo, a polarização burguesa do gênero representa uma negação da diferença, já que no casal “respeitável” existia só uma subjetividade, a masculina (MacKINNON, 1995).

Uma das marcas destacadas do imperialismo cultural burguês, masculino e branco, atende à divisão sexual do trabalho, que implica uma divisão social, sexual e territorial do mesmo, identificando a esfera produtiva como o domínio espacial masculino e a reprodutiva como lugar feminino. Se bem que a classe trabalhadora compartilha esferas, o “domínio” de cada gênero sobre elas reproduz a estrutura da racionalidade burguesa.

O capitalismo apropriou-se de forma diferente da primeira divisão real do trabalho, a sua divisão sexual fortalecendo, como destacávamos, a opressão sobre a metade da classe trabalhadora.

Podemos afirmar, portanto, que o desdobramento direto do imperialismo cultural ocidental sob o regime de acumulação capitalista impõe formas de exploração e carência de poder especificamente marcadas pelo gênero.

A dissolução deste imperialismo requer uma revolução cultural que implica também uma revolução da subjetividade. A experiência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra sobre como provocar a tomada de consciência é a que oferece uma possível mostra sobre o método. O câmbio cultural a que nos referimos e que o MST protagoniza e viabiliza é a capacidade com que o “Sem Terra” desenvolve formas de expressão cultural que redefinem uma imagem positiva deles mesmos e de forma diferenciada na sua luta pela incorporação das mulheres na

ação política. Por isso, entendemos que a apreensão ampla do conceito de opressão é crucial para o discurso dos movimentos sociais contemporâneos de cunho emancipatório.

O MST na sua proposta de transformação social enfrenta as questões de dominação mais do que distribuição. No seu discurso está presente a luta pela justiça social e, através da articulação dentro da organização dos Coletivos de Gênero, inicialmente articulados em único Setor, o movimento questiona mais uma face da opressão, a opressão de gênero, ampliando a dimensão da sua luta.

É importante reiterar que a negação da diferença só contribui para a sua opressão/exploração (MOREIRA, 1999). Por isso, uma concepção de justiça social que desafie a dominação e opressão institucionalizadas passa por oferecer a visão de uma realidade heterogênea que reconhece e afirma as diferenças. A percepção da dominação – opressão de gênero como um sistema estrutural nos permite pensar nas relações de dominação e emancipação, vistas como relações de conflito e poder entre homens e mulheres. Possibilita ainda tratar a subjetividade feminina e masculina e a construção de lugares para mulheres e homens na sociedade (GUTERRES, 2001). Na sua percepção espacial Sennet (2001, p. 165) confirma esta necessidade:

Lugar e geografia, um local para a política; comunidade evoca as dimensões sociais e pessoais do lugar. Um lugar se torna comunidade quando as pessoas usam o pronome “nós” [...] mas não há comunidade enquanto não se reconhecerem diferenças dentro dela (p.165)

Não em vão Young (2000, p.110) nos lembra que: “a imposição da razão científica entre objeto e sujeito sobre a base de hierarquizações de classe, raça,

gênero e nacionalidade tem profundas conseqüências para a estruturação do privilégio e a opressão”.

Finalmente o que está em jogo no dilema epistemológico advertido por Smith (1992) no começo da nossa reflexão não é outro que a negociação do privilégio, baseada em diferentes situações do sujeito.

O espaço produzido dentro da sociedade capitalista encontra-se intensamente hierarquizado, conforme a divisão em classes, raças, etnicidade, gênero etc., o que configura a sua diferenciação política dinâmica e multifacetada. (SMITH, 1992). As nossas “posições relativas” dentro deste espaço-produto são, de modo geral, consideradas como um projeto local. Não obstante, como coloca este autor, são intensamente globais.

Assim, entendemos que o sexismo, igual a outras formas de opressão, “ocorre” sim nas localidades, se estas significam lugares concretos, como podem ser os acampamentos e assentamentos rurais. É certo que os casos concretos de opressão de gênero se dão como interações interpessoais entre os indivíduos específicos, mas o sexismo é construído tanto global quanto localmente. Não tem sentido interpretar a dominação e controle das mulheres acampadas e assentadas como se simplesmente ocorresse em um local. O slogan que durante a segunda onda⁵⁹ do feminismo cunhou “o pessoal é político” desafia-nos agora a pensar na escala internacional do pessoal, para agir então na mesma escala. O que contesta adequadamente a

⁵⁹Ascensão na década de 60 do movimento feminista nas sociedades ocidentais, ligada à política do movimento norte-americano pelos direitos civis nos anos 60, mas com raízes em tradições políticas européias: socialismo utópico, anarquismo, libertarianismo e marxismo. De cunho mais radical que a primeira onda, caracterizada pelas campanhas reformistas por “direitos iguais” no contexto norte-americano e europeu do século XIX, o movimento feminista da segunda onda propunha o estremecimento político revolucionário da sociedade, insistindo em afirmar que a opressão das mulheres estava enraizada em processos psíquicos e culturais profundos, o que exigia uma mudança nos objetivos feministas estrutural e não superficial. Um foco destacado das suas campanhas foi a luta pelo controle das mulheres sobre os seus próprios corpos.

banalidade que se encerra no juízo reacionário e conservador “do pensar global e do agir local” (SMITH, 1992).

Entendemos que o enfoque de gênero na análise espacial dos fenômenos pode contribuir como ferramenta de muita validade para “pensar globalmente e agir globalmente também”. Mas, a que nos referimos quando falamos de gênero?

2.2. A construção dos significados de gênero

O próprio gênero é hoje objeto de estudo como uma variável entre outras, mais concretamente, como um fato que se constitui em mútua relação com a classe e a etnicidade⁶⁰.

A compreensão ampla deste conceito exige-nos pensar não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico, portanto nem dado nem acabado, como uma interpretação biologicista colocaria. Esta idéia de gênero como construção social é tributária da existencialista francesa Simone de Beauvoir, que em meados de século XX colocou um sério desafio ao determinismo biológico na sua obra *O segundo sexo*, hoje um clássico consagrado da literatura feminista. Uma das grandes contribuições para o debate que, posteriormente, se suscitou sobre a construção das relações de gênero, deriva da sua afirmação: “não se nasce mulher, torna-se mulher”:

não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres. Não existe nenhum destino biológico, psicológico ou econômico que determine o papel

⁶⁰ Diversas autoras abordam essa questão, dentre elas: MacDOWELL, 2000; MOORE, 1999; SALTZMAN, 1989; HARAWAY, 1991; SCOTT, 1995; LOURO, 1995.

de que um ser humano desempenha na sociedade: o que produz esse ser indeterminado entre o homem e o eunuco, que se considera feminino é a civilização no seu conjunto (SIMONE DE BEAUVOIR, 2000, p.62)

A idéia da feminilidade/masculinidade como criações sociais teve tal ressonância que se tomou o termo “gênero” para distinguir a construção das identidades feminina/masculina do sexo biológico mulher/homem. Tal diferenciação básica, permite-nos teorizar o primeiro como criação social ou cultural do segundo, ao tempo que o transforma em matéria susceptível de mudanças. A linguagem relacional do gênero hoje diz; “não nascemos mulheres ou homens, tornamo-nos mulheres e homens”.

Na década de 1970, um dos aportes que contribuíram extraordinariamente para o amadurecimento do conceito de gênero foi o artigo pioneiro da antropóloga feminista marxista Gayle Rubin⁶¹, onde apareceu pela primeira vez o conceito de “sistema sexo/gênero”⁶². Neste sistema, o sexo, ou diferença biológica, é a estrutura básica na qual cada sociedade a longo da história tem colocado os mecanismos, socialmente definidos, das características de gênero:

o sistema consiste em um conjunto de mecanismos sociais que servem para transformar a sexualidade biológica em um produto da atividade

⁶¹ Gayle Rubin desenvolve nesta obra uma definição mais acabada sobre o sistema sexo/gênero através de uma leitura de Lévi-Strauss e de Freud. Ademais, propõe também o desenvolvimento de uma economia política do sexo. Seu estudo é considerado pioneiro e é ponto de referência para a análise da categoria de gênero.

RUBIN, G. *El Tráfico de Mujeres: notas sobre la economía política del sexo*.1975. Reproduzido em: *El Género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México, 1996.

⁶² Para uma crítica pormenorizada do conceito ver: McDowell (2000), Haraway (1995) e Scott (1995).

humana, e para dar satisfação as necessidades sexuais assim transformadas (Rubin apud Haraway, 1995, p. 65).

Sendo que, através de tais transformações e por meio da regulação social, o “sexo” converte-se em “gênero”. Na sua obra examina a “domesticação das fêmeas humanas”, enquanto a matéria prima da produção social das mulheres.

Para Haraway (1995), Rubin valeu-se desta teoria para explicar a complementaridade dos sexos, entendendo a heterossexualidade como obrigatória e a opressão das mulheres pelos homens através da premissa fundamental da troca das mulheres no estabelecimento da cultura mediante o parentesco. A análise marxista do sistema como produto da ação humana coloca, porém, a possibilidade da sua mudança mediante a luta política. Não obstante e de acordo com a Haraway (1995), é a objetivização sexual, e não a alienação, a consequência da estrutura sexo/gênero.

Um uso posterior do conceito no qual o gênero não se distingue do sexo, porque o primeiro absorve o segundo, foi sistematizado na década de 80 pela historiadora Joan Scott⁶³.

A ela devemos a utilização do gênero enquanto categoria de análise dos fenômenos históricos e sociais, a qual é basilar para o desenvolvimento da nossa abordagem. Segundo a autora, o gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças anatômicas percebidas entre os sexos. Gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p.125). Essa conceituação articula quatro dimensões da vida onde se produzem e dinamizam as relações de gênero: a simbólica, a normativa, a institucional e/ou organizativa e a subjetiva.

⁶³ Cf. SCOTT, J. 1995.

Na conceituação de Scott fica expresso que o movimento das práticas masculinizantes e feminizantes realiza-se em consonância com as distintas concepções de cada sociedade. O que nos leva a pensar, de acordo com Louro (1995, p.103), que: “o gênero é mais que uma identidade apreendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais, implicando a sua “generização”, ou seja, elas expressam as relações de gênero”.

Na antropologia, e posteriormente ao trabalho de RUBIN (1975), ampliou-se a conceituação do gênero colocando a necessidade de ponderá-lo em duas perspectivas distintas, mas não excludentes: como construção simbólica e como relação social. (MOORE, 1999).

O valor de analisar o gênero como uma construção cultural-simbólica reside em identificar as expectativas e valores que uma cultura concreta associa ao fato de ser homem ou mulher. O enfoque sociológico, não obstante, analisa as funções sociais dos gêneros, o que significa que a problemática centra-se no que *fazem* e não na valoração simbólica atribuída. Esta perspectiva coloca inevitavelmente a questão da divisão sexual do trabalho e a concomitante divisão da vida social em esfera “doméstica” e “pública”, a primeira reservada para a mulher e a segunda para o homem. Todavia, ambos aspectos, o gênero como significado simbólico e como conjunto de relações materiais são para a geógrafa Linda McDowell (2000), inseparáveis:

ao definir gênero [...] devemos ter em conta que as atuações sociais, entre um amplo espectro de interações entre múltiplos lugares e situações – por exemplo na casa, no trabalho, ou no boteco – e as distintas formas de pensar e representar os lugares e o gênero relacionam-se entre si e criam-se umas as outras. Todos atuamos como ditam-nos as nossas idéias, que sempre respondem a uma construção cultural, e estão histórica e espacialmente situadas (p. 20).

Ao que incrementa:

o que a sociedade considera um comportamento próprio do homem e da mulher influencia na idéia que eles mesmos têm do que deve ser masculino e feminino e de qual e a atitude que corresponde a cada gênero, apesar das diferenças de classe, idade, raça ou sexualidade, e estas expectativas e idéias mudam de um lugar e tempo a outro. As noções praticamente universais, intocáveis e inalteráveis da feminilidade só podem ser possíveis num ícone ou imagem como talvez a da Virgem Maria; para todas as demais as idéias estabelecidas mudam no tempo e no espaço (p. 21).

No interior do enfoque das representações, De Lauretis (1984) define o gênero como a construção social da “mulher” e do “homem” e a produção semiótica da subjetividade. O gênero tem a ver com a “história, com as práticas e com a imbricação de significado e da experiência”, em outras palavras, com “os efeitos mutuamente constitutivos em semiose do mundo externo da realidade social com o interno da subjetividade”. Do que desprendemos que o gênero é um sistema de relações sociais, simbólicas e psíquicas no que os homens e as mulheres são situados de forma diferente.

Todavia, para a cientista política Donna Haraway (1995), são a “alteridade” e a “diferença” do que precisamente trata “gramaticalmente” o gênero. Segunda a autora, o objetivo do desenvolvimento do termo como categoria foi pesquisar o que se acostuma a entender por “mulher”, para assim problematizar o que tinha sido tomado como regra inamovível :

No esforço político e epistemológico para tirar as mulheres da categoria natureza e colocá-las na cultura como objetos sociais construídos e que se auto-constroem dentro da história, o conceito de gênero teve que permanecer em quarentena para se proteger das infecções do sexo biológico. Em consequência as atuais construções do que se entende por sexo ou por mulher resultam muito difíceis de teorizar, a exceção da “má ciência” na que a mulher emerge como naturalmente subordinada (p. 227).

Para a autora, a problemática atual em torno dos significados do gênero deriva do paradigma de identidade cristalizado nas décadas de 1950 e 1960 no mundo acadêmico anglo-saxônico. O conceito de identidade genérica foi formulado no bojo da distinção entre biologia e cultura, de tal modo que o sexo relacionou-se com a biologia e o gênero com a cultura. A crítica que Haraway faz perante a luta contra o “determinismo biológico” e a favor do “construcionismo social” da grande parte das interpretações de gênero baseia-se na exclusão dos corpos, incluídos os *generificados* e *racializados*, enquanto objetos do conhecimento e lugares de intervenção na “biologia” (1991, p. 227). É neste ponto que Smith (2000), na apreensão do corpo enquanto escala geográfica, o local físico primário de identidade pessoal, recupera a afirmação de Butler⁶⁴: “o corpo é também um *locus* cultural de significados de gênero” (p.145). Neste sentido, os autores criticam a exclusão do corpo como categoria de análise, dado que não apenas o gênero, mas outras formas de diferenciação social são construídas em torno da sua identidade. De acordo com esta percepção, Young (2000) sustenta que:

a “gradação dos corpos” reserva uma variedade de diferenças corpóreas além do sexo, a mais óbvia é a raça, mas também a idade e

⁶⁴ BUTLER, J. *Gender trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York, Routledge, 1989.

capacidade, como base putativa para a opressão e para o imperialismo cultural (p. 122).

Se as distinções analíticas do significado de gênero permitiram evidenciar as igualdades e diferenças entre as mulheres e os homens, também contribuem para a Geografia, na medida em que ajudam a demonstrar que a construção das relações de gênero não só variam de um país a outro e de uma época histórica a outra, senão também nos espaços relativos, nos lugares e nas relações da vida cotidiana (McDOWELL, 2000).

Existem múltiplas formas de “produzir o gênero”, tantas e tão opostas quanto as versões hegemônicas da feminilidade (ligadas à natureza, à emoção, ao subjetivo e ao individual, entre outras) e da masculinidade (ligadas à sociedade, à razão, ao objetivo e ao agregado, por exemplo). E estas formas têm a sua especificidade espacial e histórica, variando em um amplo leque de escalas geográficas.

2.3. Relações de gênero: relações espaciais de poder

Dos apontamentos anteriores depreendemos que as relações de gênero são basicamente relações sociais de poder, desiguais e hierárquicas e não simples dicotomias ou relações simétricas e complementares.

Uma questão indispensável que se apresenta neste momento recai sobre a noção de poder. Segundo Scott, como colocávamos, o gênero é uma forma primária de significar relações de poder. Nesta conceituação a autora parte do entendimento *foucaultiano* de poder, buscando superar a “reversão dos pólos” (LOURO, 1995), conseqüência da celebração eufórica da mulher como objeto e

sujeito de estudo, que a produção científica sob a epígrafe Estudos de Mulheres implicou no campo das ciências sociais, após o tumulto da renovação da década de 1960. Hoje, a crítica a estes estudos centra-se na tendência geral para a inversão e subversão dos pólos.

Entender o poder nos termos de Foucault significa superar esta dicotomia. Referimos-nos a este autor na sua *Genealogia do poder* onde pretende explicar a existência dos saberes e suas transformações situando-os como peças de relações de poder ou incluindo-os em um dispositivo político, que utilizando um termo nietzscheano chama de *genealogia*.

Nessas análises, Foucault aponta uma não sinonímia entre Estado e poder. Ele vê uma articulação com poderes locais, específicos, circunscritos a uma pequena área de ação, o que caracteriza muitas formas de exercício de poder diferentes do Estado, poder que intervém materialmente, atingindo a realidade concreta dos indivíduos — o seu corpo — e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. Estamos aí no terreno do controle detalhado, minucioso, do corpo: gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. Aí os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social.

Nesta *rede de poderes* que impera em uma sociedade os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa. Não é propriamente o poder que existe, mas práticas ou relações de poder, relação entendida como luta, resistência dentro da própria rede do poder. Trata-se de uma multiplicidade de relações de força, guerra, disputa, este é o modelo para o poder.

Assim para este autor todo conhecimento só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios do saber. Isto significa que qualquer pesquisa sobre o saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que lhe constituem. Como nos lembra LUCARINY (1998) na sua leitura de Foucault: “não há saber neutro. Todo saber é

político. Todo saber tem sua gênese em relações de poder. Em contrapartida, todo saber assegura o exercício de um poder”.

O caráter relacional do gênero responde à sua essência como relação social, é nesta perspectiva que nos propomos utilizar o conceito na análise espacial. Como toda relação social, o gênero é uma relação de poder e a dinâmica dominação-opressão que a constrói, como vimos com anterioridade, é estrutural e sistêmica. Que queremos dizer com isso? Que tanto o gênero quanto o poder não são elementos que se possuem ou se detêm, são sim processos em movimento, relações.

Nessa perspectiva, nossa “leitura” do espaço se dirige para *geograficidade*⁶⁵ das práticas e relações de poder que se estabelecem entre diferentes sujeitos sociais, homens e mulheres, em acampamentos e assentamentos rurais, entendendo estes lugares como escalas geográficas onde os trabalhadores e trabalhadoras Sem-Terra, anteriormente fragmentados, se unem numa comunidade definida politicamente.

Isto significa entender as relações de gênero como parte das práticas espaciais que são à base da organização geográfica das sociedades, ou seja, da sua construção geográfica.

São as práticas espaciais que constróem a sociedade espacialmente e criam a dialética de determinação que ao mesmo tempo que faz da sociedade o seu espaço faz do espaço a sua sociedade (Moreira apud Santos, 2001)

Assim, partimos da sugestão de Foucault (1995) ao propor pensar o poder não como singular e único, senão como “uma rede que se desenvolve de modo capilar por toda a sociedade” (p.232).

⁶⁵ Referimos-nos com *geograficidade* ao modo de existência espacial que qualifica ao homem e a mulher como seres-no-mundo, Segundo Moreira (2001) este termo foi cunhado por Yves Lacoste em analogia ao conceito de historicidade.

Isso não significaria ocultar umas formas sobre outras e sim perceber as múltiplas formas e fontes de poder socialmente exercidas.

De acordo com este autor, o sujeito humano não só é colocado em relações de produção e de significado, mas também, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas. A história e a teoria econômica junto à lingüística e à semiótica oferecem instrumentos para estudarmos as relações de produção e de significado. Todavia, para a compreensão das relações de poder não existe um instrumento de trabalho definido. O seu convite é o caminho de base empírica. Isso significa usarmos as “formas de resistência” que existem contra as diferentes formas de poder como ponto de partida. De tal modo, mais do que analisar a racionalidade interna do poder, o que temos de analisar é o “antagonismo das estratégias”. É dizer, para descobrir o significado da dominação masculina na nossa sociedade temos que investigar o que ocorre no campo da opressão feminina.

De acordo com isso, para compreendermos as relações sociais de poder de gênero, propomo-nos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociação desta relação: o salto escalar da mulher trabalhadora rural através da mobilização popular.

A luta travada por oposição ao poder masculino sobre o feminino desenvolve-se sob diferentes formas na nossa sociedade e tem como embrião ideológico o feminismo, uma postura política tão mal entendida como bem manipulada.

Utilizando as reflexões de Foucault na luta de oposição ao poder masculino, nos encontramos simplesmente ante uma luta antiautoritária. Igual a outras formas de resistência ao poder, ela também é transversal, o que significa que não está limitada por nenhuma forma política e econômica definida de governo. Esta

transversalidade se traduz no espaço pela capacidade de “saltar escalas” (SMITH, 2000), na estimulante apreensão do pessoal como global.

Não obstante, os aspectos que para o autor são mais originais e específicos são os que questionam o estatuto do indivíduo. Se por um lado afirmam o direito de ser diferente, por outro atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros. É uma luta, portanto, contra o "governo da individualização". É também uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação. Em outras palavras, uma luta contra os privilégios do saber, onde o que é realmente questionado é a maneira pela qual o saber circula, funciona e determina funções hierárquicas.

Assim, na tipologia das lutas sociais, junto às lutas contra as formas de dominação e exploração, bandeiras da luta dos Sem-Terra, crescem em importância as lutas forjadas contra as formas de sujeição, contra a submissão da subjetividade. É o combate liderado pelos Coletivos de Gênero redimensionando a luta do Movimento, “uma outra face da luta”.

Mas, o que contribuem essas idéias para a perspectiva geográfica aqui defendida? Se como afirma Lefebvre (1999), hoje mais do que nunca o espaço nos revela a luta de classes, porque não revelar também a estrutura de poder entre os gêneros? A luta social no mundo é, segundo o autor, intrinsecamente uma luta pela produção social do espaço. E este espaço significa poder.

Aliás, para Foucault (1986) fica clara a necessidade de escrever uma outra história dos espaços. Uma que tome em conta os diferentes poderes, e a sua relação conflitiva: “Resta escrever a história dos espaços –que seria ao mesmo tempo a história dos poderes (os dois termos no plural)- desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do *habitat*” (p. 153)

Soja (1993) através da sua reafirmação do espaço na teoria social, falamos que a Geografia pode nos fornecer hoje a mais reveladora perspectiva crítica, mas para isso:

[A geografia] deve de estar sintonizada com as lutas emancipatórias de todos os que são marginalizados e oprimidos pela Geografia específica do capitalismo – pelos trabalhadores explorados, pelos povos tiranizados e pelas mulheres dominadas. E deve estar especialmente em sintonia com os processos contemporâneos de reestruturação e com os regimes emergentes de acumulação flexível e de regulação social (p.93)

É preciso fazer inicialmente uma distinção radical entre o espaço como objeto real, concreto, e o espaço tomado como objeto de conhecimento, concreto em pensamento, isto é, como se expressam as diferentes representações e interpretações do espaço real. Essas interpretações do espaço são ferramentas de conhecimento que devemos melhorar e construir, de forma a torná-las mais eficazes, para nos permitir compreender melhor o mundo e as suas transformações.

Por isso, a necessidade do gênero dentro do discurso geográfico, o que trataremos a seguir.

2.4. O gênero na construção do discurso geográfico

- Quando *eu* uso uma palavra - falou Humpty Dumpty, num tom algo desdenhoso- essa palavra significa exatamente o que eu quero que signifique [...] nem mais nem menos.
- A questão é -falou Alicia- se você pode fazer que as palavras signifiquem tantas coisas diferentes.
- A questão é -falou Humpty Dumpty- quem será o dono, isso é tudo.

Lewis Carrol, Através do espelho.

Quando um jornal marxista alemão escreveu para a politóloga americana Donna Haraway solicitando-lhe a elaboração de um prefácio para um novo dicionário marxista, onde se trata dos movimentos sociais que tinham revolucionado internacionalmente a teoria social e a linguagem política desde a década de 1960⁶⁶, a “sugestão” feita pelas editoras foi introduzir algumas palavras ausentes e a rescritura de algumas outras porque “as mulheres não aparecem onde deveriam” (HARAWAY, 1995, p. 214). A palavra chave para esta autora foi então gênero.

A linguagem é, sem dúvida, o veículo do discurso, e na construção de uma linguagem espacial na qual os geógrafos e geógrafas estão imersos é importante atender a necessidade colocada pelas editoras do dicionário alemão. Algo que David Harvey (1992) expôs com clareza no axioma fundamental da sua pesquisa na *Condição Pos-moderna*, a idéia de que “o tempo e o espaço (ou, no tocante a isso, a linguagem) não podem ser compreendidos independentemente da ação social” (p.206). As práticas espaciais e temporais estão estreitamente implicadas em processos de produção e transformação das relações sociais, sendo que;

a história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço e tempo, bem como dos usos ideológicos que possam dados a essas concepções. Além disso todo o projeto de transformação da sociedade deve apreender a complexa estrutura de transformação das concepções e práticas espaciais e temporais (p. 201)

Contudo, na linguagem espacial:

⁶⁶ Movimentos contestares da década de 1960 hoje vigentes são o feminismo e o ecologismo.

as práticas espaciais derivam a sua eficácia na vida social somente da estrutura de relações sociais no âmbito das quais entram em ação. Sob as relações sociais do capitalismo, as práticas espaciais [...] ficam imbuídas de significados de classe. Mas dizer isto não é alegar que essas práticas espaciais sejam geradas pelo capitalismo; elas assumem seus sentidos sob relações específicas de classe, de gênero, de comunidade, de etnicidade, de raça e são “usadas” e “trabalhadas” no curso da ação social (p. 203)

Mas, tanto estas idéias como as de Soja recolhidas na página 109 deste trabalho, merecem nossa atenção cuidadosa.

Geografias Pós-modernas de Edward Soja e *Condição Pós-moderna* de David Harvey⁶⁷ são obras que têm influenciado o nosso pensamento e que se colocam no centro da discussão, no âmbito da Geografia, do debate Modernidade – Pós-modernidade. Não é nossa intenção debruçarmos sobre esta questão, porém ela não pode ficar à margem da reflexão sobre o lugar do gênero na construção do discurso geográfico contemporâneo.

Massey (1994) nos coloca ante esta questão e nos alerta sobre as ambigüidades que precisamos, senão definir, no menos revelar.

Por uma parte Soja apresenta o reconhecimento de que o simples dualismo capital versus trabalho não é suficiente. As noções de marginalização, povos tiranizados e mulheres dominadas ganham destaque nas suas palavras.

Por outra parte, a questão pela qual são marginalizados, tiranizados ou dominados se assume que é - unicamente - a geografia do modo de produção (capitalista ou o “socialismo existente”). O autor reconhece que há mais coisas na vida que podem ser capturadas na formulação clássica, mas realmente não as leva em conta.

⁶⁷ Ver bibliografia.

Esta é a ambivalência na que se fundamenta parte da crítica levantada por Massey :

Observamos como são reconhecidas a existência de sexismo, racismo, e a necessidade de se referir a eles, mas se assume tanto explicitamente quanto implicitamente, que o único eixo de poder que importa em relação a estas formas distintas de dominação é que o que se origina diretamente das relações de produção. Nestas obras, nenhuma outra relação de poder e dominação é seriamente apontada. De fato, o patriarcado, por exemplo, que não é reduzível às condições do debate sobre modos de produção, não é considerado. (1994, p.255)⁶⁸

Para Massey, avançando na compreensão desta ambivalência, a Modernidade, e o discurso geográfico construído nestes limites, em si mesma é definida inteiramente em relação ao capitalismo, sendo que às vezes quase parece equivalente a este:

Em primeiro lugar, e evitando desdobramentos para maiores debates, há outros eixos de relações sociais de poder pelas quais as nossas sociedades atuais são caracterizadas, como também o são pelos da classe e do capitalismo. Na formulação de Soja, estruturas como patriarcado são reduzidas a ruídos de fundo, o qual responde pelo fato de que não há nenhuma relação de simples determinismo entre capitalismo e modernização. Mas por que os tais outros eixos de poder e estruturação social não podem ser considerados nos seus próprios termos? O patriarcado no está no sumário. (1994, p.222)⁶⁹

Com esta denuncia a autora quer destacar a experiência de modernismo e ou modernidade como por costume é registrada, o qual: “[...] não é (só) dizer que o modernismo era ou é patriarcal (...); é dizer que não é

⁶⁸ Tradução da autora.

⁶⁹ Tradução da autora.

completamente possível entender modernismo sem levar conta disto” (1994, p. 235)⁷⁰.

Voltando-nos agora nas idéias de Harvey, o modernismo é mais do que uma articulação particular das relações de poder de tempo, espaço e dinheiro. Na sua obra Harvey há produzido um fascinante estudo da relação entre a definição, produção e experiência do espaço, por uma parte, e os modos de produção e a formação da classe, por outra. Mas, nela se perdem completamente outros modos, outras relações de poder nas quais o espaço também é estruturado e vivido.

Como Pollock tem discutido:

Um materialismo histórico feminista não substitui em maneira alguma o gênero pela classe, mas decifra a intrincada interdependência de classe e gênero, como também da raça, em todas as formas de prática histórica. Não há uma prioridade estratégica em insistir no reconhecimento do gênero e da sexualidade como forças históricas de relevância tão ampla quanto quaisquer dos outros matrizes privilegiados no marxismo ou outras formas de história social ou análise cultural ...uma análise feminista das condições que fundamentam o modernismo no terreno *generificado e erotizado* da cidade moderna, diretamente questiona uma dívida social histórica, a qual categoricamente recusa o feminismo como um corolário necessário. (Pollock 1988, apud.Massey 1994, p. 235)⁷¹

Temos visto ao largo deste capítulo que o gênero é, entre outras coisas, um determinante na produção cultural. Para Massey isto também tem que ser considerado em relação a sua interpretação.

No final da *Condição de Posmoderna*, Harvey aponta para a recuperação de uma forma de modernismo, o marxismo. E reconhece que este deve

⁷⁰ Tradução da autora.

⁷¹ Tradução da autora.

ser feito para tratar mais satisfatoriamente a diferença, sendo que não é suficiente simplesmente adicionar categorias, elas devem estar desde o princípio presentes nas análises. Porém, na sua própria análise do modernismo e do pós-modernismo uma das mais significativas dessas “diferenças”, a que se resolve entorno do gênero, está ausente.

Neste ponto Soja é explícito:

O desafio político para o pós-modernismo de esquerda, como eu o vejo, exige primeiramente o reconhecimento e a forçosa interpretação da dramática e frequentemente confundida quarta modernização do capitalismo” (1993, p.5)

Concordamos com ele ao entender tal compreensão como necessária, mas não é suficiente. Neste ponto, nos aproximamos mais do posicionamento de Massey, para quem a única coisa a ser considerada dos “giros” políticos, sociais e culturais das recentes é a certeza de que as coisas não são tão simples.

Ao tempo, Harvey é bastante claro sobre a sua posição ao respeito e declara abertamente que tudo deve ser subordinado - da mesma maneira que, teoricamente, está reduzido - a uma questão de classe. Porém, ao mesmo tempo deixa em aberto uma questão:

a questão do caminho por meio do que lutas localizadas poderiam somar um progressivo, em lugar de regressivo, ataque nas formas centrais de exploração e repressão capitalista. Lutas localizadas ... geralmente não tiveram o efeito do capitalismo desafiador...(2003, p. 169)

O nosso questionamento diante disto não poderia deixar de ser outro: porque há uma suposição de o que essas lutas “locais” estão combatendo é

capitalismo? Ou, porque somente o capitalismo? Será que muitas mulheres e homens não estão combatendo também as estruturas globais e locais do patriarcalismo? Não se poderiam travar ambas lutas ao mesmo tempo, e nas mesmas escalas geográficas? Será que as lutas nas que estamos comprometidos ou nos comprometermos não são mais multifacetadas do que o colocado por Harvey? Contra que lutam as mulheres trabalhadoras do Pontal do Paranapanema? Seu compromisso e vontade de superação não é multifacético e possui um senso global? Porque entender que a ideologia que reproduz as relações de gênero contemporâneas só pode ser contestada em determinadas escalas geográficas?

Estas são algumas das questões que nos movimentam para seguir pesquisando a partir da plena consciência de que ciência é uma construção social e como tal não pode ser neutra. Por isso, os avanços de qualquer disciplina científica, de qualquer dos seus discursos, não podem estar à margem dos problemas sociais e dos debates públicos que suscitam, tampouco das mudanças nas construções gerais do pensamento filosófico e teórico.

Atendendo a estas demandas nos propusemos interpretar os desdobramentos das relações de gênero no processo de territorialização da Luta pela Terra, e com tal fim nos questionamos no próximo capítulo sobre quem, como e porquê da inserção no MST dos trabalhadores e trabalhadoras do Pontal do Paranapanema.

Capítulo III

Gênero, trabalho e Luta pela Terra

Es importantísimo aceptar, ..., que el punto de partida de la lucha de clases está en la particularidad del cuerpo que trabaja.

El cuerpo que trabaja es, por lo tanto, un ámbito de resistencia que alcanza dimensión política mediante la capacidad de los individuos de actuar como agentes morales.

Tratar los asuntos de esta manera no es volver a un individualismo desenfrenado,..., sino insistir en que la universalidad de la lucha de clases se origina en la particularidad de la persona y en que la política de las clases debe trasladarse de nuevo a esa persona de manera significativa. La alienación del individuo es, por lo tanto, un importante punto de partida para la política, y es esa alienación la que debe superarse,..., pero, ..., esa alienación no se puede solucionar más que mediante la lucha colectiva.

David Harvey

Na época que decidi vir para o movimento estava desempregado, não conseguia arrumar serviço. A minha companheira estava de doméstica em Presidente Prudente, mas não tínhamos condições de morar na cidade. Acho que o assentamento é melhor para criar uma família, em termos de tudo, para evitar a marginalização, a prostituição que a cidade é o que oferece para a periferia.

(Trabalhador rural acampado no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Voltando aos depoimentos dos trabalhadores e trabalhadoras sem terra do Pontal do Paranapanema, tornamos a enxergar também a concretização de um sonho, no qual onde a construção de um projeto de vida digno não é mais a cidade. Os assentamentos rurais, conquistados através da Luta pela Terra, representam na vida de um grande número de trabalhadores muito mais que um pedaço de terra onde trabalhar. Eles são a possibilidade de construção de um plano de vida fora dos limites da marginalidade e exclusão como destinos sociais urbanos: dos guetos dos sem-trabalho, da periferia, da favela, das “terras de ninguém”⁶⁶.

É nessa percepção da Geografia da exclusão urbana que a paisagem revela para os protagonistas da luta, não só a sua história, senão o modo de nela intervir de maneira consciente. No depoimento com que iniciamos o capítulo, o conhecimento da cidade junto a apreensão de processo global e sistêmico da exclusão faz do retorno ao campo dos “errantes de fim de século”⁶⁷ um processo crítico. Neste sentido, os trabalhadores criam a partir de uma situação crítica uma visão crítica para alcançar uma tomada de consciência dentro da mobilização popular na Luta pela Terra.

⁶⁶ Termo emprestado de FORRESTER, 1997.

⁶⁷ Cf. SILVA.

Olhando para trás a luta que eu vivi me mudou, porque na cidade, que é a vida na cidade? Você cuidar de casa, ver TV, ser a faxineira dos outros, e aqui no sítio não, você se diversifica, é bem mais interessante, você se desenvolvem entendeu, porque na cidade você é uma coisa, no sítio você é outra, vai-se desenvolvendo. Eu acho que no assentamento a mulher tem mais oportunidade para lutar que na cidade, eu acho que experimentei um pouco isso.

(Trabalhadora rural do assentamento Montão, município de Araraquara, SP.)

Fui assalariada, bancária durante doze anos em São Paulo, depois fui parar a Rondônia em busca de terra, voltei para São Paulo e trabalhei na FEBEM mais dez anos. A minha história é uma longa ida e vida, uma longa história, mas a gente percebe hoje que aqui na roça, o futuro dos nossos jovens, do nosso país se faz aqui, com a luta pela terra. Eu digo que a roça é um berço donde temos que assegurar as nossas famílias, porque lá na cidade não tem futuro para ninguém, lá está pior do que aqui. A gente não consegue serviço aqui imagina o que vai ter lá!

(Trabalhadora rural assentada em Ribeirão Bonito, Teodoro Sampaio, SP.)

De acordo com Santos (2002), essa tomada de consciência torna-se possível ali onde o fenômeno da escassez é mais sensível. Trata-se em última instância, da descoberta pelos homens e mulheres da própria razão e tal descobrimento “se dá exatamente nos espaços sociais, econômicos e geográficos também ‘não conformes’ com a racionalidade dominante.” (p.120).

Nesta tentativa de fornecer um quadro de reflexão na interlocução de gênero, classe e território, a partir da realidade dos assentamentos e acampamentos rurais da Luta pela Terra, não propomos tratar de uma “interação” entre espaço e sociedade e sim de uma lógica histórica específica, a do acúmulo de

capital e seu metabolismo societal⁶⁸, que guiam a dialética histórica do espaço e a sociedade (SMITH, 1988).

O espaço é determinado pelo modo através do qual homens e mulheres produzem sua existência, isto é, pelo modo de produção vigente. A produção e reprodução da vida são dadas tanto pela reprodução da espécie como através do trabalho, o qual produz os meios de existência.

Na sociedade atual esta simbiose é, em última instância, realizada através da organização em unidades familiares. Engels (1998), na sua historização da família, apontou para a progressiva individualização do trabalho da mulher na produção de valores de uso para o consumo, no seio da família patriarcal amparada pela lógica capitalista. Ao tempo que o trabalho do homem passou a ser destinado a criar riqueza, entrando na esfera da produção de valores de troca.

Em respeito a esta primeira divisão social do trabalho Smith (1984) coloca:

uma diferença biológica na natureza é reproduzida como uma divisão social do trabalho. Esta divisão do trabalho social é básica para o processo de reprodução, mas também se propala para a esfera da produção. A divisão sexual do trabalho então torna-se geral através da sociedade e desta maneira, novamente através das finalidades da atividade humana, a própria natureza humana começa a ser diferenciada (p. 75)

Através da sua expressão geográfica, o trabalho, tanto em nível da relação humanidade-meio, quanto na dimensão da regulação sociedade-espaço, reproduz esta divisão inicial “naturalizada”.

⁶⁸ Cf. THOMAZ JR, 2002.

São por isso as relações de gênero, simultâneas às de classe, que se constituem nesta dimensão como elementos centrais para entendermos a sociedade contemporânea e as distribuições espaciais da atividade criativa humana: o seu trabalho.

Todavia, os desdobramentos desta questão passam por refletir sobre as relações gerais de poder, no sentido de ampliar o foco de análise acerca da complexa trama de construções articuladas sobre o sistema dominação-opressão.

A construção pelo trabalho da homologia espaço-gênero não pode responder em modo algum a enfoques distributivos do poder, senão que temos que construí-la em relação direta com a dimensão estrutural da dominação, do controle social da lógica que comanda o modo de produção e reprodução do espaço.

Colocarmos a opressão como tema central na análise das estruturas e práticas sociais, é segundo Young (2000), incomensurável com a liguagem do individualismo liberal que domina os diferentes discursos globais. De acordo com a concepção desta autora, a opressão refere-se a fenômenos estruturais que imobilizam ou diminuem a um grupo. Simone Weil resumia a opressão “*como uma terrível caricatura da obediência*” (2000, p. 77), mas as caricaturas da obediência são múltiplas quanto são as faces da opressão.

Com isto queremos dizer que a exploração capitalista da classe trabalhadora, a marginalização ou exclusão social dos “desnecessários”, que não atingem a categoria de classe social (subclasse dos incluídos precariamente na lógica do sistema) e a carência de poder, são as faces da opressão em virtude da divisão social do trabalho. Isso atrelado ao imperialismo cultural e à violência estrutural completam as dimensões da opressão vigentes na nossa sociedade.

Longe de cairmos na vaga armadilha de darmos prioridade causal ou moral a alguma forma particular de opressão, pretendemos apreender as

mediações que articulam esta situação desigual, na inserção de trabalhadores e trabalhadoras na Luta pela Terra, como mecanismo para desvendar a origem e interesses da sua manutenção e legitimação, assim como apreendermos as estratégias que as mulheres trabalhadoras desenvolvem em nome da sua equidade.

3.1. Uma história comum: desemprego, exclusão e inserção na Luta pela Terra

“A periferia, “isso” é o que tem a cidade para a gente”, isso e escassez, pobreza, marginalidade, miséria, informalidade, precariedade, desemprego:

A gente na cidade não dá, porque todos nos somos fracos, para pagar aluguel não dá. Fracos, porque se a gente vai para a cidade tem que arrumar um emprego, tanto homem quanto mulher, e o emprego não está dando, tem que ser na roça, lutando como os companheiros. Porque se estamos aqui é porque a cidade não dá.

Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.

Segundo MARTINS (2000), as transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil pós-64 criaram um vazio social imenso no campo e também nas periferias urbanas onde se concentraram os “desenraizados do mundo rural”. Para este autor, os verdadeiros excluídos da sociedade brasileira são a personificação da pobreza social e das contradições que as geram:

o capitalismo globalizado trouxe enormes benefícios para as elites, a classe média e a elite da classe trabalhadora. Mas abandonou na beira da estrada do progresso multidões de deserdados e sem destino, mergulhados em formas perversas de sobrevivência. São os indevidamente chamados de excluídos, porque inclusos foram nas funções residuais e subalternas da cloaca de um sistema econômico

que não parece ter como funcionar e sobreviver sem iniquidades e injustiças (p. 16).

É o mesmo processo contraditório que produz democracia formal e exclusão social. Essa exclusão social, concordando com o que Martins acredita ser a nova forma de inclusão social, dificilmente poderá ter uma solução dentro dos limites da sociedade capitalista. Em todo caso esta se reafirma através de uma negação, a da inserção dentro da formalidade, na sociedade do trabalho na era do fim do emprego. Assim, para Sochazewski, com base nas idéias de Henri Lefebvre (1998):

os “novos” excluídos, porque a sociedade capitalista sempre foi excludente, estão excluídos do trabalho e, não entanto, é ainda o trabalho que conforma as suas vidas. A representação neste caso é a falta, a ausência. E pela ausência que o trabalho se faz presente na vida dos excluídos. (p. 221)

Segundo Kurtz, encontramos-nos ante a forma de *apartheid* da sociedade neoliberal, a qual centralizada na abstrata irracionalidade do trabalho desenvolve obrigatoriamente a tendência à exclusão da participação social, “quando o êxito da venda da mercadoria força de trabalho deixa de ser regra e passa a exceção” (S/D: 2)

Para entendermos a lógica contraditória que impõe a exclusão social, inclusão precarizada ou *apartheid* neoliberal, do que os autores falam, se faz necessário depararmos com o processo que redefine a forma de ser da classe trabalhadora hoje.

São numerosos os estudos, Antunes (1999), Alves (2000, 2001), Ianni (2001) Chesnais (1996), Méstzáros (2002), Thomaz Jr.(2002), que revelam como as novas formas de produção, aumento da tecnologia e alteração nas formas de gerência, incrementaram o desemprego em nível mundial.

A globalização do padrão neoliberal de acumulação implica a flexibilização da produção e da força de trabalho à escala mundial. Nesse contexto a redefinição do trabalhador é um fato, um desdobramento do processo contraditório que comanda a lógica do sistema de produção capitalista na sua reestruturação produtiva, mais propriamente seu metabolismo social.

A flexibilidade a que nos referimos é, para Sennet (2001), o mais atual circunlóquio criado para tirar a maldição da expressão “sistema capitalista”. O termo “capitalismo flexível” que define o regime de acumulação atual descreve para o autor “um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade (...) e esta ênfase na flexibilidade está mudando o próprio significado do trabalho” (p. 9).

A marca característica deste regime de acumulação e de regulação social e política é, segundo Harvey (1992): “o conflito direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade do processo de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (p. 140).

Não obstante, em nome da pretendida repulsa da rotina burocrática e a busca da flexibilidade, a nova forma de acumulação produz diferentes estruturas de poder e de controle, em lugar de criar as potencialidades libertadoras das que os seus defensores falam⁶⁹. Voltando a Sennet (2001): “a flexibilidade no trabalho

⁶⁹ Cf. MASSI, D. 2000.

mascara o simulacro, e se converte em um outro mecanismo de controle sobre o trabalhador”⁷⁰ (p.12).

Na esfera de redefinição da subjetividade do trabalhador social, uma questão que agora se coloca evidente para diversos autores, como Forrester (1997), Haraway (1995) e Sennet (2001), é a indiferença. A senha de identidade da indiferença que se irradia no capitalismo flexível é o seu nível pessoal. Para Sennet (2001) isto é decorrência de que o novo capitalismo é menos legível na forma, o que o torna um sistema de poder muitas vezes ilegível. Para o autor, a confusão já não é uma espécie de “falsa consciência”, senão um reflexo exato da realidade. Na sua obra, Sennet chega à conclusão de que a consequência última das transformações da subjetividade do trabalhador social que impõe o capitalismo flexível não é outra senão a corrosão do caráter, especialmente as qualidades que ligam os seres humanos, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável.

Diante disso, quando nos encontramos com comunidades dispostas a enfrentar o *novo* capitalismo, como os “Sem-Terra” no Brasil devemos, de acordo com as colocações de Sennet, pensar também na força do caráter. A Luta pela Terra empreendida pela classe trabalhadora é, portanto, a resistência à indiferença pessoal e à corrosão do caráter ao que parece estar destinado o trabalhador contemporâneo.

Junto às transformações na esfera da subjetividade, as mudanças na materialidade do trabalho repercutem na forma de desproletarização do trabalho industrial fabril (típico do fordismo), na ampliação do assalariamento no setor de serviços, no incremento de subproletarização, decorrentes do trabalho parcial, precário, subcontratado, “terceirizado”, onde se verifica a crescente incorporação das mulheres ao trabalho assalariado, na exclusão dos trabalhadores jovens e velhos

⁷⁰ Sobre as consequências da flexibilização no trabalho em casa ver OLIVEIRA, M (2001).

(acima de 45 anos) do mercado, no recrudescimento do assalariamento no setor serviços e na expansão do patamar de trabalho infantil (ANTUNES, 2000).

A redefinição do trabalhador social, junto da precarização das formas de trabalho, e o fenômeno do desemprego estrutural são realidades do nosso tempo, que se expressam sob um padrão de gênero predeterminado na sociedade ocidental, fundamentado no sistema de dominação–opressão do gênero feminino. Isso significa que o custo social da manutenção da ordem do capital na era do fim do emprego também tem gênero.

A desvalorização global da força de trabalho, perante a menor oferta de empregos e o aumento da oferta de força de trabalho, se traduz pelo agravamento geral das condições de vida. É neste contexto no qual se inseriu crescentemente a mulher no mundo do trabalho, ou seja, como força de trabalho desvalorizado.

As mudanças colocadas nas macro estatísticas sobre mulher e desenvolvimento dos organismos oficiais (PNUD, UNESCO, UNIFEM, FAO) tais como, a diminuição da fecundidade e o aumento da esperança de vida das mulheres; a sua progressiva e crescente incorporação ao mercado de trabalho; os avanços nos níveis de educação feminina e os progressos na participação política, assim como a presença em cargos de responsabilidade, apresentam-se como as transformações sociais protagonizadas pelas mulheres no último século (SABATE, 1995).

Não obstante, tais “avanços” encerram grandes contradições, tanto em nível territorial quanto no significado real das suas conquistas.

Constatamos que trabalhadores e trabalhadoras vivenciam de forma desigual os arranjos e transformações do metabolismo societário do capital em prol da sua reestruturação produtiva.

Diversas autoras, como Delgado, Cappellin; Soares (2000); Hirata (1986); Bruschini; Oliveira (1992), vêm retratando como na escala mundial a participação da mulher nas atividades produtivas remuneradas incrementa-se nos setores mais débeis do mercado de trabalho, jogando um papel cada vez mais importante nos atuais processos de precarização e crescimento da economia informal.

Essa situação responde a mecanismos da reprodução ampliada do capital que, à escala global, exige a expansão de uma relação social de produção que integra a divisão sexual às novas formas de internacionalização do trabalho⁷¹.

Nesse contexto de transformações, observamos como o padrão sócio-cultural de gênero adequa-se nos territórios aos interesses econômicos e ideológicos do capital.

Queremos destacar com isso que o sistema opressão-dominação da relação de gênero se reproduz através de instituições e de instrumentos que fazem parte do seu aparelho ideológico. Em última instância, representa mais um mecanismo pelo qual o “processo de reprodução do capital procura apropriar-se da práxis social, produzindo uma sociabilidade, um modo de vida a ele apropriado” (BIHR, 1998, p.145). Referimo-nos ao processo pelo qual o conjunto da prática social é submetido aos imperativos da reprodução do capital, (re)definindo-a em forma e conteúdo, já que a reprodução do capital, relação social central, depende de elementos e condições que a sua dinâmica de acumulação sozinha não tem possibilidade de garantir.

Atender as particularidades da diferente situação do homem e a mulher enquanto trabalhadores, na complexa trama da metamorfose contemporânea do mundo do trabalho, ajuda a identificar os mecanismos implícitos na opressão de

⁷¹ Cf. HIRATA. 1987.

gênero e a apropriação e reprodução desta condição pelo capital sob o amparo institucional. De acordo com Antunes (2000):

as relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham, são, desde a família à escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho (p. 109)

Hoje nos deparamos, independentemente das conquistas de cunho feminista e trabalhista logradas durante décadas de luta, com o incremento da precarização e da informalidade nas relações de trabalho sendo, pois, isso, concomitante ao incremento da participação da mulher no mercado. Essa situação que corresponde à inerente infravalorização do trabalho realizado pelas mulheres é algo que continua fortemente arraigada na sociedade ocidental, o que podemos constatar tanto nos espaços urbanos quanto nos territórios da Luta pela Terra.

Uma consequência dramática dessa discriminação de gênero é o crescente processo de “feminização da pobreza”. No Estado de São Paulo a maior parte dos lares chefiados por mulheres se localiza na zona urbana, mas a sua situação marginal não é exclusiva da cidade. Durante o nossa pesquisa, constatamos que as famílias chefiadas por mulheres trabalhadoras rurais sobrevivem na “periferia” da opressão. Sobre elas recai o peso da discriminação de gênero, da exclusão social, da carência de poder e da exploração de classe, colocando-as, junto às suas famílias, no limite da sobrevivência.

Destacamos que a exploração de classe, a carência de poder e a exclusão social são formas de opressão que se constituem em virtude da divisão

social do trabalho. Na exploração da classe trabalhadora a opressão tem lugar através de um processo continuado de apropriação da mais-valia do trabalho pelo capital. Mas a injustiça da divisão em classes da sociedade produtora de mercadorias não radica só no fato distributivo de que “os menos tem o mais”. A exploração determina também as relações sociais estruturais entre as classes. As regras sociais a respeito do que é trabalho, quem faz o que e para quem, como é recompensado e qual é o processo social pelo qual as pessoas se apropriam dos seus resultados, operam para determinadas relações de poder e desigualdade.

Trazer à tona estes matizes revela-se de suma importância quando procuramos desvendar as clivagens que oprimem mulheres e homens como grupos sociais com identidade, ou subjetividade coletiva, de gênero.

Apesar das significativas variações geográficas que apresentam os índices de participação da mulher no trabalho da OIT (Organização Internacional do Trabalho), destacam-se três questões centrais. A *discriminação horizontal*, que significa a concentração do emprego em determinados setores e ocupações, a *discriminação vertical*, que implica a tendência a manter-se na base da hierarquia trabalhista e, por último, a pior remuneração em termos gerais. (McDOWELL, 2000).

A separação entre homens e mulheres em distintas ocupações relaciona-se com as expectativas sociais em questão de gênero. As mulheres são vinculadas às tarefas relacionadas à reprodução e ao cuidado de outras pessoas e os homens àquelas atividades que demandam força física e destreza ou habilidade analítica destacada e poder de mando. Estas pautas de discriminação de gênero se reproduzem, ainda que liguem as suas especificidades regionais, na sociedade ocidental. As variações, não obstante, constatarem que as habilidades requeridas e supostamente associadas a traços masculinos ou femininos não dependem das

características próprias de cada ocupação, senão da construção, valoração e conseguinte retribuição social.

Focalizando a sua atenção no mundo produtivo fabril, Antunes (2000) alerta sobre a *nova* divisão sexual do trabalho assalariado, na qual as mulheres desempenham as tarefas próprias de áreas de trabalho intensivo, enquanto as áreas caracterizadas pelo capital intensivo constituem o gueto dos trabalhadores.

Faz mais de um século que Lafargue (2000), no seu panfleto revolucionário *Pelo direito à preguiça*, denunciou a sobreexploração da força de trabalho feminino pelo capital, o qual: “desviou a mulher do lar para a produção social não com o intuito de emancipá-la, mas sim com o de explorar mais ferozmente do que explora o homem”. (p.37)

3.2. Algumas clivagens de gênero na inserção na Luta pela Terra

A escala nacional, segundo dados da CNMT/CUT⁷², no Brasil, experimentou-se no decorrer dos últimos dez anos um crescimento de 3,68% da ocupação das mulheres contra 2,37% do total das pessoas ocupadas, e uma grande diversificação ocupacional na taxa de atividade feminina, perante o tradicional emprego doméstico.

Não obstante, as mudanças ocorridas no mercado de trabalho vêm-se refletindo no aumento do setor de serviço, no que se alocam as trabalhadoras domésticas do serviço remunerado: mulheres com menor escolaridade, sem experiência e migrantes da zona rural.

⁷² Comissão de Nacional de Mulheres Trabalhadoras da Central Única de Trabalhadores.

Nos territórios da Luta pela Terra, pudemos constatar que a inserção de grande parte das trabalhadoras no mundo urbano realiza-se através da prestação deste serviço:

com 19 anos sem emprego na roça fui a São Paulo para trabalhar como doméstica. Fomos eu e a minha irmã. Lá trabalhava de domingo a domingo, sem folga, com um salário muito baixo. Como tinha que ajudar a minha mãe, mandava para ela e o que sobrava comprava uma calça, um chinelo. Depois a minha mãe foi para lá também e eu arrumei outros serviços, em fábricas de camisas, azulejos, mas nunca com carteira assinada.

(Trabalhadora rural assentada no Paulo Freire, município de Presidente Bernardes, SP.)

Antes de chegar ao acampamento, já era uma mulher do campo. Nasci e me criei lá, onde fiquei até uns 14 anos. Junto com a família mudei para a área de Ourinhos onde meu pai começou a trabalhar na barragem, depois para Foz do Iguaçu. De Foz para a usina Capivara e de lá para Teodoro, onde o meu pai aposentou-se. Durante este tempo eu trabalhava como empregada doméstica até os 17 anos. Foi quando conheci o meu marido, também barrageiro. Casamos e o pouco tempo o serviço dele acabou. Foi quando entramos no movimento e continuamos a luta.

(Trabalhadora rural assentada no Madre Cristina, município de Teodoro Sampaio, SP.)

No acampamento do MST Padre Josimo, no município de Teodoro Sampaio, a maioria das 96 famílias acampadas se inseriram na luta a partir da perda do trabalho ou da impossibilidade do pai da família em encontrar emprego na cidade. O desemprego masculino mostrou-se como um dado revelador na tomada de decisão para inserção do casal na Luta:

Em São Paulo, morei 13 anos, lá eu era do lar. O meu marido trabalhava em uma oficina mecânica,..., decidimos entrar na luta quando o meu marido perdeu o emprego, e aí viemos para o acampamento.

(Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Todavia, muitas das mulheres que se encontravam ocupadas no momento em que seus companheiros ficaram desempregados abandonaram os seus serviços para não separar a família e pela impossibilidade econômica de sustentar ao grupo familiar com seus salários:

Eu deixei Campinas depois de seis anos de metalúrgica, com o meu salário. Meu marido com vinte anos de serviço como metalúrgico ficou desempregado. Ele falou de jogar tudo pela terra, aí estava o meu casamento em jogo, ou a terra ou a minha família, aí tive que vir com ele para a terra.

(Trabalhadora rural assentada no Monte Alto, município de Araraquara, SP.)

A minha casa é este barraco. Em Prudente eu morava com o pai dos meus filhos. Quando ele morreu, a casa ficou com a outra, porque era casada no civil. Eu trabalhava como faxineira, aí decidi vir para o acampamento, porque não podia pagar aluguel. Aí peguei os filhos e caí na roça, com os companheiros.

(Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

Contudo, a inserção da mulher na luta não se limita ao condicionamento do companheiro e ou à família. Se bem que de forma muito mais restrita, as trabalhadoras rurais também tomam parte da ocupação de forma

independente e permanecem na terra com o objetivo de garantir um futuro melhor para o grupo familiar:

Eu era bóia-fria, estava casada e tinha dois filhos, abandonei isso e entrei na luta pela terra. Eu hoje sou a liderança do assentamento [...] a minha militância começou no 1989 e o meu marido não milita. Ele fala vá Maria que eu cuido, ele dá força para mim.

(Trabalhadora rural assentada no Monte Alto, município de Araraquara, SP.)

Antes de chegar no acampamento morava no sítio com meus filhos e meu companheiro. Então saiu uma nova ocupação, daí eu vim acampar com meu filho mais novo e o meu marido ficou no sítio. O meu filho tem 14 anos e está estudando, não trabalha. Já estamos aqui faz três anos, quando tem trabalho, trabalho como diarista [...] Eu sei que a luta é boa, na minha vida foi o único jeito dos meus filhos terem alguma coisa.

(Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.)

A atividade que concentrou a maior parte das mulheres entrevistadas foi o serviço doméstico, distribuída sob relações de trabalho diferenciadas.

No mercado formal desempenharam serviços de empregadas domésticas, propriamente dito, tanto a tempo parcial quanto integral. Mas foram majoritariamente serviços como passadeiras, lavadeiras, marmiteiras e doceiras, realizados no próprio domicílio, junto com os serviços de faxineiras diaristas, babás e cuidado de idosos, o leque de atividades desempenhadas como trabalhadoras urbanas dentro da informalidade associada à “esfera do doméstico”. Algumas das

entrevistadas também tiveram como “bico” esporádico a costura e cabeleireira no interior do domicílio familiar, sendo a sua clientela restrita à vizinhança:

Estudei no colégio agrícola, mas fazia também os meus bicos, trabalhava em danceteria vendendo salgados, como babá, fazia penteados para as vizinhas e arrumava roupas. Com carteira assinada trabalhei antes de entrar no colégio, na firma de sabão e óleo durante dois anos porque meu avô era um dos encarregados. Depois conheci o acampamento de Nova Conquista e deixei a firma para ir lá fazer o meu barraco.

Trabalhadora rural acampada no Padre Josimo, no município de Teodoro Sampaio, SP.

As entrevistadas ocupadas no setor industrial trabalharam no ramo da metalurgia e na indústria alimentícia e de transformação. Dentro do setor de serviços e comércio no desempenho de funções como balconistas, cozinheiras ou faxineiras de estabelecimentos comerciais, raramente contavam com carteira assinada.

Enquanto a ocupação dos trabalhadores ex-assalariados urbanos previa a fase do acampamento, os entrevistados declararam ter desempenhado serviços dentro do Setor da construção civil como pedreiros, serventes de pedreiros e barrageiros. No setor industrial, na metalurgia e montagem automobilística do grande ABC paulista, e na indústria alimentícia. No setor serviços foram majoritários os cargos de balconistas, funcionários de empresas de segurança privada, garçons, borracheiros e autônomos, entre outros. Não obstante, predomina o trabalho de bóia-fria no corte da cana, realizando-se em muitos casos de forma intermitente entre um emprego e outro:

Eu sou do sítio, vivi até os 17 anos com a minha família, mas não deu mais, porque éramos meeiros, arrendatários, e assim resolvi ir para a cidade para tentar a sorte em Prudente. Mas como o estudo não era bastante, trabalhei construção civil, mas não era meu ramo, porque fui criado na roça. Em Prudente trabalhei sempre de bóia-fria, quando não arrumava outro serviço. Na época decidi vir para o movimento, estava desempregado, sem condições de morar na cidade, porque lá tem que ter um serviço, e outra, porque sempre gostei da luta do Movimento.

Trabalhador rural acampado no Padre Josimo, município de Teodoro Sampaio, SP.

Uma outra disparidade que se evidencia quando realizamos um corte de gênero na análise do mundo do trabalho é a diferença de salários. Segundo dados da CUT⁷³, os homens obtêm quase o dobro da renda das mulheres, e estas apenas se apropriam de 25% de toda a riqueza produzida. No meio rural esta situação agrava-se, pois se agravam também as condições de trabalho do proletário rural.

Focando novamente as mulheres trabalhadoras que formam parte do processo de Luta pela Terra, em condição de acampadas e assentadas, observamos que ao vender a sua força de trabalho o fazem em condições desiguais em relação aos seus companheiros. A infravalorização da sua participação nas atividades produtivas implica remuneração inferior para as mesmas atividades. Mostra disto é que as diárias das acampadas que trabalham em assentamentos e fazendas ou das assentadas que trabalham na roça em lotes vizinhos são inferiores à recebida pelo trabalhador que desempenha a mesma atividade durante as mesmas horas de serviço.

⁷³ CNMT/CUT(Comissão Nacional de Mulher Trabalhadora da Central Única de Trabalhadores.) **Política de Gênero: Igualdade de oportunidades um desafio para a CUT.** Disponível em: <www.cut.org.com.br>. Acesso em: 16/08/2002.

Sabemos que a desvalorização do trabalho realizado por mulheres não é uma novidade da viragem do século XXI, nem uma particularidade geográfica. Esta realidade acompanha a mulher há muito tempo, e se expressa de forma diferente nos territórios. Não obstante, três conotações podem ser extrapoladas: em primeiro lugar e mesmo diante do crescimento da mão-de-obra-feminina, o preconceito e discriminação de gênero são fatores que impedem a admissão das mulheres ao emprego; em segundo, a maioria do enorme contingente de trabalhadores no mercado informal, sem garantias nem direitos trabalhistas, é composta por mulheres; e em terceiro, no processo de precarização do trabalho, evidencia-se o aumento da força de trabalho feminino em todos os setores. E nessa situação, como denuncia a CNMT/CUT, não só os salários são rebaixados, como não existe nenhuma garantia legal como licença-maternidade, registro em carteira e condições seguras de trabalho.

Com o objetivo de apreendermos a complexa trama societária do contingente de trabalhadores e trabalhadoras que conforma a atualidade do “movimento” da Luta pela Terra, evidenciarmos através dos depoimentos dos(as) trabalhadores e trabalhadoras, assentados(as) e acampados(as) do Pontal do Paranapanema, como os custos sociais da manutenção da ordem do capital no regime da acumulação flexível também têm gênero. E como os seus mecanismos de reprodução condicionam diretamente as particularidades de gênero na inserção na luta.

A partir do resgate dos relatos de vida prévia a inserção na Luta, constatamos um traço comum da classe trabalhadora que crescentemente se incorpora à mobilização popular no campo, ou seja, a informalidade e precariedade da sua inserção no mundo do trabalho urbano. Essas condições atreladas ao desemprego, o qual revelou-se destacadamente masculino em contraposição à

informalidade urbana prioritariamente “feminina”, evidenciam, de acordo com Thomaz Jr (2001), como às desigualdades sociais do campo, fruto da concentração fundiária e da modernização seletiva da agricultura, soma-se um crescente segmento social da classe-que-vive-do-trabalho, e que na cidade sofre as redefinições tecnológicas e gerenciais da atividade produtiva.

Dentro desta realidade, o autor destaca como principais segmentos de trabalhadores à frente do processo de Luta pela Terra, considerando a pluralidade dos movimentos sociais envolvidos⁷⁴, os posseiros (usufruidores de terras), os atingidos por barragens, os pescadores artesanais, os índios, os arrendatários, os parceiros, os meeiros, os seringueiros, os ribeirinhos, os pequenos agricultores, os assalariados rurais temporários (bóias-frias, diaristas), os desempregados urbanos (THOMAZ, JR. 2001, 2001a).

Mas, os relatos no cenário do conflito social da Luta pela Terra no Pontal do Paranapanema, constata a presença maciça de ex-trabalhadores urbanos nos acampamentos que o MST organiza na região. Isso nos leva a reconstruir uma história de vida em comum, a de uma classe, a trabalhadora, despossuída historicamente dos meios de subsistência e livre para a venda da sua força de trabalho na era do fim do emprego, e a de uma das suas formas de resistência, o MST, ante um sistema de metabolismo social que *coisifica* as relações humanas, mercantilizando-as.

⁷⁴ Na atualidade se registram 15 movimentos sociais vinculados à Luta pela Terra em todo o território brasileiro. O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) destaca-se no panorama nacional pela sua articulação espacial, presente em 23 estados da Federação, pelo número de ocupações e famílias assentadas e área envolvida, como também pelo número de assentamentos sob a sua coordenação. No Pontal do Paranapanema o MST representa uma frente de luta destacada, e tem sob a sua coordenação mais da metade dos assentamentos, das famílias e da área total de assentamentos.

Sobre esta questão ver mais em LIMA, E. (2000, 2003); THOMAZ, J. (2001); FERNANDES, B. (2000).

3.4. A resposta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

A Luta pela Terra no Brasil tem pouco mais de 500 anos de história. O conflito capital x trabalho no campo historicamente periodiza a construção da nação e caracteriza a sociabilidade brasileira (OLIVEIRA, A.U, 1999).

Hoje a Luta pela Terra no Brasil é em particular a principal expressão da luta da classe trabalhadora, que no campo contesta a imposição da lógica do capital na política e na produção.

Nesse amplo leque de barricadas erguidas pela sociedade brasileira, destaca-se o MST.

Na região do Pontal de Paranapanema, no extremo oeste do Estado de São Paulo, a territorialização do processo de luta protagonizado por trabalhadoras e trabalhadores rurais do MST iniciou-se no começo da década passada. Hoje, a paisagem da região nos “fala” que existe sim uma alternativa. A presença de acampamentos e assentamentos no “mar” de latifúndios e terras improdutivas, algo próximo a 1,1 milhão de ha⁷⁵, e a representação visual de uma luta que também age contra o pensamento ultraliberal do *status quo*. É assim que acontece: “a luta de classes, hoje mais do que nunca, pode se ler no espaço” (LEFEBVRE, 1999).

O processo de ocupação do Pontal foi marcado por um intenso processo de grilagem de terras⁷⁶ (falsificação de documentos), o que resultou no

⁷⁵ Dados disponíveis em: www.incra.org.br. Acesso em: 25/04/2004.

⁷⁶ A ocupação do Pontal do Paranapanema aconteceu pela grilagem de terras e pela destruição de duas grandes reservas florestais: a Lagoa de São Paulo e Grande Reserva do Pontal. O poder, político, econômico e social concentrou-se nas mãos de grandes coronéis, “os grileiros do Pontal”, os quais se apropriaram da terra e se fortaleceram através da exploração da classe trabalhadora rural. Esta, em troca de permanecer na terra como condição de sobrevivência, derrubava a mata primária até que as fazendas estavam prontas para o pasto. Uma vez aí, as famílias posseiras eram expulsas e até eliminadas. O processo que enriqueceu aos senhores da terra e

acúmulo de tensões e conflitos sociais que culminaram nos últimos tempos em uma concentração significativa de ocupações e assentamentos, principalmente organizados pelo MST. Foi em 14 de julho de 1990, momento da primeira ocupação, que este movimento social passou a assumir um papel fundamental no processo de Luta pela Terra no Pontal.

Como forma de organização sócio-espacial o MST produz espaço e domina território, nos processos de espacialização e territorialização respectivos⁷⁷. Essa dinâmica leva a alguns autores, (FERNANDES, 2000 e MARTIN, 1998), a entender o movimento social dos Sem Terra como um “movimento socioespacial” onde se envolvem as diferentes dimensões do espaço geográfico: social, político, econômico etc. Contudo, para Fernandes (2000), o MST é um movimento sócioterritorial, o que significa que possui o território como trunfo: a conquista da terra de trabalho sintetizada no seu lema “ocupar , resistir e produzir”.

Segundo Lefèbvre (1999):

hoje em dia uma transformação da sociedade supõe a posse e a gestão coletiva do espaço, com intervenção dos interessados, com os seus múltiplos interesses, diversos e mesmo contraditórios. Portanto, a confrontação e o seu triunfo e o domínio mesmo do espaço (p.53).

O MST é, na atualidade, o maior movimento social popular organizado do Brasil e possivelmente da América Latina, que não só concretiza o desafio às estruturas institucionais, senão também aos modos de vida e de pensar, às

levou à miséria aos trabalhadores sem-terras é descrito por FERRARI (1998), cuja obra é uma referência no desentranhamento do grilo no Pontal do Paranapanema.

⁷⁷ Para uma ampla discussão sobre movimento social como categoria geográfica, ver FERNANDES, 2000. MARTIN, 1997.

normas e códigos morais e à ruptura com a ordem e o consenso social e o controle territorial vigente.

Ele atua sobre um problema estrutural na sociedade brasileira, advindo de necessidade de direitos sociais básicos, como o direito à comida, à moradia, ao trabalho etc.

Atua como ator político e a sua demanda básica, a terra, diz respeito a um dos pilares da sociedade capitalista: a produção social do espaço e a sua apropriação privada. O Movimento questiona esta apropriação e distribuição da propriedade da terra ao propor uma nova forma de acesso a ela: a ocupação.

Nos seus princípios fundantes se recolhem os três grandes objetivos da luta: a terra, a reforma agrária e uma sociedade mais justa. Portanto, a primeira motivação do movimento é conseguir resolver o problema econômico, o problema da sobrevivência de milhares de famílias de trabalhadores no meio rural, sem perspectivas de trabalho (STÉDILE; SERGIO, 1997).

O segundo objetivo, a Reforma Agrária, refere-se ao conjunto de medidas que têm que ser tomadas pelo governo federal para mudar a estrutura fundiária do país e garantir terra a todos aqueles trabalhadores que nela querem trabalhar. Na amplitude deste objetivo, o movimento faz uma chamada à classe trabalhadora como um todo, dado que, como colocam Stédile e Frei Sérgio (1997), “não interessa somente aos Sem-Terra, senão também a todos os trabalhadores rurais e urbanos” (p. 22).

No seu projeto político identificam-se elementos ideológicos tanto de uma proposta socialista quanto de uma proposta capitalista, de inserção na economia de mercado de forma diferenciada. Como coloca Gohn (1998), o MST não tem o radicalismo de esquerda presente em outros movimentos latino-americanos, como o Sendero Luminoso ou o Tupac-Amaru no Peru, e nem a

identidade dada pelos vínculos étnico-culturais dos zapatistas de Chiapas no México. O MST “se define e cria a sua identidade por uma ausência: ser sem-terra” (1998, p.210). E esta identidade Sem-Terra realiza-se na construção da identidade dos acampamentos e assentamentos rurais, do seu lugar no mundo, sua construção cultural, sendo que, como Santos (2002) afirma: “a construção cultural da humanidade é, entre outras coisas, a construção da sua Geografia” (p. 23).

A base de atuação do MST é tanto o meio rural, junto a trabalhadores e trabalhadoras de origens diversas, como pudemos constatar anteriormente, quanto urbana. A atuação no campo ocorre na organização das ocupações e acampamentos e na assistência aos assentamentos, de origem na sua luta.

No espaço urbano, situa-se a sua base organizativa, sendo que as suas estruturas de coordenação, como as sedes e secretarias junto com a produção de publicações, localizam-se em grandes cidades, destacando São Paulo entre elas.

No campo, os acampamentos representam espaços e momentos de luta que podem durar anos, sendo que o resultado das suas ações é capaz de concluir, como não, na legitimação de um assentamento, onde morar e produzir, junto com a posse da terra e o suporte ou subsídio financeiro governamental.

Os acampamentos e assentamentos de Sem-Terra que seguem as diretrizes do MST estão localizados predominantemente nas regiões NE e S do Brasil. No estado de São Paulo destaca-se o Pontal do Paranapanema, região SE, pelo montante de assentamentos e acampamentos e intensidade do conflito social.

Após a fase de implantação do assentamento, o Movimento continua o seu apoio por meio de assistência técnica, através ou não das cooperativas⁷⁸, organização política dos assentamentos e formação na área de

⁷⁸ Sobre a criação e organização do sistema de cooperativas do MST, ver o trabalho de Ribas (2002)

educação (alfabetização de crianças, capacitação de professores e formação técnica e política de jovens e adultos). Trata-se porém, de uma educação diferenciada, voltada para homens e mulheres no campo, com marcada ênfase na construção da identidade da classe trabalhadora.

Segundo Gohn (1998), o MST aproveitou satisfatoriamente a estrutura dos trabalhos e da formação técnica que organizou no decorrer da década de 1990. Esse acúmulo de experiência no desenvolvimento dos cursos e a lacuna histórica na oferta de capacitação técnica para o trabalhador e a trabalhadora rural criaram, para a autora, a “estrutura de oportunidades políticas”, que viabilizou o grande crescimento do Movimento na década de 1990. Assim sendo, parte de tal crescimento explicar-se-ia pelo cenário daquela conjuntura, sendo outro motor de dinamização a própria capacidade organizativa do movimento.

Naquele momento havia, como ainda há, uma grande demanda reprimida pelo acesso à terra em todo o país. O governo federal não tinha, num primeiro momento, uma proposta condizente, o que o fez responder às demandas e pressões do movimento. Hoje, ainda o MST rejeita criticamente a atual reformulação governamental de descentralização da Reforma Agrária⁷⁹, assim como o esvaziamento político da questão fundiária.

A sua proposta assenta-se em quatro pilares: a democratização do acesso à terra, combatendo a elevada concentração existente; o desenvolvimento e ampliação da agroindústria local priorizando as pequenas comunidades de produtores; a educação em todos os níveis, não só na alfabetização senão também o conhecimento tecnológico (local) e a formação técnica dos jovens; e a mudança do modelo tecnológico agrícola existente no Brasil, baseado em oligopólios e nas

⁷⁹ Para a análise pormenorizada da substituição do paradigma da Reforma Agrária pelo Desenvolvimento Local nas políticas de desenvolvimento do meio rural do governo FHC (Fernando Henrique Cardoso), ver o trabalho de Gómez (2002).

multinacionais, para um modelo que considere além do problema social da fome e do desemprego, as especificidades da natureza e dos ecossistemas. Um modelo não predatório que tenha compromisso com as gerações futuras (STÉDILE, 1997).

Em relação à estrutura organizacional, o MST conta com uma coordenação nacional composta por militantes representantes dos Estados. São dirigentes estaduais e representantes dos distintos Setores de atuação da organização. O número de membros representativos de cada Estado determina-se em função do trabalho a ser desenvolvido pelo Movimento, assim como as necessidades impostas, nesta escala (Figura 1).

Na Direção Nacional cada Estado possui um representante. Na atualidade se compõe de 26 membros, sendo o Acre, o Amazonas, Roraima e Amapá os únicos estados sem representatividade.

Ambas instâncias, Coordenação e Direção, têm abrangência nacional e são eleitas no Encontro Nacional. Nele participam os delegados escolhidos em cada um dos Estados, dentre os representantes dos assentamentos e acampamentos. O Encontro, de seriação bianual é, além de um espaço de caráter eletivo, o momento de avaliação dos processos e diretrizes de organização de regime interno e da revisão, avaliação e análise da conjuntura atual pelos militantes.

Na mesma escala realiza-se o Congresso Nacional, instância máxima do MST. O congresso tem caráter deliberativo e reúne-se a cada cinco anos. O primeiro Congresso Nacional teve lugar em 1985, em Curitiba, sendo que a sede do segundo, do terceiro e quarto foi Brasília (Distrito Federal) em 1990, 1995 e 2000 respectivamente. Neles participam os delegados escolhidos de cada Estado, militantes e convidados de outras frentes de luta. A discussão central focaliza as linhas gerais de regimento e estrutura orgânica, destacando-se como o espaço de confraternização entre os Sem-Terra.

Os Encontros estaduais ocorrem anualmente e são eletivos a cada dois anos. Neles elegem-se a Coordenação e Direção estadual. Através destes encontros objetiva-se estabelecer as prioridades e metas para atuação no decorrer do ano. Essencialmente as diretrizes são adotadas de acordo com as necessidades específicas.

Na escala regional o Movimento organiza-se também através de uma Direção e Coordenação. A Direção regional tem caráter executivo e dela participam o representante municipal e os membros da Direção estadual.

Nos Encontros regionais, realizados cada ano e com caráter eletivo a cada dois, nomeia-se a Direção regional e elege-se a Coordenação regional de base municipal. Esses encontros supõem momentos de reflexão e análise, assim como a formulação de propostas a serem encaminhadas no Encontro estadual. As reuniões regionais têm lugar com maior frequência que as estaduais e nelas se discutem as ações, atividades, encaminhamentos e propostas específicas em cada comarca.

O caráter da Coordenação regional é o de um espaço mais para debate dos representantes municipais e da Direção estadual. Representa o momento para estudo, a formação e a confraternização dos militantes.

Tanto nos Encontros regionais e estaduais, quanto na Direção e Coordenação estadual é discutida a reestruturação dos Setores (**Figura 18**) que configuram a organização do MST, portas de entrada dos trabalhadores e trabalhadoras no Movimento.



Figura 17 - Estrutura organizacional do MST.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro de 2004.

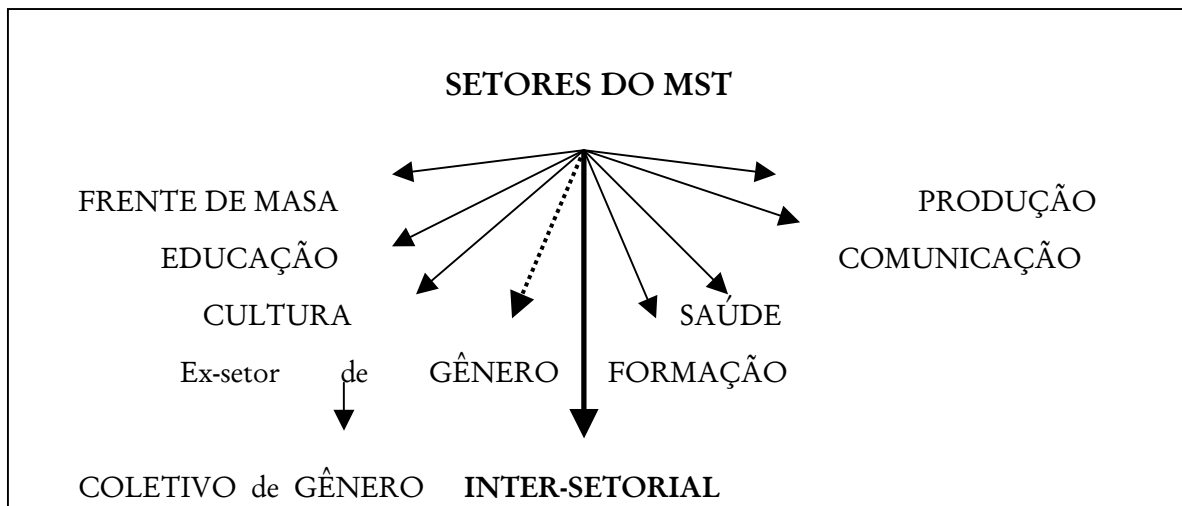


Figura 18 - Estrutura por Setores do MST.

Fonte: Trabalho de campo, fevereiro 2004.

Os Setores são espaços específicos de vínculo para os militantes que atuam nas direções e coordenações do Movimento nas suas diferentes escalas territoriais. Os principais Setores são: o Frente de Massa, que planeja as ocupações e

dirige os acampamentos; o Setor de Produção, que atua na organização da produção nos assentamentos, por meio do incentivo e acompanhamento técnico nos lotes e o associacionismo dos trabalhadores Sem-Terra; Setor de Educação, que trabalha desde o acampamento ao assentamento organizando escolas; Setor de Comunicação, encarregado da divulgação na imprensa e a articulação de rádios comunitárias nos assentamentos; Setor de Cultura, com objetivo prioritário no resgate da cultura camponesa e o fomento de atividades culturais e esportivas no meio rural; Setor Saúde, que acompanha as carências básicas no âmbito da saúde nos acampamentos e assentamentos; Os Coletivos de Gênero, que configuram o que inicialmente foi o Setor de Gênero, são responsáveis pela sensibilização e conscientização da questão de gênero e a mobilização política das mulheres nos acampamentos e assentamentos e o Setor Formação, que tem como função o aprofundamento político e ideológico das bases acampadas e assentadas.

Existe ainda o denominado Inter-Setorial. Esse grupo discute, analisa e faz diagnóstico dos Setores, definindo as linhas de ação de cada um. Caracterizado como mais orgânico, de estudo e elaboração de propostas, é também mais refinado e restrito, composto por poucas pessoas, como militantes do MST e outras frentes de luta, contando ainda com a participação de intelectuais.

O movimento surgiu da articulação de idéias da esquerda marxista com pressupostos cristãos da Teologia da Libertação. Do ponto de vista político-ideológico encontra-se um dos principais desafios a ser enfrentado pelo MST. Na década de 1990 levou-se a cabo uma revisão nos seus fundamentos ideológicos redefinindo o socialismo em termos de justiça social. Isso implicou na reivindicação não de um novo modo de produção, mas de um modo de produção capitalista diferenciado, onde a propriedade privada, o mercado, as relações de trabalho são revistos.

O trabalho dos fatores da subjetividade das pessoas colocou-se finalmente como uma necessidade para o movimento, abrindo novos pontos para o debate em sua agenda. A questão de gênero tornou-se assim uma das discussões presente nas reuniões.

3.5. A discussão de gênero na pauta de lutas do MST

A sensibilização do MST perante a opressão de gênero responde a um objetivo concreto, elevar o nível de participação das mulheres na luta pela reforma agrária e na sociedade que visa construir.

Para o MST, o engajamento político e econômico da mulher são sustentáculos do processo orgânico e massivo do Movimento, visando à transformação de toda a sociedade. Para a Coordenação Nacional de Gênero do MST, a necessidade de trabalhar na construção de novas relações sociais nos acampamentos e assentamentos rurais é manifesta, dado que, como coloca a coordenação do Coletivo de Gênero: “não temos dúvida que de nada adianta mudar as condições de vida, se não mudam as relações da sociedade” (MST, 1998).

Assim sendo, no projeto de luta pela Reforma Agrária e a superação da injustiça social o MST assume como responsabilidade a participação das mulheres nas lutas e na organização. Nas suas normas básicas, capítulo VIII, pontos 51-54 (MST, 1998), estabelece-se: “O Movimento dos Sem Terra deve estimular a participação das mulheres em todos os níveis de atuação nas instâncias de poder e representatividade” (1998, p. 50).

Para a consecução desta proposta o Coletivo de Gênero prioriza linhas de atuação fundamentais visando aos objetivos específicos da participação da mulher, entre os quais destacam: fortalecer o MST nas suas diversas instâncias e

Setores; buscar a massificação da luta pela terra no decurso de todo o seu processo “antes, durante e depois”; fortalecer as forças produtivas dentro do assentamento; reconhecer a mulher no meio rural e na história da classe trabalhadora; construir novas relações homem-mulher baseadas no companheirismo e na solidariedade; identificar as razões, econômicas, sociais, políticas e culturais que impedem a participação integral das mulheres na sociedade.

A Direção Nacional pauta as diretrizes metodológicas para a implementação de trabalhos de sensibilização e conscientização de gênero e escala estadual. Cabe às Direções Estaduais realizar, como ponto de partida, o estudo sobre a situação específica da mulher no campo, “assim como dominar a origem da exploração nas diversas sociedades humanas” (MST, 1998, p. 51).

Um segundo passo é a procura de mecanismos de participação e integração nas diversas instâncias e a projeção de quadros, visando criar condições que permitam liberar a condição de submissão das acampadas e assentadas. Também, é desde a Direção Estadual que se estimula a reprodução de discussões nas diversas instâncias do Movimento, nas regiões e na base.

Além do mais, existe um projeto específico que trata de conciliar o trabalho do Setor de Educação e Setor de Formação por meio da conscientização de gênero. As equipes que trabalham nesta proposta levam as discussões elaboradas pelas e pelos representantes do Coletivo de Gênero nos acampamentos e assentamentos, e possibilitam a realização de estudos para o aprofundamento da discussão. Nestas reuniões prioriza-se que o método surja das necessidades concretas das mulheres. O objeto central é entender a importância da sua participação na luta e na construção de um espaço de discussão base da criação da consciência de gênero e classe.

A Direção Nacional também estabelece as pautas de atuação a respeito da sensibilização de gênero em nível de base e dos Setores. Assim, nos acampamentos é o Setor de Frente de Massa que impulsiona a participação das mulheres nas reuniões da base para que na preparação das ocupações participe toda a família. Também se realizam outras reuniões de caráter específico e se criam dinâmicas para potencializar a participação coletiva no acampamento.

No assentamento, o Coletivo de Gênero trabalha para que a participação das mulheres nas assembléias quanto no conjunto do assentamento seja efetiva. Os objetivos principais são implementar a discussão da opressão de gênero em todos os grupos de produção, desenvolver atividades e espaços donde a integração e comunicação específica das mulheres assentadas seja viável.

A transversalidade da questão de gênero faz com que esta discussão seja presente na pauta de atuação do Setor de Formação. Isso responde à consciência que o Movimento tem diante da participação da mulher nas instâncias organizativas, a qual é só possível graças a um continuado processo educativo. Por isso, é responsabilidade do Setor de Educação colocar o tema em debate através de seminários, discutir junto aos professores uma metodologia diferenciada para as crianças e procurar a integração da comunidade na discussão.

Como mostra o depoimento, a continuação, o esforço do movimento pela incorporação desta discussão na sua agenda responde a construção da consciência política conseqüente com a exploração de classe e a opressão de gênero da sociedade capitalista-patriarcal:

O sistema capitalista excluiu da cidadania –e do direito ao trabalho, que é condição para a humanidade, anterior a cidadania- os milhões de trabalhadores sem terra e excluiu, ao mesmo tempo, as milhões de trabalhadoras sem terra. Esta resposta já é suficiente para dizer

que não precisamos responder a questões sobre qual o papel das mulheres no MST/na cooperação agrícola, na sociedade. É o mesmo papel político desempenhado pelos companheiros, porém, do jeito da mulher, ou seja o papel de atriz política, com sua característica de gênero feminino e de classe trabalhadora e que, por assim ser, é muito mais que estratégica para a resistência nas ações, e muito mais que esposa e mãe, somente.

Coordenação Nacional de Mulheres do MST, 1998 (p.48)

Cientes das dimensões dos obstáculos e do poder contra que se enfrenta, o Coletivo de Gênero do Movimento tem como principal meta a consecução de um necessário processo de transformação de concepções e atitudes cujos resultados só serão mensurados ao longo prazo, especialmente no âmbito doméstico, como sinônimo de privado. Mas para sair do discurso e vivenciar as mudanças no dia a dia, o Coletivo trabalha visando a seis objetivos básicos:

- a) Garantir cirandas infantis⁸⁰ nos cursos, eventos e reuniões das instâncias nacionais, estaduais, regionais e locais; cirandas permanentes nos acampamentos e assentamentos para que os filhos não sejam impedimento da participação de mulheres e mães em atividades de formação e no trabalho cotidiano.
- b) Ter 50% de homens e mulheres em todas as atividades de formação e capacitação.
- c) Assegurar que a terra e os créditos conquistados pelo MST saiam no nome do casal.

⁸⁰ Creches itinerantes.

- d) Assegurar que os projetos de investimento, as definições das linhas de produção, enfim, as decisões econômicas sejam tomadas somente com a participação da família.
- e) Garantir um coordenador e uma coordenadora nos núcleos de base.
- f) Realizar formação intensiva sobre o tema gênero em todos os Setores e instâncias.

Nos acampamentos e assentamentos localizados da região do Pontal do Paranapanema os representantes do Coletivo de Gênero do MST trabalham na conscientização das suas bases visando ao incremento da participação da mulher na ação e na voz política. Todavia, nestes lugares, a construção de uma nova sociedade passa por a construção de novas relações sociais que impliquem a transformação, para a superação, da opressão inerente à ideologia de gênero hegemônica na sociedade ocidental de base patriarcal.

Além das estruturas de gênero que edificam e se edificam nos lugares da Luta, e que analisamos no primeiro capítulo, é importante desvendar quais são os limites que cada escala geográfica apresenta para a superação do sistema de gênero no que se inscrevem os novos sujeitos forjados na Luta pela Terra. Apresentamos este exercício no próximo capítulo, enquanto uma possibilidade de representação geográfica através da linguagem política da escala, da mobilização das mulheres trabalhadoras rurais do Pontal do Paranapanema.

Capítulo IV

Gênero no jogo escalar da Luta pela Terra.

Como é que faz para lavar a roupa?

Vai à fonte, vai à fonte.

Como é que faz para raiar o dia?

No horizonte, no horizonte.

Esse lugar é uma maravilha, mas como é que se faz para sair da ilha?

Pela ponte, pela ponte.

A ponte não é de concreto, não é ferro, não é cimento. A ponte é até onde vá o meu pensamento.

A ponte não é para ir nem para voltar. A ponte é somente para pensar, caminhar sobre as águas desse momento.

A ponte não tem saído de lugar. A ponte para onde quiser. A ponte é o abraço do mar com a maré.

Lenine.

4.1. Trabalhadoras rurais sem terra: acampadas, assentadas, militantes.

As trabalhadoras rurais sem terra do Pontal do Paranapanema se articularam dentro do MST criando, como destacamos, uma estrutura organizativa específica: o Coletivo de Gênero. Um espaço de poder que as identifica coletivamente no seio de um movimento social liderado por homens. Uma leitura feminista deste fenômeno nos levaria a discutir o caráter discriminatório desta segregação dentro do movimento e os seus porquês, algo que está fora dos nossos objetivos. Não obstante, às sucessivas mudanças de nomenclatura, do Coletivo de Mulheres para o Coletivo de Gênero, deste ao Setor de Gênero para voltar a ser um Coletivo novamente, parecem indicar a vontade de superação desta segregação e a complexidade que isto representa na prática diária destas militantes, muito mais que uma simples mudança de nome.

Além desta forma de participação diferenciada em movimentos sociais, as trabalhadoras rurais no Brasil incrementaram a sua visibilidade coletiva através do sindicalismo oficial. O departamento rural da CUT e a COTANG foram as primeiras organizações em mobilizar as mulheres sob as bandeiras de reconhecimento de direitos trabalhistas e previdenciários e demanda de acesso a serviços de saúde, desde meados dos anos 1980.

Foi no ambiente de socialização política aberto pelo MST e os sindicatos pró-CUT, onde se forjou no Rio Grande do Sul o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) o movimento autônomo de mulheres mais forte e numeroso do Brasil e de maior crescimento dentro do amplo leque de movimentos sociais nos últimos tempos. Este movimento passou a definir-se como Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil (MMC-Brasil) em março de 2004,

ligando-se à Via Campesina. A autonomia deste movimento supôs, na história da mobilização social brasileira, a materialização de passos que antes as organizações de mulheres não puderam realizar.

Mas, no início dos anos 1990 o MMC percebeu que a luta por direitos trabalhistas, aposentadoria, previdenciários ou acesso a serviços de saúde, alvo de reivindicações das mulheres rurais, tinha que se unir à discussão sobre a reprodução e as relações homem-mulher. Este fato inaugura uma nova etapa nas organizações de mulheres.

Nos assentamentos e acampamentos do MST no Pontal do Paranapanema, observamos como grupos organizados de mulheres viabilizam a reivindicação formal dos seus direitos, além de incrementarem a percepção crítica sobre a condição de desvalorização na qual se encontra a mulher trabalhadora no campo. Porém, são as trabalhadoras acampadas e as militantes, com funções de coordenação ou representação, quem protagonizam e vivenciam essa outra dimensão da Luta pela Terra.

Os depoimentos das assentadas e assentados que viemos apresentando evidenciam o cativo da terra, da casa, do lote, do espaço, muito marcante na mulher assentada. Além dos condicionantes materiais é significativo o peso dos papéis de gênero e de representações mulher-mãe e mulher-esposa, que fazem destas trabalhadoras prisioneiras destes espaços.

O isolamento e a ausência de mobilidade são percebidos pelas assentadas, que vêm nas companheiras da militância ativa *mulheres que podem ir e vir*. Mas também são cientes do preço que as mulheres têm que pagar por esta “liberdade”: a censura moral e social da comunidade e dos próprios companheiros de luta.

Segundo Pinto (1992), os movimentos sociais de caráter popular são locais de práticas de resistência às desigualdades contidas nas relações de gênero. Não

obstante, a importância da participação de mulheres neles não implica, necessariamente, a sua transformação em feministas, mas faz com que a sua posição na rede de poderes dentro da própria organização do assentamento e do acampamento, seja transformada.

Para Pinto (1992), da inserção da mulher nos movimentos sociais de caráter popular derivam-se três situações. Em primeiro lugar, a mulher que deixa de atuar nos limites do privado provoca novas relações no interior da família e com a vizinhança e amigos. Em segundo lugar, a mulher passa a articular, no interior do movimento, lutas diferenciadas em relação aos seus companheiros homens. Uma terceira situação seria a referente àquelas mulheres organizadas em torno de aspectos tradicionalmente femininos que passam a questionar a própria condição de mulher.

A primeira das situações é generalizada nos territórios da luta. A participação da trabalhadora implica a ruptura com a sua invisibilidade pública. A ruptura que isto supõe é feita sob tensões no seio familiar. A decisão de participar, quando se realiza de forma autônoma, é usualmente acompanhada da resistência de pais, mães, familiares, mas principalmente, dos companheiros. Esta resistência é muito maior no assentamento, onde as funções sociais de gênero sob a ideologia hegemônica são mais nítidas.

Também pudemos constatar que a carência de poder da mulher na tomada de decisão dentro do casal é o limite para a sua participação efetiva na vida pública, associativa e comunitária sendo, para a grande maioria das entrevistadas, uma proibição explícita dos companheiros.

A quebra do cotidiano familiar, tanto para as mulheres trabalhadoras militantes coordenadoras ou membros de determinados setores dentro do movimento, quanto para as assentadas que se organizam em comissões, é um fato.

O desenvolvimento da dimensão pública da sua vida pressupõe além de novos saberes, novas informações que redefinam as relações de poder em nível

privado. O embrião dessas mudanças é a nova divisão de tarefas que se realiza no lote. Todavia, longe da equidade de gênero na participação no trabalho reprodutivo, uma das respostas da inserção das assentadas e acampadas nas organizações de mulheres que observamos é que elas constituem os canais para repensar a sua condição no seio familiar valorizando o seu papel social.

Também, durante o nosso convívio em assentamentos do Movimento, pudemos verificar que a maior parte dos militantes que compõem ou representam o Coletivo de Gênero, nos respectivos assentamentos, continuam sendo mulheres, quando não são as únicas. Contudo, é importante destacar que este foi e é um espaço de visibilidade conquistado exatamente por essas mulheres. A sua trajetória de militância política as destaca, pois são as que decidem fazer-se ouvir nas assembléias dos assentamentos, tanto as organizadas pelo movimento quanto as reuniões por grupos que técnicos do ITESP realizam periodicamente nos assentamentos. O fato de a mulher assentada transgredir a invisibilidade a partir destas incipientes incursões na esfera pública representa um logro no caminho da emancipação da sua condição subordinada de gênero.

Acreditamos que este processo de ruptura é o que concretiza o novo caminho na construção de relações sociais de gênero nos lugares da Luta pela Terra e, aliás, a possibilidade de um salto escalar quantitativo em função dos fortes limites econômicos, culturais, morais e físicos que nos que as trabalhadoras sem terra estão inseridas.

Se focarmos agora nossa atenção para o espaço e sua organização, podemos constatar como o mesmo sistema de gênero que diferencia social e culturalmente homens e mulheres, desenha também um tipo de relações espaciais. Referimos-nos aos lugares da diferencia construídos pela ideologia de gênero presente nos assentamentos e acampamentos rurais do MST.

4.2. Os lugares da diferença na Luta pela Terra

A estrutura *generificada* do assentamento não é somente nítida a partir da divisão sexual – territorial do trabalho dos assentados e assentadas, como analisamos no capítulo 1, nem somente pela inserção diferenciada na Luta pela Terra das trabalhadoras e trabalhadores. Uma geografia de marcado caráter de gênero se desvenda quando nos aproximamos das práticas espaciais que assentados e assentadas vivenciam no seu cotidiano. Encontramos-nos com “outros” lugares da diferença não respeito do latifúndio, como caracterizávamos aos assentamentos e acampamentos no início da nossa análise, enquanto espaços insubmissos no desenho territorial da região. Referimos-nos à diferença a respeito da construção e reprodução de uma sociabilidade espacial *generificada*.

Na **Figura 19** podemos observar como no assentamento Madre Cristina, além das divisões entre os lotes, existe a divisão entre os locais de sociabilidade marcadamente masculina e feminina.

Assim, além da sua vida no lote e na roça, as assentadas do Madre Cristina se apropriaram de lugares para uso coletivo e comunitário com diferentes estratégias. Estes são os denominados locais de sociabilidade feminina, onde se destacam em primeiro lugar as igrejas localizadas nas proximidades das sedes do assentamento. Se bem que as celebrações religiosas e as quermesses são momentos de reunião comunitária e convívio familiar, o local da igreja é para muitas mulheres um ponto de encontro, de comunicação, de relacionamento. Por isso que seus cuidados e manutenção são sempre atividades delas.

Também, nas sedes se conservam dois salões habilitados das construções da antiga Fazenda Santa Célia. Neles as mulheres realizam cursos de bordado, artesanato, crochê, cozinha, confecção e medicina natural a base de plantas.

Os cursos são organizados pelo ITESP e se realizam uma vez por semana. Se dirigem às mulheres assentadas de todas as idades e constituem verdadeiros momentos de vida comunitária, muito valorizados por estas trabalhadoras com limitadas oportunidades para ausentar-se do assentamento e do lote, e muito menos para realizar um tipo de atividade similar.

Nas palavras de uma das participantes:

Agora são minhas ocupações, porque além das coisas que tem que fazer no lote, agora tem mais coisas a fazer fora de ali,...., e bom, você procura mais coisas para fazer.

(Trabalhadora rural assentada em Madre Cristina e membro do Coletivo de Gênero do MST, município de Teodoro Sampaio)

No salão comunitário se realizam as assembléias gerais do assentamento e as reuniões dos grupos com os técnicos do ITESP.

Outros lugares de marcado corte de gênero são os viveiros de mudas para reflorestamento, construídos nas áreas de reserva e também em lotes de assentadas. Esta atividade reúne a um grande número de assentadas, especialmente o desenvolvido na área de reserva florestal.

Os lugares que se destacam como locais de convívio masculino são, no Madre Cristina, o campo de futebol suíço e arena. Ainda que nas grandes comemorações a apropriação destes espaços é de caráter familiar e comunitário, quem atua diretamente neles é o assentado. Também, os botecos, espalhados por todo o assentamento são fundamentalmente para os trabalhadores, sendo que as mulheres os freqüentam com pouca assiduidade e geralmente para alguma compra. As assentadas não se reúnem nem percebem estes lugares como pontos de encontro comunitário. Os botecos são para os homens.

Como também foi colocado no capítulo 1, o ordenamento espacial nos acampamentos é outro. Isto faz com que os lugares da diferença sejam também outros. Neles a diferença faz menção à sociabilidade compartilhada em forma comunitária. Ou seja, a quebra de barreiras dos denominados “lugares de mulheres” ou “lugares de homens” para serem os lugares dos que resistem, militam e lutam. A farmácia, o barraco de coordenação, o posto de credenciamento, as cozinhas “caipiras” ou o cantinho da mística. Todos eles constituem o ir e vir dentro do acampamento de todos os seus membros, possibilitando uma outra diferença. Mas, sobretudo, destacam os espaços abertos como os lugares da diferença. No acampamento Betinho, no município de Teodoro Sampaio, a disposição dos barracos foi planejada para deixar três amplas vias abertas, onde as crianças brincam sob a vigilância dos adultos e onde a comunicação dos acampados fosse maior. Também, a disposição em ruas definiu nas suas interseções os lugares onde celebrar as místicas, as noites culturais e assembléias, manifestações destacadas no cotidiano dos acampamentos.

Existem, ademais dos lugares da diferença em acampamentos e assentamentos, os criados pela mobilização e resistência dos trabalhadores fora destes

limites. No Pontal o Coletivo de Gênero se destaca pela sua história e agenda de lutas e ocupações de espaços públicos, acampamentos urbanos, mobilizações de mulheres, eventos e encontros. Estas mobilizações têm contribuído na construção de outros lugares desde onde falar e resistir e onde mostrar e enfrentar diferentes opressões.

Por isso, entendemos que o Coletivo de Gênero por meio da articulação das trabalhadoras constrói espaços de autodeterminação em função das demandas específicas da sua condição de gênero, politizando as militantes e possibilitando o salto escalar que a esta estratégia permite.

Isto fica claro nas palavras de uma das lideranças do Movimento no Pontal do Paranapanema, quando coloca:

[...] que estamos procurando as mulheres do MST?.....liberdade. A historia vá surdindo, já fixemos ocupação do Fórum de Pirapozinho⁸¹, ocupação de terra, ocupação de prédio público, ocupação do lado do Fórum, já xingamos ao juiz, ..., quem sabe no 2005, isso não vá a acontecer, serão outras coisas, estas já passam a ser normais,....., vá muito do que o que vá acontecendo, tem coisas que o movimento não fazia e faz hoje. A primeira ocupação histórica do fórum foi em Pirapozinho, que ninguém tinha feito, com medo, hoje estamos aqui, quase 10 dias, humilhando a um juiz porque na sua figura, para quem conhece a estruturação burguesa, isso para eles é inaceitável, e para nós não é. O que para eles é impossível para nós é possível, então é assim prever é impossível. Agora bem, o que a gente vá adquirir aqui é experiência, a cada luta que a gente faz é um capítulo a mais para ir adquirindo a chamada “resistência” da luta, porque, puxa vida! Seria um pecado muito grande diante do que está acontecendo, diante do Movimento, se nos ficássemos de braços cruzados. O exemplo eu acho que tem que estar em tudo, assim o acampamento aqui, é obvio que não é fácil deslocasse aqui ,deixar tudo, deixar a família,porque existe toda uma questão cultural, você sabe como que é..... o caminho é esse continuar fortalecendo ás companheiras e companheiras por meio

⁸¹ Em referência à mobilização de mulheres ocorrida o dia 8 de março de 1999 no Fórum da cidade de Pirapozinho contra a perseguição do Delegado de Sandovalina e juiz de Pirapozinho.

da ação. Assim, alguns setores do Movimento eles não estão para a implementação de programas de incremento de renda, para desenvolver projetos nos assentamentos, para fazer artesanato, eles estão para ação, eu acredito que o das mulheres está para ação. A grande pauta colocada no Movimento para as mulheres através do Sector é a ação, a ação de luta política. Faz 10 anos a politização da questão da mulher dentro do Movimento não era prioridade, mas se foi construindo por luta, por luta coletiva, não só das mulheres, senão da militância do Movimento como um todo.

(Trabalhadora rural sem terra assentada do Che Guevara e liderança regional)

Sinteticamente quisemos destacar com esta análise que as peculiaridades estabelecidas em cada lugar da Luta pela Terra na relação gênero-espço, definem seus lugares da diferença. Por isso, ser acampada, assentada e militante determina e define estas identidades com uma base espacial fundamental, a tipologia de lugares enquanto localizações e localidades diferenciadas, e não só isso, senão enquanto espaços vividos que significam as posições relativas que cada um de nós ocupamos no espaço absoluto.

Isso demanda deslocar o nosso pensamento em diferentes escalas geográficas, ou tipos de lugares, onde integrar os modos de apropriação do espaço pelos trabalhadores e trabalhadoras; explorando estas dimensões a partir das práticas das assentadas e assentados e das acampadas e acampados, junto aos significados que ganha o espaço para estes sujeitos, já for chamado de “o sentido do lugar”, “a identidade do lugar”, “o espaço vivido”, “a territorialidade”, “a localidade”, ou mesmo o próprio lugar.

4.3. O corpo, o lote e o barraco: A escala geográfica como mediadora da pertinência

Este exercício parte a escala geográfica nos termos propostos por Smith (1984, 1992, 2000) o qual entende a escala enquanto “resolução geográfica de processos sociais contraditórios de competição e cooperação” (2000, p.142), porém, tomamos as relações de gênero como elemento mediador importante na apreensão e articulação ente escalas, nas que se constroem as diversas experiências de vida, no processo da produção da diferenciação espacial.

Para Smith (2000), a construção do lugar implica na produção da escala, na medida em que os lugares são diferentes uns dos outros. Mas a escala geográfica se apresenta como critério de diferença não entre lugares e sim entre tipos de lugares: o corpo, o mundo, o barraco, a roça, o acampamento, a região.

A capacidade transformadora da escala radica na possibilidade de articulação entre elas, dado que não nos encontramos ante a materialização espacial de forças e processos sociais contestados e sim ante o “progenitor ativo de processos sociais específicos” (2000, p. 143).

Para o autor, a escala contém a atividade social e proporciona a geografia compartimentada, onde a atividade social tem lugar. É dizer, demarca o local da disputa social, tanto o objeto quanto a resolução dessa disputa. Através da escala do barraco, do acampamento, do assentamento, os limites das identidades em torno às quais o controle é exercido e contestado são definidos. A escala geográfica é, neste sentido, o lócus da construção da identidade.

A dialética da identidade e diferença é central na sua definição e é no corpo onde adquire um papel relevante. A escala do corpo se apresenta então como a base da diferença, sexual, de gênero, de raça, de idade, de capacidade, e base putativa

para opressão social e imperialismo cultural, como nos lembrava Young (2000), o lócus da identidade pessoal.

A escala da casa, o espaço de convívio familiar, o lote do assentamento, são lugares fortemente marcados pelo gênero. Eles são os contextos imediatos onde a identificação pessoal ocorre, onde se constroem as bases sociais do gênero.

Se o corpo é a fonte imediata da diferença corpórea apropriada na construção do sexismo, é na escala da comunidade que o sexismo está mais firmemente enraizado. Apesar das suas raízes locais é, sobretudo, uma construção global do mercado e do privilégio cultural, embutido no patriarcalismo.

No assentamento e no acampamento é onde observamos como a divisão territorial do trabalho por gêneros que na sociedade implicou a separação do trabalho da casa, precipita a uma específica geografia rural marcada pelo gênero. Onde os espaços público e privado se correspondem com as esferas de produção e reprodução, identificadas com os papéis de gênero masculinos e femininos respectivamente. A diferencialidade apresenta-se nas posições relativas que trabalhadores e trabalhadoras exercem no espaço comunitário do acampamento. Nele, a gestão coletiva do espaço efetiva-se através da condição dos Sem-Terra enquanto sujeitos de luta e resistência. A possibilidade de auto-percepção enquanto “companheiros” e “companheiras” não é simplesmente construída pela luta política em comum, senão também pela identidade do lugar, a escala geográfica do acampamento onde se resiste e luta. É neste sentido que nos acampamentos, este momento de luta, determinadas barreiras espaciais de gênero possam ser em ocasiões quebradas.

A tarefa da reflexão espacial é neste momento a de criar mediações com outras escalas geográficas, que possam amplificar os porquês do fenômeno da opressão de gênero nestes lugares.

Segundo Lacoste (2001), a operação intelectual, que é a mudança de escala, para o autor “nível de análise”, “transforma, e às vezes de forma radical, a problemática que se pode estabelecer e os raciocínios que se possam formular.” (p.77). A mudança de escala corresponderia a uma mudança do nível da conceituação. Mas a proposta de Smith, não se baseia na mudança de escala, senão na articulação entre elas, como tarefa intelectual fundamental da Geografia. Isso implica superar a noção de Lacoste, segundo a qual o mesmo fenômeno não poderia ser estudado em escalas diferentes, já que por ser apreendido em diferentes níveis de análise espacial são fenômenos *diferentes*. Mas é a especificidade espaço-temporal do fenômeno que é diferencial, uma vez que é baseada nas relações diferenciais existentes no todo e entre os diferentes níveis.

Guimarães (2003) incorpora ao debate sobre a escala a idéia da síntese escalar. Para este autor, a linguagem política da escala não falaria de saltos nem das suas mediações, senão de sua capacidade de síntese, ou seja, a importância política de um acontecimento está relacionada à complexidade da síntese de escalas que este proporciona, potencializando a capacidade de agir de determinados atores.

Também Marston e Brenner em um debate travado na revista *Progress in Human Geography* nos primeiros anos da década de 2000, apontam para o compromisso com o marco construtivista da escala e seu rechaço enquanto categoria ontologicamente dada.

Contudo Marston, Brenner, Guimarães e Smith têm como influencia fundamental a contundente idéia da produção social do espaço de Lefebvre, da que se desdobra a tese da escala geográfica como socialmente produzida.

Ou seja, quando falamos da dimensão social do espaço ou bem que o espaço é produzido socialmente, o que estamos colocando como importante é que a sua representação geométrica nos mapas nem sempre é suficiente para apreender as

relações sociais que o geram. Porém, a localização de um ponto em relação a outro nos ajuda ao mesmo tempo a apreender essas relações sociais, e mais ainda, os atores sociais que as protagonizam. Por isso, em primeiro lugar apontamos como fundamental a localização dos sujeitos, sem os quais os acontecimentos se perdem nas subjetividades do analista. Para concluir com que as marcas de desigualdade observadas em um espaço não são meros reflexos da desigualdade dessa sociedade, senão parte fundamental dessa sociedade. Sociedade e espaço no mundo real, na nossa prática cotidiana, não se separam como não se separam no nosso imaginário nem na nossa forma de representar. (Lefebvre, 1983)

O espaço não é um dado *a priori*, como muitos autores nos têm ensinado a pensar, não é algo sobre o que colocar desigualdades nem donde refletir elas é uma dimensão das mesmas que está sendo produzida socialmente. E é exatamente essa produção social que nos interessa, na sua diferença espacial, o que se tem denominado como escala geográfica. Por isso, a possibilidade de mudar visando superar a desigualdade espacial.

Todavia, para estes autores, a escala não é necessariamente uma estrutura hierárquica predestinada a ordenar o mundo, senão, o resultado contingente das tensões existentes entre as forças estruturais e as práticas humanas.

Mais sucinto, Eric Swyngedouw apud Marston (2000, p.225) coloca que as escalas dos lugares são a personificação das relações sociais de *empoderamento* e *desempoderamento* e o palco através do qual e no que elas operam.

Podemos destacar não obstante três princípios centrais na produção da escala (MARSTON, 2000). Em primeiro lugar a escala não é simplesmente um fato externo a ser descoberto senão uma maneira de enquadrar concepções da realidade. Os resultados desses enquadramentos, as formas particulares nas quais é construída a escala, são tangíveis e têm conseqüências materiais. Ou seja, a produção

da escala não é somente uma prática retórica. E finalmente, os limites das escalas, que podem ter ambas consequências, materiais e retóricas, são frequentemente contraditórios e contestados e não necessariamente constantes.

Diante disto a escala geográfica é um processo político endêmico ao capitalismo, o que implica estar sempre potencialmente aberta a novas transformações.

A dialética da equalização – diferenciação que foi utilizada por Smith nos primeiros trabalhos sobre a produção da escala na década de 1980. Vinte anos depois da teorização da escala em *Desenvolvimento Geográfico Desigual* (1984), incorpora outras escalas, aquelas que se definem pelas forças de cooperação e competição com as quais abrimos a discussão e incrementa ao debate como as relações sociais se implicam na produção do espaço. Nos seus últimos trabalhos o novo é a incorporação da subjetividade dentro da teoria da produção da escala.

Assim sendo, a escala geográfica não é fixa na medida em que não o são as relações sociais que as definem. Aliás, elas são extremamente mutantes. Isso significa que a sua geografia está mudando.

Queremos destacar que, em muitos casos estas relações estendem-se cada vez mais pelo espaço. As relações econômicas, políticas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estruturas internas de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em todos os diferentes níveis, da família à área local e até a internacional. Esta é a perspectiva que nos permite imaginar uma interpretação *completa e alternativa* de lugar (MASSEY, 1994) e assim nos propomos recuperar a ideia do Pontal do Paranapanema, sua trama social e dinâmica territorial da que partimos.

4.4. Apontamentos para um jogo escalar no Pontal do Paranapanema

O que significa “essa” leitura do lugar?

Em primeira instância implica que o conflito social que define o passado do Pontal do Paranapanema, seu desenvolvimento presente, e o que pode ser ou chegar a ser no futuro, não só se resolve por uma longa história internalizada de grilos e ocupações. O Pontal também se define na sua relação, ou em relação com outros lugares. Isto significa que a sua especificidade, a sua singularidade enquanto lugar é continuamente redefinida, nos termos de Massey (2000), por várias fontes⁸²:

Há varias fontes de essa especificidade-singularidade do lugar. Há o fato de que as relações sociais mais amplas, nas quais o lugar se encaixa, são também geograficamente diferenciadas. A globalização (na economia, na cultura ou em qualquer outra coisa) não acarreta simplesmente a homogeneização. Ao contrario a globalização das relações sociais é uma outra fonte (da reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar. Há uma especificidade do lugar que deriva do fato de que cada lugar é dentro de uma *mistura* distinta de relações sociais mais amplas com as mais locais. Há o fato de que essa mesma mistura em um lugar pode produzir efeitos que poderiam não ocorrer de uma outra maneira. Finalmente, todas essas relações interagem com a história acumulada de um lugar e ganham um elemento a mais na especificidade de essa história, além de interagir com essa própria historia imaginada com o produto de camadas superpostas de diferentes conjuntos de ligações tanto locais quanto com o mundo mais amplo. (p. 185)

Isto significa atender para as duas tendências contraditórias que determinam a produção capitalista do espaço. A tendência crescente da diferenciação

⁸² Esta concepção implica, por uma parte, ser conseqüente com a perspectiva relacional da teoria marxista, que entende a sociedade como um todo coerente e não um aglomerado de fragmentos, e por outra, fiéis à abordagem holística rejeitar a concepção burguesa tradicional de espaço como algo efetivamente separado da sociedade. Em síntese, este método é um modo de pesquisa aberto e dialético, em vez de um corpo fixo e fechado de compreensões.

do espaço na escala de capitais individuais e a tendência também crescente da igualação do capital para a sua emancipação do espaço na escala global. Os precursores que tiveram a agudeza de perceber tal caráter contraditório da produção do espaço foram Marx, Rosa de Luxemburgo, Lênin e Bukharin, e mais tarde Henri Lefebvre. Esta dialética de diferenciação e equalização geográfica junto com a Teoria do desenvolvimento econômico desigual historicamente referenciado, constitui o método que integra a compreensão do processo social a produção capitalista do espaço que denominamos de materialismo histórico-geográfico, e que tem como um dos seus maiores teóricos a Neil Smith (1984).

Assim, é fato que as relações sociais mais amplas, nas quais o Pontal do Paranapanema se encaixa, são também geograficamente diferenciadas. Ou, como nos lembra Thomaz Jr. (2004), “[...] como desconsiderarmos para a explicação da luta dos trabalhadores assalariados no campo e dos conflitos sociais em torno da Luta pela Terra no Brasil, os elementos condicionantes do edifício social como um todo?” (p.10).

Ou seja, a dinâmica que envolve a organização e reorganização espacial tem na própria dinâmica capitalista a sua determinação fundamental. Basta lembrar o processo de formação social, histórica e geograficamente definida, do Pontal. Grandes proprietários e trabalhadores posseiros. Grande latifúndio e o assentamento de reforma agrária.

Então, ao deparando-nos com a “trama societária” que protagoniza o desenho territorial da região, podemos observar a síntese escalar que Guimarães (2003) apresenta.

Ou seja, o “desenho societal” dos sem-terra também é engendrado pelas transformações recentes do mundo do trabalho à escala global. Em outras palavras, pelas mudanças na forma de ser e existir da classe que, nos termos de Antunes (1995), vive do trabalho.

Tais transformações fazem menção à reestruturação do capital, como resultado da sua crise estrutural, que se evidencia mundialmente a partir dos anos 1970. Até então, o período se caracterizou pela acumulação de capitais garantida pelo pacto keynesiano e o auge do fordismo. A crise manifestou-se, primeiramente, no próprio esgotamento do modelo de acumulação centrado nas bases fordistas-tayloristas, juntamente à redução dos níveis de produtividade do capital por meio da queda da taxa de lucro e a consolidação da crise fiscal do Estado capitalista, Estado do Bem-estar, traduzida pela redução dos gastos públicos.

Diante deste quadro, para recuperar o ciclo produtivo do capital, se levou a cabo a reorganização dos seus pilares constitutivos: no plano econômico, a través da reestruturação produtiva pautada na consolidação das formas de acumulação flexível⁸³, e no político, através da consolidação do pensamento único neoliberal centrado na intensificação da privatização e conseqüente redução do capital produtivo estatal.

Esta reorganização da base societária do capital, como nos diz Thomaz Jr. (2004), produziu intensas modificações no mundo do trabalho, ou seja, nas formas do trabalho e do trabalhador.

Se, focamos agora as transformações recentes da agropecuária brasileira, tais como a redefinição das relações de produção e trabalho, a “modernização” e industrialização da agricultura etc., não podemos deixar de entendê-las por fora deste quadro de reorganização societal. O que implica, na nossa análise, que o conjunto heterogêneo e crescente de trabalhadores e trabalhadoras que se põem em movimento sob a bandeira de luta pela terra e a reforma agrária, não

⁸³ A flexibilização influencia os padrões de organização territorial da sociedade envoltos na estruturação escalar do espaço. Este paradigma se pauta no desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias ao processo de produção, destacando-se a microeletrônica, o que repercute diretamente na organização industrial. Nestes termos, destaca o estudo desenvolvido por Gonçalves (2004) sobre a articulação escalar da indústria de confecções de Cianorte no Estado de Paraná, que parte da escala urbana como ponto privilegiado da sua análise.

pode ser compreendido à margem deste processo global. Principalmente porque eles mesmos não o fazem.

A existência da Via Campesina é a evidencia dessa constatação. E, as famílias de militantes sem-terra acampadas no Pontal do Paranapanema são Via Campesina como também são MST.

Segundo dados desta organização, as políticas agrícolas e o modelo de agricultura industrial intensificam o desaparecimento de famílias camponesas de maneira alarmante em todo o planeta. Da União Européia à América Latina a situação é alarmante, sendo que no caso brasileiro a repressão e a violência se somam a essa destruição. A consequência global é a concentração da terra e a intensificação da miséria.

Arelado a isto, as instituições de controle financeiro se expandem. Se inicialmente o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) eram os encarregados de custodiar o capital, agora este papel é igualmente assumido pelas Nações Unidas (ONU), através de diferentes organismos: UNCTAD e FAO.

A multiplicação de tratados de livre comércio e acordos internacionais, por outra parte, somente têm assegurado as condições necessárias para que as empresas transnacionais maximizem seus lucros, impondo aparatos jurídicos que destroem os princípios básicos de proteção aos direitos humanos e sociais. Os tratados bilaterais de livre comércio se têm mostrado como as ferramentas mais ativas das políticas neoliberais da OMC, BM e FMI nos últimos tempos, juntamente ao uso de bloqueios comerciais sobre os Estados, como armas econômicas e políticas. Violações deste tipo são sistemáticas na atualidade acompanham a repressão preventiva e a criminalização de muitas formas de

organização social e movimentos de trabalhadores, como o MST no Brasil, vivenciam no seu cotidiano de luta.

Uma outra denúncia que a Via Campesina traz é a marginalização e a situação de vulnerabilidade social crescente de jovens e mulheres, vítimas destacadas da privatização dos serviços básicos, da concentração de terra e da destruição dos hábitos alimentares locais, das práticas agriculturáveis, e do mercado local. E, dramaticamente, da exploração do trabalho escravo que impõem as empresas transnacionais⁸⁴, e as de capital nacional.

A resposta da Via Campesina a tudo isto, na qual se inscreve o MST do Pontal, é um projeto de sociedade que, por princípio, se situa visceralmente contra o modelo neoliberal e que tem conseguido colocar o movimento camponês no centro das lutas populares, das lutas da classe trabalhadora.

Por isso, ressaltamos a importância e nos aderimos à leitura geográfica da questão agrária brasileira e, particularmente, das formas de luta pela terra e a mobilização social no campo, que recupera o sujeito histórico: os trabalhadores e as trabalhadoras rurais⁸⁵. Aliás, o seu papel e projeto de vida e de sociedade.

De tal modo, quando nos referimos às assentadas e acampadas no Pontal do Paranapanema, trazemos à tona uma dimensão da sua condição de existência, mas é o conceito de trabalhadoras que as define. Acampada e assentada adjetivam uma substância, a do ser social que trabalha.

⁸⁴ Basta destacar a impunidade com que as *maquiladoras* ou *maquilas*, também conhecidas como os *talleres del sudor* (galpões do suor) atuam na fronteira México-USA, contratando em condições subumanas a força de trabalho de mulheres campesinas expropriadas. A condição de violência genocida sobre estas trabalhadoras é tamanha que tem recebido o nome de feminicídio.

⁸⁵ Cabe destacar o trabalho de autores como Antonio Thomaz Junior, Renata C. Valenciano, Edvaldo Carlos de Lima, Jorge R. Montenegro Gómez, Alexandre Dominguez Ribas, e Sonia M. Ribeiro geógrafos que se debruçam sobre temas concretos do mundo do trabalho e a luta pela Reforma Agrária no Brasil.

Este viés analítico, como destaca Ribas (2004) a partir das idéias de Thomaz Jr. (2001), nos permite compreender a complexidade da trama societária da luta pela terra a partir do trabalho, sendo que “essa é uma problemática que perpassa, indubitavelmente, pela própria “questão” cidade x campo” (2004, p. 23). Porém, será que perpassa só a questão cidade x campo? E a questão regional? E a do próprio corpo que trabalha?

4.4. Da *questão agrária* e da *questão de gênero*: quem são os sujeitos da luta?

O conceito chave em torno do qual organizamos este texto é, como vimos argumentando, o gênero. Nesta sintonia o conflito agrário, como não poderia ser de outra maneira no nosso caso, também é plausível de ser problematizando a partir das relações de gênero que nele se inscrevem, além de necessário.

Os conceitos de camponês, pequeno produtor, agricultor familiar, assalariado rural e sem terra estão, entre outros, presentes no discurso construído pela Geografia agrária brasileira. Todos eles se relacionam por sua vez às disputas teóricas travadas entorno da, assim denominada, *questão agrária*.

Neste ponto, cabe questionarmos, em primeiro lugar quais processos, relações, sujeitos, enfim tramas sociais e desenhos territoriais se definem sob esse termo complexo. Porque, nos perguntamos: a reprodução social e a produção de papéis sociais diferenciados para homens e mulheres formam parte desta problemática? Ou, em sentido amplo, a *questão de gênero*, nos termos que temos colocado neste trabalho, é parte da *questão agrária*?

Para Fernandes (2001) a *questão agrária* é um conjunto de problemas:

[...] relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente a concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento na agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade da vida e a dignidade humana (p.23-24).

Mais adiante, amplia:

A questão não é só distribuição de terra, mas também construir novas relações de poder com a participação dos trabalhadores na efetivação das políticas públicas (p. 27).

Em segundo lugar, é importante ensaiar teoricamente acerca do sujeito histórico objeto da pesquisa em Geografia, e no caso que nos ocupa, na Geografia agrária brasileira. Neste ponto, também levantamos um outro questionamento: será que continuar interpretando o trabalhador enquanto *a-generado*, *a-racializado*, *a-sexuado*, é defensável no sentido de entendermos a complexidade da realidade agrária?

Muitos de nós, quando falamos da *questão agrária* hoje no Brasil, falamos em termos de conflito, de litígio, ou ao menos em última instância da existência de uma demanda social. A *questão agrária* é uma relação de poder, uma relação social em contínuo movimento⁸⁶. Este ir e vir é guiado pela confrontação de forças entre os interesses do capital agropecuário e as formas de resistência dos camponeses e trabalhadores.

⁸⁶ Neste ponto recuperamos Lefèbvre 1998 [1969]. Todo pensamento é movimento. O pensamento que se detém deixa os seus produtos: obras, textos, resultados ideológicos, verdades, mas tem cessado de pensar (...) não só todo pensamento “é” um movimento de pensamento, senão que também todo pensamento verdadeiro é pensamento (e conhecimento) de um movimento, de um devir. (102)

Sabemos que o conflito é histórico⁸⁷ e se constitui, como nos mostra Oliveira (1996) [1988] como uma das marcas do desenvolvimento do processo de ocupação do campo no Brasil, ou seja da produção do território capitalista como produto concreto da luta de classes. O território é, por tanto, uma totalidade histórica que nas palavras deste autor (1992: 02):

[...] não é um *prius* ou um *apriori*, mas a continua luta da sociedade pela socialização igualmente contínua da natureza.
O processo de construção do território é pois, simultaneamente, construção/destruição/manutenção/transformação. É em síntese a unidade dialética, por tanto contraditória, da espacialidade que a sociedade desenvolve.

Atendendo a esta dialética, o desenho territorial que ao longo do tempo foi configurando a estrutura agrária no Brasil é resultado de um processo que se inicia na conquista e destruição do território indígena e que hoje concretiza a sua lógica de reprodução contraditória na expansão do latifúndio e a recriação de unidades familiares camponesas expressas enquanto áreas de posse, reservas extrativistas, assentamentos rurais, etc. na territorialização do capital monopolista na agricultura⁸⁸ (Thomaz Jr., 2002) e o domínio sobre o território de frações de

⁸⁷ Para aceder a uma sintética retrospectiva dos temas e estudos que hoje conformam referencias fundamentais na pesquisa da questão agrária, consultar Fernandes (2001: 26-30).

⁸⁸ Cabe aqui um esclarecimento importante neste processo. A territorialização do monopólio capitalista ocorre quando o capitalista (agro)industrial é também o proprietário da terra, estaríamos diante da hegemonia da territorialização do monopólio capitalista exemplificado no estudo de Thomaz Jr. (2002), sobre o desenvolvimento das empresas sucroalcooleiras no Estado de São Paulo. Sabemos também, que o capital pode monopolizar o território sem territorializar-se, ou seja, sem expandir suas garras sobre a propriedade da terra, garantindo, pois, as condições para sujeitar a renda da terra. Isto significa que a ação do capitalista sobre o território se dá mediante a apropriação da renda da terra, tanto na produção - na qual teremos a territorialização e a monopolização -, como só na circulação, em que ocorre apenas a monopolização.

trabalhadores sem-terra, e entre o trabalho assalariado e o trabalho familiar de pequenos produtores.

Isto implica a permanência de velhos elementos e a construção de novos. As ocupações massivas de trabalhadores e trabalhadoras sem-terra são, de acordo com Fernandes (2001, p. 20) “as novas formas” que a partir da década de 1990 se destacam como ações políticas concretas da sua luta e sua principal forma do acesso á terra. Segundo este autor “é por meio delas que os trabalhadores sem-terra do campo e da cidade se ressocializam resistindo e se subordinando ao capital”(2001, p. 32).

Queremos destacar com isto que a realidade agrária não é um palco de consensos senão de lutas e de conflitos. Não é um território de agricultores familiares fortalecidos pelo Estado em sintonia com as leis do mercado, nem da lucrativa agricultura de exportação como alguns autores nos querem fazer pensar, o agronegócio.

No caminho da despolitização da questão agrária na academia, nos encontramos com vários autores que entendem a *agricultura familiar* como o conceito chave. As principais referências desta tese são as obras de Ricardo Abramovay, *Paradigmas do capitalismo agrário em questão* (1992) e o estudo comparativo de Lamarche sobre a realidade da produção familiar no Brasil, França, Canadá, Polônia e Tunísia, publicado em dois volumes: *A agricultura familiar: uma realidade multiforme* (1993) e *A agricultura familiar: do mito à realidade* (1998).

Nas suas teses não cabe a discussão da lógica que comanda o desenvolvimento no campo, muito menos os sujeitos históricos implicados. Ou seja, nelas a perspectiva de luta contra o capital se “desmancha no ar”, sendo que entendem o desenvolvimento do agricultor familiar no bojo da própria lógica do sistema capitalista. Apesar de ambos estudos conceberam a produção familiar como uma unidade de produção baseada no trabalho familiar, a análise de Abramovay

privilegia a dimensão econômica, enquanto este o estudo de Lamarche aborda a produção familiar como um objeto sociológico.

Ademais, como nos lembra Oliveira (2004), o desenvolvimento contraditório e desigual do capitalismo no Brasil gestou, contraditoriamente, latifundiários capitalistas e capitalistas latifundiários. Daí que os mesmos integrantes do mundo do agronegócio que continuam a pedir o fim dos subsídios agrícolas nos países desenvolvidos para que a produção mundializada da agricultura brasileira chegue ao mercado mundial insistem também, na recusa em aceitar a Reforma Agrária como caminho, igualmente moderno, para dar acesso à terra aos camponeses que querem produzir e viver no campo. Segundo este autor a incansável Luta pela Terra no Brasil tem essa dimensão de modernidade incompreendida pela elite fundiária e por parte da intelectualidade brasileira. Oliveira (2004) é claro ao afirmar:

[...] há intelectuais que preferem acreditar que o campo acabou e que a agricultura é atividade de “tempo parcial”. As pluriatividades estariam agora na agenda do dia, assim, a produção agrícola estaria em segundo plano. Estes intelectuais afirmam com apoio de parte da mídia brasileira que o campo urbanizou-se e não há mais sentido em falar-se em rural. A onda agora é o “novo rural brasileiro”, o “rururbano”. O campo do Brasil real foi substituído pelo Brasil de ficção virtual que emerge das análises estatísticas da PNAD – Pesquisas Nacionais por Amostragem Domiciliar, que o IBGE levanta (p. 4)

Ao entendermos a questão agrária sob os paradigmas da *agricultura familiar* e da *agricultura patronal*, submetemos o conflito social imanente e defendemos sua integração ao capital. Justificando até ações estatais⁸⁹ direcionadas

⁸⁹ Um resultado da incorporação do paradigma da agricultura familiar pelas agências reguladoras do Governo FHC foi a substituição do Programa Especial de Crédito para a Reforma Agrária, PROCERA, pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, PRONAF. Esta medida, segundo Fernandes (2001) não

para sufocar ações políticas de reivindicação de direitos constitucionais protagonizadas por trabalhadores sem-terras⁹⁰.

Mas, não só isso.

O paradigma de agricultura familiar se fundamenta na análise de “unidades de produção familiar”, ou seja, em “unidades de trabalho familiar”, onde nem trabalho nem família são problematizados. Isto significa ocultar as iniquidades de gênero, pois são impossíveis de analisar nestes termos.

Em primeiro lugar, o trabalho produtivo, como uma atividade familiar significa ignorar o trabalho desenvolvido fundamentalmente pelas mulheres, na unidade familiar, nas atividades reprodutivas, portanto não geradoras de valor, por isso não valoradas.

A noção de família se nos apresenta como uma unidade orgânica representada pela “chefia de família”, majoritariamente masculina, ocultando as divisões sociais e as desigualdades. Ou seja, a família aparece nestes estudos como uma entidade universal, um todo orgânico naturalizado e ausente de problematização.

Mas, o trabalho familiar é, entre outras coisas, um processo *generificado*, não só pela distribuição de tarefas senão também pelas condições sociais que existem por trás do trabalho dos homens e das mulheres. É importante levar em conta que a diferente situação das mulheres e dos homens, tanto dentro dos lotes, nos assentamentos, quanto no mercado de trabalho em geral se analisam em termos

representou só uma perda econômica para os trabalhadores, mas também uma derrota política na implantação de um projeto de resistência da Luta pela Terra.

⁹⁰ A este respeito concordamos com Lima (2004) quando afirma que: “[...] o MST é um movimento de reivindicação de direitos, igual que o resto dos Movimentos Sociais de Luta pela Terra e a Reforma Agrária (MSLTRA) no Brasil, porém, no caso do MST é de reivindicação radical no sentido de “se faz” ou “se faz”, amparado pela Constituição (Título VII, Capítulo III, Artigos 184, 185 e 186. Constituição Federal do Brasil). Não se trata pois, como demagogicamente se fala para subestimar ou desacreditar a luta, de uma revolução no campo, senão de uma luta democrática pela conquista dos direitos constitucionais que todo e qualquer cidadão brasileiro tem, e que opta por reivindicá-los no lugar de recorrer à esmola e caridade” (p. 40).

da negociação diária da autoridade e da influência, ou seja, do poder, nas decisões da unidade familiar ou do lugar do trabalho. Sendo que tais posições se encontram no contexto de valores e práticas institucionalizadas que concedem determinados poderes aos homens e tiram das mulheres enquanto sujeitos sociais.

O panorama da exploração agrária se define sempre pelas experiências e perspectivas dos homens. Por isso defendemos a necessidade de entendermos a vida no lote, no barraco, no acampamento e no assentamento, levando em conta as experiências e as ambições de mulheres e homens, diferenciadas e constitutivas deste contexto.

Porém, muitos estudos não levam em consideração a forma desigual em que homens e mulheres usam o espaço rural, por não considerar este fato importante. Tomam-se em consideração especialmente questões demográficas, econômicas, culturais e políticas.

Hoje, isto não tem permanecido inquestionável, modificando-se graças à incorporação desta variável em inúmeros trabalhos insertos no âmbito multidisciplinar do pensamento social.

A nossa abordagem é outra. Assim as contradições que ansiamos apreender são as travadas no bojo de uma realidade agrária protagonizada pelas formas de luta e resistência dos trabalhadores pela terra e a Reforma Agrária, simultâneas à intensificação da concentração fundiária. E através dessa análise temos constatado a construção do lugar diferenciado de homens e mulheres no espaço rural, nos mostrando como e porquê cada um vivencia o cotidiano do assentamento sob diferentes lógicas espaciais de organização. Esta tem sido a nossa *ponte*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de tese podemos afirmar que falar sobre e conhecer lugares, nos levou a constatar a estrutura *generificada* do espaço, enquanto produto da organização social. O lugar privilegiado que escolhemos para as nossas observações foi o passo do acampamento ao assentamento, constatando também a espacialidade *generificada* de outros lugares inseridos nestas escalas geográficas, como o lote, o barraco e o corpo. Porém, mais do que apresentar fatos detalhadamente, tentamos construir algumas linhas gerais de reflexão que possam servir como hipóteses para questionar noutros contextos as formas nas quais se está perfilando a relação gênero-espço.

Da dimensão metodológica destacamos a busca de técnicas de pesquisa em consonância com os objetos de estudo. E nos somamos àqueles que pensam que o desenvolvimento de novas técnicas qualitativas de investigação tem que continuar aumentando e se legitimando em toda a pesquisa geográfica, já que o “como fazer pesquisa” qualitativa vai além da mera constatação, pois demanda a reconceitualização permanente, a introdução de novas teorias, de novos temas e novos conceitos. Assim, as técnicas selecionadas se mostraram eficazes e fundamentais para fazer visíveis, *empoderar*, e diferenciar as mulheres trabalhadoras que lutam por terra.

Também verificamos como a construção do discurso geográfico internacional tem-se percorrido um importante caminho nos estudos de geografia e gênero, porém sem dúvida ainda há muito por fazer. A geografia feita no Brasil tem bastante a dizer, tanto empírica como teórica e metodologicamente. No

contexto da formulação de uma política de Reforma Agrária massiva é imprescindível aportar conhecimento sobre os lugares donde se concretiza a Luta contemporânea pela Terra, e na construção deste conhecimento, as relações de gênero e a sua extensão com outras categorias de análise é fundamental. A produção do espaço nestes lugares é a produção da vida, por isso da necessidade de compreendermos a sua lógica, incorporando a análise das relações de gênero a eles iminentes.

Da dimensão teórica do trabalho se destaca uma constatação. O reconhecimento que não podemos seguir pensando a relação espaço-sociedade “sem sujeitos”, imersos em relações de classe, de gênero, de raça, múltiplas relações sociais de poder. Com esse enfoque conseguimos apreender que a plena participação das mulheres na produção de espaços pode ser visualizada através da eliminação das limitações que as marginaliza ou as torna invisíveis, seja na participação do trabalho produtivo e reprodutivo, quanto nos processos de tomada de decisão e gestão da vida em sociedade. Os três desafios teóricos colocados foram: reconhecer a relação entre os indivíduos atuando em contextos locais e processos globais, conectar a pesquisa a distintas escalas e não separar artificialmente os aspetos econômicos e sociais que aparecem conjuntamente nos fenômenos humanos, sempre de caráter multidimensional.

Só mediante a pesquisa que podemos verificar como a divisão sexual do trabalho participa da construção do espaço, ou seja, compreender a dimensão espacial do processo de divisão sexual e suas implicações para homens e mulheres trabalhadores.

Nos acampamentos tivemos oportunidade de verificar como a exclusão social e o projeto político de ocupação e resistência unem na mesma luta acampados e acampadas. A organização do acampamento em barracos próximos

uns dos outros facilita a cooperação e a socialização da vida entre todos os seus membros. Não obstante, a coletivização das funções não implica a mudança dos valores sociais que reproduzem a assimetria de gênero, fazendo com que as mulheres fiquem presas a convencionalismos e moralismos dos quais os homens não são cobrados. Além, o discurso da equidade entre homens e mulheres é apropriado por acampadas e assentadas, mas continua-se acreditando que certas tarefas cabem “*naturalmente*” às mulheres porque elas levam “*mais jeito*”. Por isso uma discussão importante e necessária na pauta de atuação de qualquer movimento e cunho emancipatório, em direção à plena politização dos seus membros. Pois constatamos ainda que as forças sociais que atuam e se articulam nos assentamentos e acampamentos refletem uma ideologia de gênero herdada e hegemônica na sociedade ocidental, fundamentada na opressão das mulheres. A discussão neste ponto também se faz relevante pela necessidade urgente de reverter uma situação que limita, não só as vidas das mulheres em muitas partes do mundo, senão o universo da classe trabalhadora pois é a combinação do capitalismo – patriarcal quem se apropria da práxis social dos trabalhadores contemporâneos.

Uma constatação foi também que a relativa equidade entre os companheiros e companheiras de luta, observada nos acampamentos, perde significado nos assentamentos, quando a participação feminina se torna surpreendentemente restrita. A propriedade privada e a família se apresentam como os dois governos das dessas famílias trabalhadoras repercutindo diretamente na sua atividade, desenvolvimento e luta política.

Por isso, as organizações de trabalhadoras onde se privilegiam as diferenças de gênero supõem caminhos abertos por onde trilhar as mudanças práticas e estratégicas contra a opressão e as suas faces. Em todas as escalas geográficas, desde o corpo que trabalha até a construção de um barraco, desde o

sentido do acampamento para uma trabalhadora até o mercado que coloca os preços da sua cesta básica.

A produção do espaço nestes lugares é a produção da vida, por isso a necessidade de compreendermos a sua lógica, incorporando a análise das relações de gênero a eles iminentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOVAY & M. RUA, M.G. **Companheiras de luta ou “coordenadoras de Painelas”**. Brasília: UNESCO, 2000.

ALENTEJANO, P.R. **Reforma agrária, território e desenvolvimento no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado). ICHS-UFRRJ - Rio de Janeiro, 2003.

ALMEIDA, R.A. **Identidade, distinção e territorialização; o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul**. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, 2003.

ALVES, G. **O Novo e precário mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ALVES, G. **Trabalho e mundialização do capital**. Londrina: Práxis, 1999.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ARAÚJO, L. **O trabalho da mulher nos assentamentos rurais. O exemplo da Gleba XV de Novembro, Rosana e Areia Branca no Pontal de Paranapanema Paulista**. 1995. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, 1995.

BARBOSA, Jorge Luiz. **As paisagens crepusculares da ficção científica: a elegia das utopias urbanas do modernismo**. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 2002.

BAYLINA FERRÉ, M. **El estudio de las mujeres y la sociedad rural: nuevos métodos para nuevos temas de investigación**. CD-ROOM, Asociación de Geógrafos Españoles, AGE-2003, p. 84-92.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo; A experiência vivida**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo; Fatos e Mitos**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

BERMAN, M. **Aventuras no Marxismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- BIHR, A. **Da grande noite à alternativa**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BLAY, E. A. Mulher e política. **Folha de São Paulo**. p. D-9, 23-10, São Paulo, 1990.
- BLAY, E.A. Núcleo de Estudo Universitários sobre mulher no Brasil. **Núcleo de estudos da mulher e Relações Sociais de Gênero**. São Paulo, p.5, 1990.
- BLAY, E. A. Mulheres e Movimentos Sociais. **São Paulo em Perspectiva**, p. 45-47, 8(3), 1994.
- BOGO, A. O MST e a Cultura. **Caderno de Formação**, nº 34. São Paulo: Editora Peres, 2000.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.133-184, jul. dez., 1995.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 1997.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Campinas: Papirus, 2000.
- BRANDÃO, A.P. **Do lugar das mulheres e das mulheres fora de lugar**. Niterói: Ed. UFF, 2001.
- BRENNER, N. The limits to scale? Methodological reflections on scalar structuration. **Progress in Human Geography**, 25, 4, pp. 591-614, 2001.
- BRUSCHINI, C.& COSTA, A.O (org.) **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- BUARQUE, C. **A dimensão de gênero no mundo rural brasileiro contemporâneo**. Disponível em: www.iica.org.br/eventos/Arquivos/Sem_Genero/CristinaBuarque.pdf_ Acesso em: 12/10/2003.
- BUTTO, A. **A perspectiva de gênero nos programas de desenvolvimento rural e combate à pobreza no Brasil: políticas públicas**. Disponível em; < iica.org.br/eventos/Arquivos/Sem_Genero > Acesso em: 04/05/2003.
- CALIÓ, S.A. **Relações de gênero na cidade. Uma atribuição do pensamento**

- feminista à Geografia Urbana.** Tese (Doutorado). FFCLH/USP, São Paulo, 1991.
- CAMPOS, C. **Refletindo sobre as relações de Gênero e /no MST.** Eldorado do Sul: MST, 2001. (Coletivo de Gênero-MST).
- CARVALHO, O.A. **Da exclusão à cidadania: globalização e movimentos sociais.** Disponível em: < <http://zonanon.org> > Acesso em: 01/05/2004.
- CARVALHO, H.M. **Comunidades de resistência e superação.** Curitiba, 2002.(mimeo).
- CERTEAU, M. **Artes de fazer. A invenção do cotidiano.** 2^a. Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital.** São Paulo: Xama, 1996.
- CHOMSKY, N.; MITCHELL, P; SCHOEFFEL, J. **Obra essencial: Chomsky.** Barcelona: Crítica, 2002.
- CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Matrizes da Geografia Cultural.** Ed UERJ, Rio de Janeiro: 2001.
- CNMT/CUT(Comissão Nacional de Mulher Trabalhadora da Central Única de Trabalhadores.) **Política de Gênero: Igualdade de oportunidades um desafio para a CUT.** Disponível em: < www.cut.org.com.br > . Acesso em: 14/10/2002.
- COLOMBARA, M. **Geografia de Gênero.** Disponível em: < www.fempres.cl/base > . Aceso em: 14/10/2002.
- CORRÊA. R. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: **Geografia, conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte. In CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998.

COSGROVE, D. Geografia Cultural do Milênio. In CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999.

DELGADO, C.V. Los fundamentos morales y espaciales del capitalismo. In: OLIVERA, P. **Espacio Geográfico. Epistemología y diversidad**. México: UNAM, 2003

DELGADO, D.G.; CAPPELLIN, P.; SOARES,V. **Mulher e trabalho. Experiências de ação afirmativa**.São Paulo: Boitempo, 2000.

ENGELS, F. **El origen de la familia, la propiedad privada y e Estado**. Madrid: Alba Libros,1998.

FELDMAN-BIANCO, B. e LEITE, M.M. (orgs). **Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. 2da. Ed. Rio de Janeiro: Papirus, 2001.

FELICIANO, C.A. **O Movimento camponês rebelde e a Geografia da reforma agrária**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, Maio de 2003.

FERNANDES, B.M. **MST: formação e territorialização**. São Paulo:Hucitec, 1996.

FERNANDES, B.M. **Brava gente - a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil (uma entrevista com João Pedro Stédile)**. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 1999.

FERNANDES, B.M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis:Vozes, 2000.

FERNANDES, B.M. Movimento social como categoria geográfica. **Terra Livre**, n.15, p.59-87, 2000. Disponível em: < www.agb.com.br/terra-livre.htm > . Acesso em: 12/03/2003.

FERNANDES, B.M. **A questão agrária, a pesquisa e o MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES, B.M. **Movimento socioterritorial e “globalização”: algumas reflexões a partir do caso do MST** .Presidente Prudente, 2003. (mimeo).

FORRESTER, V. **O Horror Econômico**.São Paulo: Editora Unesp, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In RABINOW, P; DREYFUS, H. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRAISSE, G. **Los dos gobiernos: la familia y la ciudad**. Cátedra: Madrid, 2003.

FRAISSE, G. **El concepto filosófico de género**. Disponível em:
<www.eroparl.eu.int/transl_es?plataforma/pagina/celter/art2fraisse.html> .
Acesso em : 29/03/2004.

GARCIA RAMON, M.D. La geografia como compromiso social: um recorrido desde la geografia social a la geografia del género. p.213-234 In **Espacios rurales y urbanos. La geografia como compromiso social**. Barcelona: Oikos-Tau, 1990.

GOHN, M.G. **História dos movimentos e lutas sociais**. Loyola: São Paulo, 1995

GOHN, M.G. Os Sem-Terra e os desafios da participação popular no meio rural brasileiro: ação política e imagem neste final de milênio. p. 189-213. **Caderno do Centro de Recursos Humanos. Faces do Novo Rural**. Salvador de Bahia, v.28, jan. jun, 1998.

GÓMEZ, J.M. **Políticas públicas de desenvolvimento rural e o projeto de reforma agrária do MST no Noroeste do Paraná: uma contribuição ao entendimento do conflito capital x trabalho, da gestão territorial do Estado e do controle social do capital**. 2002. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá. Paraná.

GOMES, E.,T.,A. Natureza e Cultura – Representações na paisagem. In CORRÊA, R.L. ; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

GREMPEL, M.B. **Os assentamentos rurais coletivos do noroeste do Paraná e a participação da mulher nos processos de Luta**. 2000. Dissertação Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

GRZYBOWSKI, C. **Caminhos e descaminhos dos Movimentos Sociais no**

Campo. Petrópolis: Vozes, 1990.

GUIMARÃES, R. Atores políticos, representação social e produção da escala geográfica. In: **Espiral do espaço**. Presidente Prudente: GASPERR, 2004.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis (Rio de Janeiro), Vozes, 1995.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUATTARI, F e ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, A.A. **O amor e o ódio na vida do professor**. Tese (Doutorado), Campinas: UNICAMP, 1999.

GUTERRES, S. **Classe social e gênero: elementos para uma controvérsia**. 2001. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORRÊA, L (Org). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

HAESBAERT, R. Território, cultura e desterritorialização. In: CORRÊA, L (Org). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HARAWAY, D. **Ciencia, cyborgs y mujeres: La reinencion de la naturaleza**. Madrid: Catedra, 1995.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, D. La geografia del poder de clase. **Viento del Sur**, n.14, marzo, 1999. México.

HARVEY, D. **Espacios de esperanza**. Akal: Barcelona, 2003

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas metodológicas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, L (Org). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

KOZEL, S. As representações no geográfico. KOZEL, S.; MENDONÇA, F (Orgs). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 2001.

LAFARGUE, P. **O direito á preguiça**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

LANG, A.B. Trabalhando com historia oral reflexões sobre procedimentos de pesquisa. **Cadernos CERU**, Araraquara, Serie 2, n.11, p.123-134, 2000.

LAURETIS, T de. **Alicia ya no**. Madrid: Cátedra, 1992

LEFEBVRE, H. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia. Contribuciones a la Teoría de las representaciones**. México: Fondo de cultura económica, 1983.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialéctica**. México: Siglo XXI, 1998.

LEMOS, A.I.G. Mulher moradia e movimentos sociais urbanos na apropriação do espaço metropolitano de São Paulo. **Boletim de Geografia Teorética**. Rio Claro, São Paulo, 22 (43-44): 288-291, 1992.

LERRER, D. **Reforma Agrária.Os caminhos do impasse**. Garçoni: São Paulo, 2003

LESSA, S. Itsván Mészáros (Beyond capital). **Crítica marxista**, v.1, n.6, 1998.São Paulo.

LIMA, E.C. **As diferentes frentes de luta pela terra e a reforma agrária no Pontal de Paranapanema**. 2000. Relatório de Pesquisa. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

LIMA, E.C. **Movimentos sociais de Luta pela Reforma Agrária: Dissidências e dinâmica territorial no Pontal do Paranapanema**. 2004. Relatório de Qualificação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

LINDO, S.G. **Gênero, institucionalidad y território**. Disponível em: <[www.iica.org.br/eventos/arquivos/Sem Genero](http://www.iica.org.br/eventos/arquivos/Sem_Genero)>

LOBO, E.S. A luta das mulheres. In: **Anais do Seminário “O Retorno do ator”**. França/Brasil. Movimentos Sociais em perspectiva, São Paulo, p.132-139, USP, 1991.

LOBO, E.S. Uma nova identidade. **Tempo e presença**. São Paulo, 11 (248): 8-9, dez. 1989.

LOURO, G.L. Gênero, Historia e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.101-132, jul/dez., 1995.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Vozes, 1997.

LOURO, G.L. Género y magisterio em Brasil: identidad, historia y representación. **Archipiélago. Cuadernos de Crítica de la Cultura**, n.30, p. 32-39, otoño, 1997.

LOURO, G.L. **Nas redes do conceito de gênero**. Disponível em <www.ufrgs.br/faced/geerge/Redes.htm>

LUCHIARI, M., T., D., P. A (Re)significação da paisagem no período contemporâneo. In CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

MacKINNON, C. **Hacia una Teoría Feminista del Estado**. Madrid. Cátedra, 1995

MARTIN, J.Y. A geograficidade dos movimentos socioespaciais. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, n.19/20, p. 26-41, 1997.

MARTIN, J.Y. Uma reflexão da nova radicalidade popular: algumas reflexões a

partir do caso do MST. **Terra Livre**. São Paulo, ano 18, n. 19, p.11-36, jul./dez. 2002

MARTINS, J.S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

MARTINS, J.S. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996

MARTINS, J.S. **Reforma Agrária. O impossível diálogo**. São Paulo: Record, 2000.

MARSTON, S.A. The social construction of scale. **Progress in Human Geography** 24, 2, pp. 219-242, 2000.

MARSTON, S.A; SMITH, N. States, scales and households: limits to scale thinking? A response to Brenner. **Progress in Human Geography** 25, 4, pp. 615-619, 2001.

MARX, Karl. **El Capital**. Buenos Aires: Claridad, 1966.

MASSEY, D. O sentido global do lugar. In ARANTES, A (org). **O espaço da diferença**. Campinas/São Paulo: Papirus, 2000.

MASSEY, D. **Space, place and gender**. Cambridge, Polity Press, 1994.

MacKENZIE, S. Editorial Introduction. **Antipode**, v.6, n.3, p.3-10, 1984

MacKINNON, C. A. **Hacia una teoría feminista del Estado**. Cátedra, Madrid, 1995.

McDOWELL, L. **Género, Identidad y lugar**. Madrid, Cátedra, 2000.

MELO, V., M. Paisagem e Simbolismo. In CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Ed UERJ, Rio de Janeiro, 2001

MÉSZÁROS, I. O marxismo hoje: entrevista com Méstzáros. **Crítica Marxista**, n.3, p. 129-137, 1996.

MÉSZÁROS, . **O século XXI - socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.

MEYER, D.E. **Alguns são mais iguais que outros: etnia, raça e nação no currículo escolar**. Disponível em: <<http://www.ufgrs.br/faced/geerge/Iguais.htm>>.

Acesso em: 24/08/00.

MOLYNEUX, M. **Movimentos de mujeres em América Latina. Estúdio teórico comparado.** Cátedra, Madrid, 2003.

MOORE, H. **Antropología y feminismo.** Madrid, Cátedra, 1999.

MOREIRA, R. Categorias, conceitos e princípios lógicos para (o ensino e o método de) uma geografia dialeticamente pensada. In **Anais do I Encontro Nacional de Ensino em Geografia – Fala Professor**, AGB, UNB, Brasília, 1987.

MOREIRA, R. **O círculo e a espiral.** Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1993.

MOREIA, R. **A diferença e a Geografia (o ardil da identidade e a representação da diferença na Geografia).** Rio de Janeiro, 1999. (mimeogr.)

MOREIRA, R. As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades. **Geografia**, ano III, n.5, setembro, 2001, Revista do Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. UFF.

MOREIRA, R. Tese para uma Geografia do Trabalho. **Ciência Geográfica.** v.2,ano VIII, n.22, Maio/Agosto, 2002. AGB-Bauru, São Paulo.

MOREIRA, R. Trabalho e movimentos sociais no Brasil: um diálogo possível no âmbito da luta emancipatória?. **Pegada**, vol.4, n.1, p.41-62, 2003, CEGeT/CEMOSI, Presidente Prudente.

MOREIRA, F.S. **Fronteiras do desejo.**(Tese doutorado).Universidade de São Paulo, USP, 1999.

MOSER, Caroline. La planificación de Genero en el tercer Mundo: Enfrentando las Necesidades Prácticas y Estratégicas de Género. In GUZMÁN, V; PORTOCARREO, P, & VARGAS, V. **Una nueva lectura: Género en el desarrollo.** Lima, Entre Mujeres / Flora Tristán, 1991.

MST. Gênese e desenvolvimento do MST. **Cadernos do MST**, n. 30, 1997, São Paulo.

MST. Compreender e construir novas relações de gênero. **Coletânea de textos do Coletivo Nacional de Mulheres do MST.** São Paulo, 1998.

- MST. Mulher Sem Terra. **Caderno de Formação**, Publicações de gênero, n.2. 1999.
- MST. **Reforma Agrária: Por um Brasil Sem Latifúndio!** In 4º Congresso Nacional-MST, Brasília (DF), 7/11 de agosto de 2000.
- MST. **Construindo novas relações de gênero, desafiando relações de poder.** Sector Nacional de Gênero. São Paulo, Julho 2003.
- MMTR. **Mulheres trabalhadoras rurais analisando a realidade e propondo alternativas para avançar na organização de políticas públicas para as mulheres.** Disponível em : < www.iica.org.br/eventos/arquivos/Sem_Genero >
- NAVARRO, Z. Democracia, cidadania e representação: os movimentos sociais rurais no estado do rio Grande do Sul, Brasil, 1978-1990. In: NAVARRO, Z (org.) **Política, protesto e cidadania no campo.** Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1996.
- NAVARRO, Z. “Mobilizações sem emancipação” - as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. In: SANTOS, B.S (org). **Produzir para viver - os caminhos da produção não capitalista.** Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2002.
- NIZZA da SILVA, M.B. História da mulher no Brasil: tendências e perspectivas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Saõ Paulo, n. 27, p.75-91, 1987.
- OLIVEIRA, A.U. **A geografia das lutas no campo.**São Paulo: Contexto, 1999.
- OLIVEIRA, A.U. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In CARLOS, A.F. **Novos caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 1999.
- OLIVEIRA, A.U; MARTINS, H. **Agricultura brasileira: Tendências, perspectivas e correlação de forças sociais.** Via Campesina Brasil: Brasília, 2004.
- OLIVEIRA, M. **Trabalhar em casa na era do fim do emprego.** São Paulo: Olho d`água, 2001.
- PAOLI, M.C. As ciências sociais, os movimentos sociais e a questão de gênero. **Novos estudos.** São Paulo, p.107-120, outubro.

PEREIRA, C.D. **Espacialidade da Produção: uma geografia da Ford Motor Company na escala do Brasil e do mundo.** 2001. Tese (Doutorado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

PEREIRA, H (Orgs.) **Agricultura familiar nos assentamentos rurais: as relações entre mulheres e homens. O caso do Pontal de Paranapanema.** Rio de Janeiro: FAO/INCRA, 1996. Disponível em: < www.incra.gov.br/fao/ >

PINTO, C. R. “Movimentos Sociais: espaços privilegiados a mulher enquanto sujeito político” In COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero.** (p.127 - 150). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

PLACCO, V.M.N.S. **Um estudo de representações sociais de professores de ensino médio quanto à aids, às drogas, à violência e à prevenção.** O trabalho com grupos focais. Presidente Prudente, 2004. (mimeo).

RACINE, J.B, RAFFESIN, C. & RUFFY, V. Escala e ação, contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática da geografia. **Revista brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro: IBGE, v.45, n.1, pp. 123-135, jan./mar., 1983.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RICCI, R. **Movimentos Sociais Rurais nos anos 90.** (mimeo), 2003.

REVISTA ARCHIPIÉLAGO. Cuadernos de crítica de la cultura. Monográfico: **Problemas de Género.** N.30, Barcelona, 1997.

REVISTA ARCHIPIÉLAGO. Cuadernos de crítica de la cultura. Monográfico: **Desconcertante Simone Weil.** N. 43, Barcelona, 2000.

REVISTA ARCHIPIÉLAGO. Cuadernos de crítica de la cultura. Monográfico: **Cornelius Castoriadis imaginación creadora, autonomía, revolución.** N. 54, Barcelona, 2002.

REVISTA de ESTUDOS FEMINISTAS. CFH/CCE/UFSC. Vol.9, n.2/2001

RIBAS, A. D. **Gestão Político-Territorial dos Assentamentos no Pontal do**

Parapanema (SP): Uma leitura a partir da COCAMP (Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados da Reforma Agrária no Pontal). 2002. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente. São Paulo.

ROSSINI, R. **Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista.** 1988.(Tese de Livre-docente) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

SABATE A. **Mujeres, espacio y sociedad. Hacia una Geografía del Género.** Madrid: Síntesis, 1995.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes. Mitos e realidades.** Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

SALTZMAN, J. **Equidad y Género.** Madrid: Cátedra, 1989.

SAMPAIO, P.A *et alli.* **II Plano Nacional de Reforma Agrária.** Brasília:2003 (mimeo)

SANTOS, B.S. (ORG). **Reconhecer para libertar.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço. Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria.** São Paulo: Unesp, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo: HUCITEC, 1997

SANTOS, M. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade,** v.20 (2). Porto Alegre, 1995.

SEENET, R. **A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** São Paulo: Record, 2001.

SILVA, R. **Sobre o camponês do sertão: produção do espaço e identidade camponesa em assentamentos do município de Goiás - GO.** Dissertação de Mestrado. FCT-Unesp, 2003 (162 pp.)

SILVEIRA, M.L. **Escala geográfica: da ação ao império?**. In: Colóquio O Discurso Geográfico na Aurora do Século XXI. Pós- Graduação em Geografia, UFSC, Florianópolis, 1996.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

SMITH, N. Geography, difference and the politics of scale. In: DOHERT, J; GRAHAM, E. (eds.). **Postmodernism and the Social Science**. Londres, 1992. Tradução de Franco, M.G. Disponível em: www.prudente.unesp/ceget

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção da escala geográfica. In: Arantes, A. (org): **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

SMITH, N. & KATZ, C. **Globalización: transformaciones urbanas, precarización social y discriminación de género**. La Laguna-España: Canaricard, 2000.

SOCHACZEWSKI, S.E. **A produção da vida: estudo do papel e lugar do trabalho na vida contemporânea**. 1998.Tese. (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

SOJA E. **Geografias Pós – modernas. A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

SOUZA-LOBO, E. A pratica “invisível” das operarias. In: KARTCHEVSKY, A. (org.) **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

SOUZA,M.L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO. I.E. **Geografia, conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, M.L. Território do outro, problemática do mesmo? O principio da autonomia e superação da dicotomia um universalismo versus relativismo cultural. In CORRÊA,L (org). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

SANTOS SOLLA, X. M. Espacios disidentes en los procesos de ordenación territorial. Pegada, vol 4, n.2, 2003.

SPÓSITO, M.P. Vida familiar e Movimentos Populares. **Revista Travessia**, No 09. Ano IV. Jan/Abr. SP. 1991

STÉDILE, J.P e FREI SÉRGIO. **La lucha por la tierra en Brasil**. Barcelona: Comité de suport al MST a Catalunya, 1997.

STÉDILE, J.P. (org) **A reforma agrária e a luta pela do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

STEPHEN, L. Relações de gênero: um estudo comparativo sobre organizações de mulheres rurais. In: NAVARRO, Z (org). **Política, protesto e cidadania no campo**. Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1996.

THOMAZ, JR. Desenho Societal dos Sem Terra no Brasil (uma contribuição à “leitura” geográfica do trabalho. *Pegada*, vol.2, no.2, 2001. Presidente Prudente, São Paulo. Disponível em: www.prudente.unesp/ceget

THOMAZ, JR. Leitura Geográfica e Gestão Político-Territorial na Sociedade de Classes. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n.24. Porto Alegre: AGB/Porto Alegre, 1998.

THOMAZ, JR. **Por trás dos canaviais, os “nós” da cana**. São Paulo: Annablume, 2002

THOMAZ, JR. Por uma Geografia do trabalho! (Reflexões preliminares). **Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Bardelona.vol.VI, num. 119 (27), 1 de agosto de 2002. Disponível em www.ub.es/geocrit/sn/sn119-5.htm

THOMAZ, JR. **Território em Transe**. Actas del Semanario Internacional sobre Perspectivas de Desarrollo en Ibéroamericana. Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico de la Universidad de la Universidad-USC, 1999.

TUBERT, S (org). **Del sexo al gênero. Los equívocos de um concepto**. Madrid, Cátedra, 2003.

VALENCIANO, C,R. Processo de Luta pela Terra e seus desdobramentos no Município de Teodoro Sampaio. *Pegada*, Vol.2, No.2, 2001. Presidente Prudente, São Paulo. Disponível em: www.prudente.unesp/ceget

VALENCIANO, R.C.& THOMAZ, JR. O papel da mulher na luta pela terra. Uma questão de gênero e/ou de classe? **Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociais**. Universidad de Bardelona.vol.VI, num. 119 (27), 1 de agosto de 2002. Disponível em www.ub.es/geocrit/sn/sn119-26.htm.

WHITAKER, D. Analise de entrevistas em pesquisas com historias de vida. **Cadernos CERU**, Araraquara, Serie 2, n.11, p.147-158, 2000.

WOLF, V. **Una habitación propia**. Madrid: Albor, 1998.

WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP. **Feminist Geographies. Explorations in diversity and difference**. London: Pearson Education, 1999.

YOUNG, I. **La justicia social y la política de la diferencia**. Madrid: Cátedra, 2000.

ANEXO A

ROTEIRO DE QUESTÕES GUIA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MULHERES TRABALHADORAS ACAMPADAS E ASSENTADAS.

1. FOCO: A LUTA PELA TERRA CONTADA POR ELAS

Desenvolvimento:

1.- História de vida da trabalhadora pré-inserção na luta pela terra: procedência, estado civil, responsabilidade familiar, experiências de trabalho, militância política e sindical, associacionismo?

2.- Processo de inserção na luta pela terra: participação na ocupação, vida no acampamento, o acesso ao lote, significado da luta para a trabalhadora em relação ao seu projeto de vida?

2. FOCO: O COTIDIANO DA LUTA

Desenvolvimento:

1.- O dia de trabalho na vida da mulher acampada.

Como é a divisão de tarefas na unidade familiar? Qual é a participação (por gênero e idade) dos membros da família na manutenção do grupo?

Tem atividade externa?

Como se dividem as jornadas de trabalho?

2.- O dia de trabalho na vida da mulher assentada

O trabalho desenvolvido no lote é familiar/diarista, coletivo/individual?

Troca serviços com os vizinhos?

Quais serviços? Realiza trabalhos na casa para fora? Realiza algum tipo de trabalho remunerado fora da casa?

3. FOCO: PENSAR, DECIDIR E FAZER

Desenvolvimento:

- 1.-Atuações no campo prático; quem exerce a tomada de decisões a respeito da produção? da comercialização? do crédito? da educação dos filhos? das melhoras na casa e no lote?
2. Atuações no campo moral; quais são as atuações/attitudes entendidas como “obrigatórias” para a mulher e para o homem?
3. Quais são as expectativas, desejos, projetos de vida e construção do futuro?

4. FOCO: OS TEMPOS E ESPAÇOS DE GÊNERO

Desenvolvimento:

- 1.Quais são os espaços de sociabilidade construídos pelas mulheres? Pelos homens?
- 2.Quais são os espaços e momentos de não trabalho para a mulher? Para o homem?
3. Quais são as atividades de lazer para a mulher? Para o homem?
4. Milita politicamente e/ou participa de organizações específicas de gênero?
5. Quais são as causas e os roteiros de mobilidade espacial das mulheres e homens militantes, acampados e assentados?

ANEXO B ROTEIRO DE QUESTÕES GUIA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MEMBROS DO COLETIVO DE GÊNERO DO MST EM ASSENTAMENTOS E ACAMPAMENTOS.

1. FOCO: A VIDA PREVIA Á INSERÇÃO NA LUTA

Desenvolvimento:

1- História de vida pré-acampamento: Origem e mobilidade espacial? Trajetória de trabalho antes de ser acampada/o? Militância (partido, sindicato) e associacionismo? Motivos da inserção no processo de luta pela terra?

2- História de vida nos acampamentos: só para representantes do Coletivo no Assentamento;

2. FOCO: TRABALHO E MILITÂNCIA NO ACAMPAMENTO

Desenvolvimento:

1- Participação:

Qual é o cargo que ocupa no Coletivo e quais são as atividades que desempenha em função disso no acampamento?

A quanto tempo participa do Coletivo e porque passou a formar parte?

Qual é o nível de participação no Coletivo das mulheres no acampamento?

A onde se reúnem e cada quanto tempo?

Quem participa das reuniões? Mulheres, homens, crianças?

Mulheres casadas e solteiras participam indistintamente? Novas e adultas?

2- Atuação:

Qual é a atuação do Coletivo no acampamento?

Quais são os objetivos imediatos colocados pelo Coletivo para o acampamento?

Realizam-se reuniões, assembléias, cursos?

Existe algum projeto em andamento coordenado pelo Coletivo no acampamento? Que tipo?

Existe parceria com outras entidades?

3- Percepção:

Qual é, a importância política do Coletivo do ponto de vista:

- da organização e gestão do acampamento?
- do fortalecimento e valorização da mulher trabalhadora?

- formação política das acampadas?

Quais são os principais impedimentos para a participação da mulher no Setor no acampamento?

Quais são as demandas colocadas pelas acampadas?

3. FOCO: TRABALHO E MILITÂNCIA NO ASSENTAMENTO

Desenvolvimento:

1-Participação:

Qual é o cargo que ocupa no Coletivo e quais são as atividades que desempenha em função disso no assentamento?

Há quanto tempo participa do Coletivo? Porque passou a formar parte?

Participava do Setor durante a fase de acampamento?

Qual é o nível de participação no Coletivo das mulheres no assentamento?

Onde se reúnem e cada quanto tempo? Quem participa das reuniões?

Mulheres, homens, crianças?

Mulheres casadas e solteiras participam indistintamente? Novas e adultas?

A mobilização política da mulher no assentamento é maior ou menor a do homem?

É maior a participação da mulher no assentamento do que no acampamento?

Existem outras associações específicas de mulheres no assentamento? Que tipo de demandas supre?

2-Atuação:

Qual é a atuação do Coletivo de Gênero no assentamento?

Quais são os objetivos imediatos colocados pelo Coletivo para o assentamento?

Quais são as linhas de atuação propostas?

Existe algum projeto em andamento coordenado pelo Coletivo no assentamento? Que tipo? Quantas mulheres fazem parte?

Existe alguma experiência de parceria com outras entidades no assentamento?

3-Percepção:

Qual é, a importância política do Coletivo do ponto de vista:

- da organização e gestão do assentamento.
- do fortalecimento e valorização da mulher trabalhadora
- formação política assentadas

Quais são os principais impedimentos para a participação da mulher no Coletivo de Gênero no assentamento?

Quais são os principais problemas com que se enfrenta o Coletivo no assentamento?

ANEXO C

ROTEIRO DE QUESTÕES GUIA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM LIDERANÇAS REGIONAIS DO COLETIVO DE GÊNERO

1. FOCO: HISTORIA DE VIDA

Desenvolvimento:

- 1-**Liderança:** Cargo e atividade que desempenha dentro da organização.
- 2-**Trajetória pessoal:** origem, mobilidade espacial, atividades desenvolvidas antes de chegar ao Pontal, militância política/sindical, formação, responsabilidade familiar.
- 3-**Processo de inserção na luta:** participação na ocupação?, tempo de acampamento? Atualidade como trabalhadora rural assentada? Ocupação e jornada de trabalho atual?
- 4-**Mulher trabalhadora rural e militante política:** Implicações pessoais da interação família? Tempo de trabalho e tempo de militância?

2. FOCO: O COLETIVO DE GÊNERO NO MST

Desenvolvimento:

- Como se criou e articulou o Coletivo de Gênero de Teodoro Sampaio, a partir do projeto estratégico do MST?
- Como, quando e porque nasce o coletivo dentro do movimento em Teodoro Sampaio?
- Como funciona e se articula no Pontal do Paranapanema, como é organizado?
- Tem representantes homens?
- Quais são os objetivos do Coletivo em relação aos objetivos políticos do MST?
- Qual é o seu âmbito na toma de decisões dentro do movimento?
- Quais são as linhas de atuação principais para a gestão de assentamentos e acampamentos?
- Como o Coletivo fortalece:
- politicamente ao MST?
 - ao assentamento/acampamento?
 - á mulher trabalhadora?
- Têm estabelecido parcerias com outras organizações de mulheres ou entidades e instituições oficiais?
- Quais, que tipo de colaboração estabelece-se ?

Até o momento, qual é conquista mais significativa do Coletivo?

Quais são os principais limites que o Coletivo encontra para a mobilização política das mulheres nos assentamento e acampamentos?

Qual é a pauta de reivindicações apresentada pelo Coletivo?

ANEXO D

ROTEIRO DE QUESTÕES GUIA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM ENTIDADES E INSTITUIÇÕES OFICIAIS ENVOLVIDAS

FOCOS:

1) A Luta pela Terra.

Há quanto tempo está vinculado ao trabalho diretamente com assentamentos/acampamentos? Qual é a sua atuação neles? Que atividades que desenvolve? Qual é o órgão em que está vinculado? Qual é a sua concepção sobre a Luta pela Terra? E especificamente a organizada pelo MST?

2) A Parceria

Existe parceria ou colaboração da instituição com o Coletivo de Gênero do MST?

Com qual? A onde (assentamentos/acampamentos)?

Que tipo de parceria? Existem convênios (projetos elaborados) ou outro tipo de relação, como ações imediatas para demandas específicas?

Desde quando, porque, e como surge a colaboração?

3) A Atuação

Quais são os projetos/atividades em andamento?

Existem projetos/atividades de cooperação futura?

A existência do projeto partiu da iniciativa da instituição ou foi procurado pelas organizações de mulheres?

Quais são as demandas específicas colocadas por estas organizações?

Qual é a natureza da colaboração atual, financeira, técnica, educacional?

4) O significado

O que são estas organizações no contexto da Luta pela Terra?

Qual é a sua percepção sobre a importância das organizações para os assentamentos e acampamentos?

Qual é a sua avaliação a respeito do fortalecimento da mulher trabalhadora por meio destas organizações?

Como entende a colaboração deste órgão/entidade para a organização das mulheres trabalhadoras assentadas e acampadas?